

VERA LÚCIA  
MARINZECK  
DE CARVALHO

MEU PÉ  
*de*  
JABUTICABA

*pelo espírito*

ANTONIO CARLOS

||| Academia

Eu mesma  
médium  
do best-seller  
**Violetas  
na janela**

MEU PÉ  
*de*  
JABUTICABA

VERA LÚCIA  
MARINZECK  
DE CARVALHO

MEU PÉ  
*de*  
JABUTICABA

*pelo espírito*  
ANTONIO CARLOS

))(Academia

SBD

Copyright © Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho, 2019

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2019

Todos os direitos reservados.

*Autoria:* Antonio Carlos

*Psicografia:* Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho

*Preparação:* Marcelo Rodrigues

*Revisão:* Érica Alvim, Olívia Tavares e Laura Vecchioli

*Diagramação:* Abreu's System

*Capa:* Rafael Brum

*Imagens de capa:* mythja/Shutterstock e Paulo Vilela/Shutterstock

*Adaptação para eBook:* Hondana

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Carlos, Antonio (Espírito)

Meu pé de jabuticaba / psicografado pela médium Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho. – São Paulo: Planeta, 2019.

224 p.

ISBN 978-85-422-1629-5

1. Romance espírita. 2. Obras psicografadas. I. Marinzeck, Vera Lúcia. II. Título.

19-0595

CDD 133.93

2019

Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Planeta do Brasil Ltda.

Bela Cintra, 986 – 4<sup>o</sup> andar – Consolação  
01415-002 – São Paulo-SP

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)  
[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

# 1

## O encontro

Júlio desceu rápido as escadas do hall do hotel onde, desde a noite anterior, estava hospedado. Chegara às vinte horas de carro, viajara por seis horas. Cansado, dormiu por oito horas até que um funcionário o acordou.

Com a notícia de que era aguardado, foi direto ao encontro do irmão e de sua prima, que o esperavam no salão onde o desjejum era servido.

Abraçaram-se.

— Torci o pé — queixou-se Alice. — Que lugar! — abaixou o tom de voz. — Que cidadezinha feia! O bom é que estamos nos vendo e estamos bem. Como está, Júlio? Pelo jeito, dormiu muito. Eu, pelo contrário, dormi pouco, senti medo. Há tempos não durmo sozinha e sem as crianças.

Júlio observou a prima, filha de sua tia Angelina, irmã de sua mãe. Alice não era parecida com a mãe nem com o pai, não parecia com ninguém da família.

“Melhor para ela”, pensou Júlio. “Alice é bonita. Casada, tem três filhos.”

— Cheguei ontem pela manhã — contou o irmão Michel — fiz uma boa viagem, vim de carro. Passei em frente à casa do tio Hermes. Não entrei, mas me pareceu, como sempre, que o jardim está limpo e repleto de plantas estranhas, sem nenhum paisagismo. O portão estava trancado.

— Não conheço a casa e nem quero conhecer — afirmou Alice. — Quero mesmo é que acabe logo. Se possível, quero voltar hoje ainda para casa.

— Como veio, Alice? — Júlio quis saber.

— De avião até a cidade maior, a cem quilômetros daqui; depois, peguei um táxi e o motorista está me esperando para me levar de volta.

— Deve ter ficado caro — observou Michel.

— Não para mim. Graças a Deus, não tenho problemas financeiros. Sou filha única de minha mãe, tenho dois irmãos, filhos do meu pai. Papai me deixou um bom dinheiro, herdei alguns bens de mamãe. O que vou receber do tio Hermes não é muito, mas é mais do que gastarei nessa viagem. Depois, como meu marido me aconselhou, não devia empatar vocês dois, por isso vim para retornar logo. Espero que esse advogado tenha, realmente, resolvido tudo.

— Agradeço a sua atenção. De fato, para resolvermos e recebermos essa herança, nós três precisávamos estar aqui. Tia Angelina nunca trouxe você aqui? — perguntou Michel.

— Mamãe — respondeu Alice — dizia não gostar daqui nem do tio Hermes. Gostava de sua mãe, a tia Celeida. Por ela ter me contado sobre fatos daqui, sobre ela criança e jovem, eu tinha ideia de como era essa cidade, sem encanto nenhum.

— Você é feliz? — perguntou Michel.

— Como? — Alice estranhou a indagação, que fugia do assunto a ser tratado, pensou por uns instantes e respondeu: — Sim, sou. Meu casamento deu certo, vivemos bem, meu marido é bom e trabalhador, tenho três filhos lindos e saudáveis. Sim, posso dizer que sou uma pessoa com poucos problemas. Por que pergunta?

— Vemo-nos tão pouco. Você mora longe. Por isso perguntei. Quero mesmo que seja feliz — Michel sorriu.

— Ah, obrigada. Também os quero felizes. Júlio, você tem certeza mesmo de que quer ficar com a casa? Está comprando com tudo que tem nela.

— Lá não tem nada de valor! — Júlio suspirou.

— Tenho certeza de que não. O que quis dizer é em relação à energia do lugar e, como escutei, sobre os fantasmas.

Riram. Júlio olhou para a prima e falou:

— Você nunca veio aqui antes, não conhece a casa, sabe do lugar pelo que escutou de tia Angelina. Afirmando a você que lá não tem fantasmas. Michel e eu conhecemos a casa, a cidade, viemos muitas vezes à fazenda. Mamãe nos trazia para visitar vovó Justina, mas éramos pequenos e eu, sendo o mais velho, pouco me lembro dela. Vovó morreu e continuamos vindo para cá, mas de vez em quando. Morei por uns tempos com o tio Hermes.

— Foi quando mamãe ficou viúva — Michel completou a informação.

— Quando papai morreu — contou Júlio —, vínhamos mais aqui, morávamos mais perto. Mamãe namorou um senhor e, como ia se mudar com ele para uma cidade longe, me deixou aqui com o tio Hermes e levou Michel, que era mais novo.

— Você sentiu por isso? — perguntou Alice.

— Não — respondeu Júlio. — Gostei de ficar aqui.

— E aí, o que aconteceu? — Alice quis saber.

— Mamãe — falou Júlio — não se casou, separou-se desse namorado, porém arrumou nessa cidade, onde até hoje moramos, um bom emprego. Veio me buscar e não voltamos mais aqui.

— Isso porque — Michel completou a informação — tio Hermes cobrou da mamãe a estadia do meu irmão. Os dois brigaram, nossa mãe prometeu não voltar mais à fazenda e

cumpriu o prometido. Também, o titio nunca mais nos convidou. Que homem estranho!

— Afinal, tia Celeida pagou ou não? — Alice ficou curiosa.

— Não, não pagou — respondeu Júlio.

Percebendo que o primo queria mudar de assunto, Alice quis saber a opinião dos dois.

— O advogado arrumou tudo rápido, não acham?

— Tio Hermes — explicou Júlio — fez um testamento, deixou tudo acertado, dividiu o que possuía em três partes. As terras ao norte estavam, havia anos, arrendadas, e o arrendatário quis comprá-las; isso também se deu com as terras do lado leste. Foi fácil. Viemos para vendê-las e eu ficarei com a casa e as terras ao sul da fazenda.

— Desculpe-me, primo — Alice opinou —, penso que não fez bom negócio. Teve de nos pagar. Além de não receber nada pelas vendas das terras que estamos vendendo, precisou completar para ficar com a casa.

— Fiz os depósitos para vocês. Viram? Checaram? — perguntou Júlio.

— Sim, vi — respondeu Alice. — Tudo está certo. Espero que tenha feito bom negócio. Esse advogado deve ter levado vantagens.

— Fez o trabalho dele — comentou Michel. — Tio Hermes

deve ter lhe pagado para fazer isso.

— Titio fez esse testamento há dez anos — informou Júlio.

— Tio Hermes morreu com oitenta e quatro anos — comentou Alice. — Foi precavido, mas o que esse advogado ganhou agora com esse trabalho?

— Ele me afirmou que ganhou comissão sobre as vendas — respondeu Júlio.

— Se um de nós — comentou Alice — tivesse tempo e fizesse esse trabalho, receberíamos mais. Tudo bem! Não contava com essa herança, nem imaginava que tio Hermes me deixaria alguma coisa. Veja que interessante: mamãe falava que, quando o pai dela, nosso avô, morreu, tio Hermes ficou com metade da fazenda e a outra parte era da vovó Justina. Minha mãe e a de vocês receberam pouca coisa. Quando vovó desapareceu e foi dada como morta, não deixou nada, porque ela tinha vendido a parte dela da fazenda, e tio Hermes afirmou que a comprou depois, e que vovó gastou o dinheiro com o amante dela. As duas irmãs não receberam nada. Titio morreu sem filhos e nós recebemos o que lhe pertenceu. De que adiantou ele, naquela época, ficar com tudo? Suas irmãs foram lesadas, e tudo acabou, no final, ficando para nós, os herdeiros delas.

— Isso é interessante! — comentou Michel. — Ele lesou as irmãs, e nós, herdeiros delas, recebemos. O importante é que

esse fato não nos deu trabalho ou preocupações, o advogado fez tudo por nós.

— Será que é o mesmo que fez o testamento? — Alice quis saber.

— Não, ele me contou que foi o pai dele quem o fez; um velho advogado que foi amigo do titio, morreu também — contou Júlio.

— Pelo jeito, você tem conversado com esse advogado. Conhece-o? — perguntou Alice.

— Não o conheço pessoalmente, conversei com ele somente o necessário por telefone e nos correspondemos — respondeu Júlio.

Tomaram o desjejum, Alice reclamou do que fora servido. Acabaram.

— Ainda faltam dez minutos para o encontro com o advogado — comentou Alice. — Esperamos aqui ou vamos para o hall da entrada?

Os dois não responderam porque um empregado do hotel foi avisá-los que o advogado estava esperando por eles numa sala reservada.

O funcionário do hotel os acompanhou até o hall e, lá, mostrou uma porta à direita. Júlio abriu a porta, entraram e se depararam com um jovem; o advogado não devia ter mais de

trinta anos. Cumprimentaram-se, sentaram-se, e ele, falando com voz firme e sem delongas, explicou:

— O senhor Hermes há dez anos fez seu testamento, tudo de acordo com a lei. Deixou o que possuía para vocês três, seus sobrinhos, e em partes iguais. Os senhores concordaram em vender partes da fazenda e dividir o dinheiro. O senhor Hermes, ao falecer, não tinha dinheiro e a divisão foi somente das terras. Um herdeiro, o senhor Júlio, quis ficar com a parte sul e a casa. Tendo se entendido com os outros e estando tudo acertado, viemos passar as escrituras. Alguma pergunta?

— Irá demorar? — indagou Alice.

— Não, tudo está pronto. Podemos ir? — perguntou o advogado.

Saíram do hotel, caminharam por uma quadra e chegaram ao cartório. Três pessoas os aguardavam. Foram apresentados.

— Esse casal está comprando a parte norte, e esse senhor, as terras ao leste.

Foi realmente rápido. Assinaram, Michel e Alice receberam os cheques.

— Pronto! Acabou! Tudo certo! — exclamou o advogado.

Agradeceram, despediram-se e os três herdeiros saíram do cartório.

— Vou embora — decidiu Alice. — Vou procurar o motorista,

que deve estar no hotel. Que bom que terminou! Você fica, Michel?

— Vou almoçar com meu irmão e depois irei embora.

Chegando ao hotel, Alice despediu-se dos primos. Abraçaram-se. Os três sabiam que dificilmente se encontrariam de novo. Eram parentes, mas não amigos e, além de residirem longe, nada os unia.

— Vamos sentar no banco da praça? — convidou Michel. — Poderemos conversar um pouco. Almoçaremos e depois parto para chegar à noite. Amanhã trabalho.

Caminharam para a praça e viram Alice ir embora. Acenaram.

— Sinto falta de estar mais com você. Embora morando na mesma cidade, encontramos-nos pouco — Júlio expressou em tom de reclamação.

— A cidade em que moramos é grande, trabalhamos em locais diferentes. Como arrumou dinheiro para nos pagar?

— Na firma em que trabalhava fizeram uma campanha para demissão voluntária. Pedi e fui demitido.

— O quê?! Júlio, você enlouqueceu?! — Michel indignou-se. — Tudo isso para ficar com aquele pedaço de terra e com a casa? Por quê? Se precisasse de dinheiro, poderia me pagar depois.

— Você sabe que não estava contente no emprego, já tinha me queixado a você. Aproveitei. Penso que, se não pedisse, não

seria dispensado; meu chefe até tentou me fazer mudar de ideia.

— Rafaela sabe? — Michel ainda estava surpreso.

— Não, ainda não disse a ela, falei que tirei férias.

— Você pretende ficar aqui? Morar naquela casa? — Michel quis saber.

— Não sei, realmente não sei. Penso que não me adaptaria a morar num local tão pequeno. Depois, não tenho dinheiro para tocar o que restou da fazenda, que, pelo que fui informado, não estava arrendado e ficou abandonado. Vou agir com calma, pensar bem no que farei. Agora me fale de você, parece triste. Problemas no emprego?

— Não, tudo certo no meu emprego. Júlio, vou, com o dinheiro que recebi, comprar outro apartamento, já escolhi; quando voltar, fecho a compra. Alugarei o apartamento em que moro.

— Irá levar os móveis que eram da mamãe? — indagou Júlio.

— Somente alguns. Aproveito para lhe perguntar se quer algum deles.

— Não me interessa, faça o que quiser com eles.

— O apartamento onde moro era de mamãe, moramos por anos ali — Michel suspirou. — Todos os vizinhos são conhecidos e, infelizmente, fofoqueiros. Ali, sinto-me discriminado. Onde irei morar é mais moderno, com pessoas

mais novas. Penso que será melhor, estarei bem-acomodado.

— Você não disse o que o aflige.

— É Paul.

Júlio se lembrou de Paul, era como o jovem namorado do irmão era chamado, diminutivo de Paulier ou algo parecido, ele sempre se esquecia do nome do rapaz, porque não era comum.

— O que tem ele? — perguntou Júlio.

— Você já me alertou que Paul é vagabundo, vivia às minhas custas e continua, penso que pior. Tenho me lembrado que você diz que mereço uma pessoa melhor.

Desde pequeno Michel agia diferente. Júlio chegou a pensar que, por ele sempre viver com a mãe e ser muito apegado a ela, Michel tinha um jeitinho mais feminino. Defendia o irmão quando, na escola, alguém zombava dele. Uma vez brigou com três garotos e levou uma surra, mas bateu também.

“Preferia”, pensou Júlio, “que Michel fosse como eu. Na adolescência, quis muito isso. Adulto, entendi que não queria que ele fosse homossexual para não sofrer. Amo-o e quero que seja feliz”.

— Michel — Júlio pronunciou as palavras devagar —, relacionamentos dão certo ou não. Veja meu caso: tive muitas namoradas até que surgiu Carolina, e moramos juntos por dois anos e oito meses. Não deu certo. Todos gostavam dela, até eu,

mas, após algum tempo juntos, percebi que não era ela que me completava, ou melhor, que não a amava. Hesitei em me separar, mas compreendi que não era bom para mim nem para ela continuarmos juntos. Terminamos. Não foi fácil a separação. Sofremos. Porém, sentia que, se continuasse acompanhado, não iria arrumar outro relacionamento. Sentia que, havia tempos, aguardava alguém especial. Após cinco meses sozinho, conheci Rafaela. Era a pessoa que esperava. Amo-a. Aconselho, meu irmão, a não ter receio da separação. Seu relacionamento é como outro qualquer. Fique sozinho, assim terá chance de encontrar outra pessoa. Talvez o grande amor da sua vida.

— Como Paul — Michel sorriu — não faz nada, ele foi comigo para a cidade onde, por vinte dias, estaria trabalhando; faz doze que estou lá. Enquanto trabalho, ele passeia. Quando recebi seu recado, resolvi vir para cá um dia antes, meu chefe permitiu, já que tenho muitas extras no banco de horas. Fui à tarde avisar Paul e o encontrei com um bando de jovens, rindo e bebendo. Aproximei-me e ele me apresentou: “Tio! É meu tio!”. Chamei-o à parte para lhe dar o recado. Afastei-me, porém voltei, eles estavam rindo de mim. Paul abraçava uma moça. Fui embora. Júlio, você tem razão, devo terminar com ele. Expulsá-lo da minha vida.

— Como irá fazer? — perguntou Júlio.

— Vou terminar com ele, pagar o hotel e pedir para ele ir embora. Vou ordenar que tire seus pertences do meu apartamento. Não quero vê-lo mais.

— É o melhor, Michel.

— Meu chefe tem se insinuado. Ele é uma boa pessoa. Vou perguntar se está sozinho. Penso que sim.

— Não se envolva rápido com ninguém — aconselhou o irmão. — Cautela! Escolha bem! Você merece o melhor! Por que veio ontem?

— Queria ficar sozinho por algumas horas. Nada melhor para ficar só do que um lugar onde não se conhece ninguém e não somos conhecidos. Comprei flores, não foi fácil achá-las para levar ao cemitério. Penso que devia algo ao tio Hermes. O túmulo estava abandonado. Encontrei um homem trabalhando lá e pedi para ele limpar o túmulo onde nosso avô e tio estão enterrados. Paguei-o, voltei duas horas depois com o buquê e encontrei a laje limpa e polida, enfeitei-a com flores.

— O que sentiu indo lá? — Júlio se interessou em saber.

— Nada. O que deveria sentir?

— Não sei — falou Júlio.

— O local estava deserto. Júlio, será que você se acostumará aqui? Rafaela irá gostar?

— Não sei ainda se ficarei, já disse isso. Estou numa fase que

não sei de nada. Não me desfiz do meu apartamento.

— Espero que não o tenha vendido — Michel estava preocupado com o irmão.

— Não vendi. Se resolver vender a propriedade aqui, vou fazer como você, irei comprar outro apartamento maior e me caso com Rafaela.

— E se isso não ocorrer?

— Amo Rafaela, quero ficar com ela com certeza, se ela quiser; casaremos, seja para ficar aqui ou lá.

— Espero que não faça mais nenhuma tolice — Michel se expressou em tom de súplica. — Vi você, meu irmão, no cartório, dar um envelope para o advogado e receber outro. De que se trata?

— Pedi para ele quitar as contas atrasadas de água e energia elétrica para que, ao chegar, pudesse usufruir dessas comodidades. Ele as quitou e tudo está funcionando. É o que espero! Dei a ele um envelope com dinheiro, pagando-o, e ele me deu um outro, com as chaves e alguns recados. Veja — abriu o envelope. — As chaves estão com etiquetas; esta é a do portão, a da porta principal, a da lateral, a dos fundos. Aqui está o endereço do casal que trabalhava para o tio Hermes.

— O que será que aconteceu com Izilda, a antiga empregada? Terá falecido? — perguntou Michel.

— Não sei, mas irei saber.

— Ficaré alojado na casa? Sairá do hotel? Ficaré sozinho? Telefone para mim, por favor, já que não tenho como ligar para você.

— Esta noite durmo ainda no hotel, a casa deve estar suja. Amanhã penso em ficar na casa. Telefono para você, no hotel tem telefone, e há os públicos. Vamos marcar, sábado, às vinte horas.

— Estarei esperando. Júlio, não aja mais imprudentemente. Ter saído do emprego foi, ao meu ver, uma atitude incerta. Prometa que não irá fazer mais nada sem pensar muito?

— Está bem, prometo.

— Júlio, ouvi do homem que limpou o túmulo que a Toca do Tatu, a casa que era do tio Hermes, é assombrada. Ontem, quando passei por ela, fiquei uns cinco minutos parado em frente ao portão, não desci do carro, fiquei apenas observando-a. Por instantes, desviei meus olhos para ver se tinha levado uma garrafa d'água; quando voltei a olhá-la, vi um vulto na grade me observando, parecia um homem. Assustei-me e não o vi mais. Olhei bem e não vi mais nada. Pensei que, se alguém estava lá, como desaparecera tão rápido? Depois que o homem me falou das assombrações, fiquei pensando se não vi uma.

— Foi somente uma impressão. Uma sombra, talvez. Algo

assim — disse Júlio.

— É melhor ficar atento. Será que herdou a casa com espíritos dentro, como Alice disse?

— Isso são somente falatórios de cidade pequena. Não deve ter nada de sobrenatural na casa.

— Vamos almoçar? — convidou Michel. — Quero ir embora.

Almoçaram num restaurante e, assim que terminaram, Michel se despediu. Ambos fizeram recomendações um ao outro. Júlio ficou olhando o irmão até que o carro virou para ir à rodovia.

Foi ao hotel, pegou seu carro e rumou para a casa em que seu tio morara e que agora era sua.

“Toca do Tatu! Embora tenha sido contado a mim o porquê desse nome, não entendi direito por que a casa se chama assim.”

Prestando atenção em tudo por onde passava, Júlio seguiu dirigindo a caminho da casa que, com certeza, seria, por uns tempos, seu lar.

## 2

# A Toca do Tatu

Júlio parou o carro em frente ao portão, desceu com as chaves na mão e olhou para a propriedade: era cercada por muros altos, o portão era de grade e, pelas aberturas, dava para ver o interior da propriedade.

“Uma casa fechada há quatro meses e ninguém entrou, não foi roubada... coisa de interior.”

Não concordou com o irmão, nada parecia abandonado. O jardim na frente tinha árvores e por isso quase não se via a casa, que ficava afastada do portão uns vinte metros. Não havia canteiros organizados, plantas floridas estavam espalhadas, a grama estava alta, necessitava ser aparada. Abriu o portão, passou com o carro e voltou para fechá-lo, porém não o trancou, deixou uns centímetros aberto. Olhando para frente e tentando ver a casa, escutou um barulho no portão; virou-se e viu que havia se fechado.

“Não está ventando. Por que será que o portão fechou?”

Olhou para a direita e, bem visível, viu uma placa pregada num poste de madeira e, nela, o nome bem nítido: Toca do Tatu.

“A placa está nova, com certeza titio gostava dela assim, bem apresentável.”

Parou o veículo em frente à casa. Júlio recordou-se:

“Lembro-me bem: chegamos também assim, após o almoço, mamãe estava nervosa, ela veio dirigindo, algo raro para uma mulher na época. Parou bem onde parei, desceu e nos tirou do veículo, Michel e eu, que corremos pelo jardim. Mamãe entrou e, uns dez minutos depois, voltou; com certeza após ter conversado com titio. Chamou-nos para cumprimentá-lo, ele tentou ser agradável. Eu gostava dele, mas Michel, que era menor, não. Entramos, e Izilda, a empregada, nos agradeceu, nos deu doces. Fomos brincar no quintal, tomamos banho ao escurecer, nos divertimos na bacia e depois jantamos e fomos dormir, ficamos nós três no mesmo quarto. No outro dia, cedo, mamãe nos acordou e repetiu novamente para mim que eu iria, por uns tempos, ficar com tio Hermes e que logo ela voltaria para me buscar. Senti mesmo por ter de ficar longe de Michel.”

Olhou a casa e subiu os quatro degraus; quando ali estivera, contava todos os degraus, que não eram muitos, pois a casa era térrea. Não havia nada na área. Na frente da residência, existia uma área que era chamada de “alpendre”; era cercado por uma

cerca baixa de madeira, um trabalho bonito e que ainda estava bem-conservado.

Júlio se lembrou de que ali tinha duas mesinhas, algumas cadeiras e vasos.

Procurou, achou e brincou com o molho de chaves, ficando parado em frente à porta. Não sabia o porquê de hesitar.

Olhou para os lados. Parecia estar tudo como se recordava.

— Aqui estou, tio Hermes! — exclamou em voz baixa. — Na Toca do Tatu! Peço licença para entrar. Deve saber que deixou seus bens para os três sobrinhos. Coube-me este pedaço: a Toca.

“Falo como se titio me escutasse”, pensou.

Lembrou-se de que um dia perguntara para seu tio o porquê desse nome. Não vira ali nenhum tatu.

“Tio Hermes me explicou: ‘Meu pai, seu avô, foi quem construiu esta casa para se casar e morar aqui. Ela não era assim, foi reformada e aumentada. Quando vieram residir, ele e sua avó Justina fizeram o jardim. E logo perceberam que o jardim era moradia de um tatu que fazia muitos buracos, estragando os canteiros. Deu muito trabalho para ser caçado e, como tinha feito várias tocas e de tanto falarem delas, resolveram colocar o nome na fazenda, na casa, de Toca do Tatu. Quando nasci, a placa já existia’.”

Resolveu entrar, abriu a porta com facilidade. Entrou e teve

de se acostumar com a falta de claridade, a sala estava escura. Tudo na casa, portas, janelas, estava bem fechado e, nos vitrôs, havia cortinas escuras. Abriu mais a porta. Viu os móveis da varanda empilhados logo na entrada. Deu alguns passos.

“Tudo parece como sempre, como me lembrava. Talvez o sofá seja novo.”

Olhou o espelho à sua frente, que era comprido e estreito. Viu sua imagem refletida, parecia assustado. Virou-se para o lado esquerdo e viu, ou teve a nítida impressão de ver, um vulto à direita. Fixou o olhar no espelho e não enxergou nada além de sua imagem.

“Vi o vulto, parecia um homem. Estranho! Não devo ficar impressionado! Com certeza vi algum reflexo da porta. Como brinquei aqui! Foi uma época de divertimento! Fiquei oito meses nesta casa e, nesse período, não fui à escola; brinquei muito pelo jardim, quintal, pela casa e no jardim de inverno. Mamãe pensava que eu estava estudando, esse foi mais um motivo de ela brigar com o irmão, que, rindo, lhe disse: ‘Você deixou o menino comigo. Penso que ele já aprendeu o suficiente, sabe ler e escrever’. Não escutei o resto da discussão porque Izilda me levou à cozinha. Fiquei um ano atrasado nos estudos.”

A casa estava cheirando a mofo por estar fechada.

“Tem muita poeira. É melhor ir atrás dos empregados.”

Rapidamente Júlio saiu, trancou a porta, entrou no carro, acelerou e saiu para abrir o portão; passou com o carro, parou e o fechou.

O advogado lhe dera o endereço do casal que trabalhara com o tio, eles cuidavam da casa. Não era longe, em dez minutos chegou ao endereço. Bateu palmas no portão e uma mulher o atendeu. Cumprimentaram-se e Júlio explicou quem era.

— O advogado nos avisou que talvez o senhor viesse nos procurar. Quer que limpemos a casa?

Era o que Júlio queria. A mulher se apresentou, chamava-se Maria da Glória, preferia que a chamassem de Glória e gritou pelo marido, Gedor. Os dois poderiam ir e começariam a limpar a casa. Júlio achou que era pouco o que eles pediram pelo serviço. Receberiam por dia.

“Deve ser o que se paga por aqui”, concluiu.

— Trabalhávamos para o senhor Hermes três vezes por semana — explicou Glória. — Eu cuidava da casa e Gedor limpava o quintal, jardim e me ajudava.

Júlio, com os dois, voltou à casa. Quando chegaram, pediu:

— Abram todas as portas e janelas. Quero que o sol entre e clareie o ambiente.

— O senhor irá dormir aqui esta noite? — perguntou Glória.

— Não, esta noite ainda ficarei no hotel; amanhã, talvez.

Os três foram abrindo portas, puxando as cortinas e abrindo as janelas.

— Vou ficar neste quarto — decidiu o novo proprietário do imóvel.

— É o de hóspedes — falou Glória —, embora desde que trabalho aqui o senhor Hermes não tenha recebido ninguém.

— Fiquei aqui neste aposento, numa época em que morei com o tio Hermes.

— O senhor, como dono, pode escolher qualquer outro, há quartos maiores que este — opinou Gedor.

Júlio foi a todos os cômodos. Na casa havia seis quartos, três banheiros, uma sala de jantar grande, uma sala de estar maior ainda, dois escritórios, uma cozinha muito espaçosa, despensa, lavanderia e um quintal imenso. Perto da lavanderia tinha um espaço cimentado com vários varais. O moço olhou tudo com atenção, os quartos tinham camas grandes e, nuns dois leitos, e em outros três, havia guarda-roupas, cômodas e mesas de cabeceira.

“Realmente não há objetos de valor, concluiu Júlio. Talvez o relógio grande da sala ou algumas porcelanas. Os móveis são simples, mas estão em bom estado.”

Na lavanderia, havia uma porta trancada. Júlio procurou pela chave, não a encontrou e então perguntou para Glória, que

respondeu:

— Esse era o apartamento de Izilda. A chave está nessa gaveta. Seu tio não gostava que abrisse, nem para limpá-lo.

Ele pegou a chave e abriu. O cômodo estava mais sujo do que os outros, demonstrando que não era limpo havia muito tempo. O quarto era espaçoso, com banheiro e uma pequena saleta.

“Aqui era o aposento de Izilda. Onde ela está? Morta, com certeza.”

— Glória, quando Izilda faleceu? — perguntou Júlio.

— Ela está viva! Izilda não morreu! Velha seu tio a colocou no asilo, no abrigo de idosos que fica aqui perto. A ex-empregada não tem filhos e, pelo que sei, nem parentes.

— Asilo? Por quê?

— Já falei, velha, não servia para nada, na opinião do seu tio, e ele a colocou lá.

— Vou visitá-la!

Fechou o quarto.

— Vou fazer uma lista dos itens que precisamos adquirir. Vou ao mercado — determinou o novo dono do local.

Escutou um riso.

— De que está rindo, Glória?

— Eu não ri — respondeu a empregada. — Se o senhor ficar aqui, terá de se acostumar com uns barulhos estranhos: são

portas rangendo, janelas que batem, ruídos que confundem, é somente isso.

— Então a Toca precisa de reparos? — perguntou Júlio.

— Não, senhor. Seu tio cuidava bem dela. Não deve ter estragado nada nesses quatro meses fechada. Não tem nenhuma goteira, tudo funciona, os eletrodomésticos, tudo.

Júlio fez a lista: materiais de limpeza, café, chá, bolachas, algo para comerem.

— O senhor vai querer que eu cozinhe? Se for cozinhar, a casa irá demorar mais para ser limpa.

— Não, trarei comida pronta para nós. Vamos limpar a casa!

Voltou ao quarto em que iria dormir. Havia duas camas de casal. Olhou para o colchão.

“Vou comprar dois colchões novos, roupas de cama e travesseiros. Esses estão velhos.”

Saiu para fazer compras; no mercado, achou tudo da lista e comprou mais coisas. Estava acostumado a fazer essa tarefa. Pegou galões d'água e alimentos semiprontos.

Na casa, chamou os dois para tomarem café. Glória o fez rapidamente e se acomodaram na cozinha.

— Penso — falou Gedor — que por dois dias terei de ajudar Glória na limpeza da casa, depois irei trabalhar no jardim e no quintal.

Júlio ajudou, pegou uma vassoura e foi varrendo. Ao limpar, percebeu que o local estava empoeirado.

— Glória, como meu tio faleceu? — ele quis saber.

— Ele estava há tempos doente. Estava sozinho, porque, como falam por aí, ele nunca se casou, mas teve muitas mulheres. Há dez anos não trazia mais ninguém para cá, ou seja, mulher nenhuma.

— Estava isolado?

— Tinha dois grandes amigos — respondeu Glória. — Um médico, o doutor Xavier, que vinha jantar duas vezes por semana, e seu tio ia também à casa dele. O médico morreu há dois anos. Era amigo também do advogado, pai desse moço que cuidou de tudo para os senhores e que também faleceu. Com a morte dos amigos, o senhor Hermes ficou só. Recebia as visitas dos arrendatários. Deve estar fazendo uns doze anos que meu antigo patrão arrendou as terras. Escutei dele, muitas vezes, que com certeza seus herdeiros venderiam a fazenda, mas ele, não.

— Isso ocorreu! — exclamou Júlio.

— Não como ele previu. O senhor Hermes achou que tudo seria vendido. As pessoas que compraram queriam também adquirir a parte que o senhor ficou. Estou curiosa, todos aqui da cidade estão. Responda-me, por favor, o senhor irá se estabelecer aqui? Irá morar na Toca?

— Sim — Júlio preferiu ser lacônico.

Ainda não decidira o que ia fazer, mas era melhor que os curiosos pensassem que sim.

— Se é assim, é melhor saber que esta casa tem mistérios. A Toca do Tatu tem lá suas esquisitices...

— Tudo bem — Júlio a interrompeu. — Diga, de que morreu tio Hermes? O advogado não me explicou.

— Já falei que ele estava doente.

— Estava bem da cabeça? Digo, estava com raciocínio perfeito?

— Sim — Glória parou de varrer e olhou para seu novo patrão —, porém falava muito sozinho, às vezes se exaltava, dizia palavras feias, palavrões, parecia que xingava alguém. Mas continuava esperto nos negócios, cuidava de tudo. Ultimamente queixava-se de dores, mas idosos as estão sempre sentindo. O médico da cidade vinha aqui todo mês. Tomava seus remédios. Falava que tinha medo de morrer e se encontrar com uns defuntos. Um dia respondi que seu medo era porque tinha a consciência pesada, e ele me jogou uma xícara, ainda bem que não me atingiu. Depois, com receio de que não viesse mais trabalhar, me pediu desculpas. Numa manhã, quando chegamos aqui, Gedor e eu encontramos a casa fechada. Meu marido foi buscar o advogado, que tinha as chaves, e o encontramos morto,

caído no chão de seu quarto. Morrera de madrugada, foi o que o médico concluiu, seu coração parou. O enterro foi simples, como ele havia organizado. Compareceram uns poucos curiosos. Foi isso! O dono da Toca do Tatu morreu!

— Gostava dele? — Júlio quis saber.

— O senhor Hermes era estranho, bom e mau. Penso que era bom para uns e mau para outros. As ex-mulheres dele o detestavam, mas era querido pelos amigos. Para mim e para Gedor, era um patrão às vezes bom, outras vezes não. Pagava-nos bem e no dia certo, porém às vezes era arrogante e exigente. Penso que foi mau com Izilda.

Trabalharam até as dezessete horas. Fecharam a casa para ir embora. Combinaram, no outro dia, que às sete horas e trinta minutos, Júlio os buscaria para continuarem a limpeza.

— Amanhã durmo aqui! — decidiu o moço.

Escutou outra vez o riso. Olhou para todos os lados e nada viu.

Voltou para o hotel, estava cansado; tomou banho, desceu para jantar e foi ao mesmo restaurante em que almoçou. Acabara de se sentar e dois jovens se aproximaram dele.

— Você é o corajoso que irá morar na Toca do Tatu?

— Sim, sou eu. Mas por que “corajoso”?

— Não lhe falaram que lá tem assombrações?

Júlio riu e os jovens também.

— Falaram, mas não acredito nisso — respondeu Júlio.

— Bem, se é assim, boa sorte!

Eles saíram, Júlio comeu e, ao pagar, a mulher que estava no caixa falou:

— O senhor devia acreditar. Naquela casa ocorrem coisas estranhas, e há tempos.

— Os dois empregados não se queixaram, não falaram nada disso — respondeu ele, pensando que, de fato, em cidades pequenas, fofoca-se muito.

— Penso que, com os empregados, as assombrações, as almas, os espíritos, não mexem. Se quiser saber mais sobre o que ocorre lá, posso lhe contar — a moça sorriu.

— Obrigado. Por enquanto, não quero saber de mais nada.

Júlio chegou ao hotel, pediu para telefonar. O funcionário que o atendeu lhe deu para ler uma folha com normas para usar o telefone. As taxas, o preço e o que seria debitado da sua conta.

Ligou para Rafaela, naquele horário ela devia estar em casa, e realmente estava. Escutá-la era sempre prazeroso, estava com saudades.

— Amor — disse Júlio —, a casa está suja, mas esperava que estivesse pior. Amanhã voltarei lá com os dois empregados que trabalharam para o meu tio, eles me ajudarão. Nada mudou,

tudo continua a mesma coisa de quando estive lá.

— E a sua árvore?

— Não a vi ainda.

Falaram por alguns minutos e combinaram dia e hora para que ele telefonasse novamente. Júlio marcou no dia em que combinara com o irmão. Assim viria uma vez somente, à noite, na cidade.

Desligou. Ao acertar com o empregado, este indagou:

— O senhor irá residir lá? Cuidará das terras que ficaram sem vender?

“Que pessoal curioso! Como responder algo que não sei? É melhor falar!”

— Não sei ainda o que farei. Por enquanto irei morar lá. Amanhã deixo o hotel.

— O senhor deve ter encontrado tudo certo naquele pedaço da fazenda, não é?

— De fato, encontrei. Por que pergunta?

— Ninguém tem coragem de ir lá — respondeu o moço. E contou: — Um grupinho de rapazes foi lá numa noite, mais por farra, para pegar umas frutas. Foram atacados com pedras. Dois se machucaram.

— Bem feito! — Júlio riu.

— Comentaram o fato e ninguém se atreveu a ir mais lá.

Júlio se despediu e concluiu:

“Devem ter sido Glória e Gedor.”

Cansado, dormiu rápido. No outro dia, acordou cedo e, antes mesmo de tomar o desjejum, foi levar o casal para a Toca. Ao vê-los, perguntou:

— Ontem, um funcionário do hotel me contou que um grupo de jovens veio à Toca para roubar frutas e foi atacado com pedras. Foram vocês que as jogaram?

— O senhor Hermes — respondeu Gedor — deixou com o advogado um envelope para nós dois, para nos ser entregue quando ele morresse. Era uma gratificação. Foi bom ganhar um dinheiro extra. Embora não tendo as chaves da casa, tínhamos a do portão e vínhamos aqui pelo menos duas vezes por semana. Tentamos cuidar da Toca.

“Não responderam. Com certeza foram eles os autores das pedradas. Para afastar intrusos, nada melhor do que pensarem que são assombrações. Mas por que o casal estava aqui à noite? É melhor não perguntar mais nada. Temos muito o que fazer.”

Voltou ao hotel e, depois de tomar o café da manhã, pagou pela estadia e foi ao centro da cidade. Havia poucas lojas, mas comprou colchões para serem entregues naquela tarde, roupas de cama, toalhas de banho, o que mais achou que precisaria e foi para casa.

Gedor e Glória trabalhavam. Ele pediu para ela limpar o banheiro que usaria e o quarto que pretendia ocupar. Tiraram os colchões velhos e os colocaram em outro aposento. Limparam também a sala de estar, onde havia a televisão, e a cozinha. Ele buscou o almoço para os três e à tarde entregaram as compras.

De fato, tudo funcionava: a máquina de lavar roupas, a geladeira, o fogão e a televisão, embora pegassem somente dois canais.

Mais tarde, os dois foram embora. Ele fechou a casa. Tomou banho, comeu sanduíches. Viu um pouco de televisão e foi para o quarto que escolhera para ser o seu.

— Serviço de casa cansa, e muito! — exclamou. — Toca do Tatu, aqui estou eu! Sou seu novo dono!

Cansado, adormeceu. Acordou no outro dia e se lembrou vagamente do sonho que tivera.

“Andava pelo jardim, vi vultos, penso que foram de quatro a cinco, escutei risos. Os vultos não se aproximavam de mim porque um deles não deixava e foi esse que me abraçou. Gostei do carinho. Penso que escutei: ‘A Toca não é sua, é minha! Pode cuidar dela!’. Parece que flutuei. Interessante esse sonho!”

O casal chegou e a limpeza continuou.

### 3

## A jabuticabeira

Depois de ter tomado café, Júlio olhou a porta espaçosa que ficava na sala de jantar, era de vidro grosso, que abria no meio, era de correr por ter duas partes...

“Ainda não fui ali.”

Com cuidado, por a porta estar difícil de correr, a foi empurrando, até que soltou e abriu. Ali estava uma área que era para ser um jardim de inverno, mas, como na região não tinha inverno rigoroso, se tornou somente um espaço aberto. A grama estava precisando muito ser cortada. Perto do muro, que era alto, havia uma folhagem com flores cor-de-rosa, um canteiro de dalias e três árvores frutíferas: uma de limão, uma goiabeira e o seu pé de jabuticaba.

— Como você está bonito! — exclamou Júlio. — Está frondoso!

Sentiu ímpeto de abraçar a árvore e o fez. Ficou por segundos abraçado ao seu tronco ramificado. Acariciou-o.

“Você foi meu amigo enquanto estive aqui. Não esqueci! Será que se lembra de mim?”

Novamente se viu ali parado. Ao observar melhor, não enxergou mais nada.

“A visão, de novo!”

Recordou-se de que quando ali estivera, por muitas vezes, via um vulto ou era algo de dentro dele, uma recordação forte, como se ele tivesse ficado ali parado com o olhar vago. Nunca entendeu essa sua visão nem falava dela a ninguém. Sentia ser ele, sempre tinha essa sensação: aquele vulto era ele. Quando garoto, se via jovem e chegou a pensar, quando, anos depois, lembrava dessas visões, que ele se via adulto. Mas naquele momento percebeu e compreendeu que a visão era de um jovem homem. Júlio estava com trinta e dois anos, e o que via e sentia ser era uma pessoa de vinte e dois a vinte e três anos. Não era parecido fisicamente com a visão. Se quando menino achava que seria ele no futuro, teve a certeza agora de que não.

“Mas por que sinto realmente que sou eu? Por que será que aqui o muro é tão alto? Com certeza nunca irei saber.”

Sentiu um vento em seu rosto e, em seguida, cheiro de perfume. Ele não gostava de perfumes.

“O que pode estar cheirando? Alguma flor? A jabuticaba não está florida; quando está, além de serem lindíssimas, suas

florzinhas têm um aroma agradável. Por momentos, senti cheiro de perfume barato.”

Voltou a sua atenção para a árvore.

— Meu pé de jabuticaba!

Quando a mãe dele o deixou com o irmão dela, seu tio Hermes tentou ser agradável com o sobrinho. O menino, curioso, gostava de ver as coisas, e Izilda estava sempre o advertindo: “Júlio, não pegue isso porque era do seu avô”. Ou da avó, do tio... Pensou muito e concluiu que tudo ali era de alguém. Quis ter algo dele e pediu para o tio.

“Lembro muito bem que disse isso ao tio Hermes; ele sorriu e me perguntou: ‘O que quer, moleque?’. Pensei e respondi: ‘O pé de jabuticaba’. Titio riu e concordou: ‘Ele é seu!’. Como fiquei contente!

“Fiz então um cartaz. Peguei o fundo de uma caixa de papelão de quarenta centímetros e escrevi nele, passando várias vezes à caneta, os dizeres ‘Meu pé de jabuticaba’ e, mais abaixo, com letras menores, ‘Júlio!’. Peguei uma tábua, preguei o cartaz numa parte dela e enterrei a outra uns vinte centímetros no chão. Fiz isso na frente da árvore.

“Achei lindo; mostrei para titio e para Izilda, que acharam graça e engenhoso. A partir daquele dia, passei a ter algo daqui, uma árvore. Titio me explicou que minha escolha foi muito boa,

pois aquela árvore frutífera viveria por anos.

“Com certeza, vinte anos depois, não tem nem vestígio da minha placa. Se era a única coisa minha naquela época, agora tudo aqui é meu. Porém, não me sinto dono de nada. Talvez por não ter me acostumado com a ideia.”

— Este pedaço da casa, esta área, cercada deste modo, ninguém a vê, a não ser pela porta de vidro — falou em tom baixo.

Depois de olhar bem aquele pedaço, onde brincou tanto, foi ajudar Glória na limpeza. Logo sentiu fome, lembrou dos doces gostosos que Izilda fazia.

“Que coisa! Descartar assim uma empregada de tantos anos.”

— Onde fica o asilo em que Izilda está? — perguntou ele à Glória.

— Na rua da Igreja, desça uns cinco quarteirões e já o verá, um prédio grande e amarelo.

— Vou buscar nosso almoço e depois irei lá. Quero rever Izilda! — decidiu Júlio.

Pegou marmitas para os três, Glória arrumou a mesa na imensa sala de jantar. Ia almoçar sozinho, de costas para a porta que agora estava aberta.

— Seu tio se sentava na cabeceira — comentou Glória. — Tantos anos se alimentando sozinho!

Começou a comer e sentiu passar algo por sua perna. Parecia ser o rabo de um animal, um gato. Abaixou-se rápido e não viu nada. Passou a mão na perna. Achou estranho, mas não comentou.

Comeu rápido e resolveu ir ao asilo. Encontrou o prédio facilmente, tudo na cidade era perto.

“Com certeza esse lugar não recebe muitas visitas”, pensou.

A moça que o atendeu demorou para abrir a porta e o escutou atenta.

— Por favor — falou Júlio —, queria visitar a senhora Izilda, não me lembro de seu sobrenome, trabalhou por anos na Toca do Tatu. Não sei se aqui tem dias específicos para visitas, mas, se puder vê-la, ficarei agradecido.

— Domingo à tarde é horário de visitas, mas podemos abrir exceções. Izilda nunca recebe ninguém. Como devo anunciá-lo?

— Diga a ela que é Julinho, o Júlio, sobrinho de Hermes.

A moça pediu para aguardar, ele ficou sentado numa poltrona na saleta localizada logo após a entrada.

A atendente voltou dez minutos depois, acompanhada.

— Júlio!

— Izilda!

Os dois se abraçaram.

— Como está diferente! — exclamou ela.

Ele também a achou diferente, diante dele estava uma idosa. Mais de vinte anos haviam se passado.

— Como você ficou bonito! Como está? Não esperava a sua visita! Vamos nos sentar! — Izilda olhou a moça e pediu: — Posso ficar sozinha com ele, por favor?

A atendente que, curiosa, ficara na sala os observando, sorriu e saiu.

Os dois se olharam por segundos.

— Por que está aqui? — Júlio quis saber por ela.

— Simples, fiquei velha; como não poderia ser mais tão útil, o senhor Hermes me colocou aqui. Não tenho família pela região. Meus pais vieram para cá e ficaram oito anos, depois voltaram para o Norte, para a cidadezinha onde havíamos morado e tínhamos família. Eu, com quatorze anos, já trabalhava com sua avó Justina, não quis ir, e eles permitiram que ficasse. Nunca mais eu os vi, meus pais morreram; por alguns anos, nos correspondemos, escrevia cartas e as recebia, mas há muito tempo não tenho mais notícias de meus familiares. Não tive filhos e fiquei sozinha. Não recebo aposentadoria porque não paguei. Estou aqui pela caridade das pessoas que tomam conta do asilo. Mas o que você está fazendo aqui?

Júlio contou e depois perguntou:

— Quantos anos você tem?

— Setenta e quatro anos. Estou bem. Na época em que seu tio, há dois anos, me colocou aqui, estava doente, mas sarei. Júlio, por Deus, preciso voltar à Toca do Tatu. Preciso muito! Eles não me deixam sair sozinha, tive medo de fugir e eles não me aceitarem depois de volta. Não tenho a chave e a casa é muito bem fechada. Deixei algo lá e não quero que ninguém ache. Leve-me lá, por Deus!

— Como faço para levá-la? — perguntou Júlio.

— Tendo um responsável, eles deixam sair e até gostam. Diga que me levará para ficar uns dias com você. Arrumo rapidamente umas roupas. Fico lá, faço o que tenho de fazer e você me traz de volta.

— É mesmo importante o que tem de fazer lá?

— Muito, por favor! — Izilda suplicou.

— Você gosta daqui? É bem tratada?

— Acostumei-me. O melhor mesmo é viver numa casa. E então, vai me levar?

— Está bem. Vou pedir e levá-la.

— Obrigada, não darei trabalho. Você viu a sua árvore? Enquanto estive lá, cuidei dela. É uma planta que guarda mistérios. Júlio, quando seu tio me trouxe para cá, vim enganada. Ele me ordenou que arrumasse umas roupas e as

colocasse numa mala, disse que ia me levar para uma casa que havia comprado nas margens do rio, que iria trabalhar. Vim animada por sair de casa, e ele me deixou aqui e nem se despediu. Foi uma senhora que me explicou que iria morar no asilo. Chorei muito. Se soubesse que iria embora da casa, não teria deixado nada lá, entendeu?

Júlio afirmou com a cabeça, indignou-se mais ainda com a atitude do tio.

Izilda chamou a moça, que veio rapidamente, e Júlio pediu autorização para sair com Izilda.

— Prometo cuidar dela, será um passeio.

— Izilda sente tantas saudades dessa casa onde morou por tantos anos! Será bom para ela dar um passeio. Pode, sim, levá-la! Vou ajudá-la a arrumar a mala.

As duas saíram, e Júlio voltou a se sentar.

“Árvore com mistérios! O que será que Izilda quis dizer? Será que ela está bem? Vou levá-la para casa, penso que devo isso à antiga trabalhadora de lá. Tio Hermes não deveria ter a enganado e a deixado aqui.”

— Tem medo de fantasmas?

Júlio levou tamanho susto que pulou da poltrona. Olhou na direção de onde viera a voz e viu um homem idoso, que riu do susto que ele levara. O moço, que não gostava que o

assustassem, se segurou para não responder de modo rude.

— Pelo visto, de agora em diante, irá se assustar muito. Não é o sobrinho-herdeiro do senhor Hermes? Não está lá? As notícias correm por aqui. Você herdou também os fantasmas da casa?

— Não, senhor. Lá não tem fantasmas!

— Não mesmo? — o senhor continuou rindo. — Não viu nada? Mas pode ter certeza de que irá ver. Ali é assombrado! Residência do capeta!

Ouviram um sino, ele parou de rir e falou:

— É hora do café, vou tomá-lo. Boa sorte com as assombrações.

Júlio acomodou-se de novo e logo Izilda voltou com a maleta na mão.

— Podemos ir, Julinho!

Ele pegou a mala, despediram-se da moça e saíram.

— Que bom! — Izilda exclamou contente. — A não ser uns poucos passeios que fazemos, não saí mais do asilo. Vamos de carro? Maravilhoso! Obrigada, menino!

A ex-empregada da Toca estava realmente alegre, abriu a janela e deixou o vento bater em seu rosto. Chegaram. Izilda desceu e, andando ligeiro, foi para a área, olhando por todos os lados. Entrou na casa. O casal a esperava. Abraçaram-se. Perguntaram como estava passando e Izilda quis saber:

— Júlio, posso continuar chamando-o assim? Os dois o chamam de “senhor”.

— Chame-me de Júlio, me conheceu menino.

— Conheço o casal há muitos anos — contou Izilda. — Gedor há tempos trabalha na Toca, cuidava do jardim e quintal. Por aqui passaram muitas empregadas, mas era eu quem cuidava de tudo, organizava o serviço. Quando a última saiu, Glória veio para me ajudar. Que bom revê-los!

— Sempre gostei de Izilda. Ela me ajudou muito — contou Glória.

Foi um reencontro agradável. Os três eram amigos.

— Pouca coisa mudou aqui! — Izilda, curiosa, observava tudo.

— Estamos limpando a casa — disse Glória.

— Meu quarto, ou o quarto que ocupava, já foi limpo? — Izilda quis saber.

— Quando você foi embora, o senhor Hermes o trancou e ninguém mais entrou lá, penso que nem ele. Ainda não o limpamos. Está sujo!

Izilda sorriu aliviada e perguntou:

— Posso ir lá, Julinho?

— Claro, fique à vontade. Quero, Izilda, que se sinta bem aqui. Faça o que tem de fazer.

— Obrigada!

Foram Izilda, Glória e Júlio para a lavanderia; ele pegou a chave, abriu a porta do quarto, depois a janela e o vitrô do banheiro.

— Tudo como deixei! — Izilda deu um longo suspiro.

— Vamos limpá-lo — determinou Júlio.

— Posso fazer isso — disse Izilda.

— Glória — pediu Júlio —, vamos deixá-la por uns instantes aqui sozinha, depois vamos arrumar este quarto. Vou tirar o colchão, colocarei um novo, e também o travesseiro, roupas novas de cama e toalhas de banho.

Izilda abriu o roupeiro, suspirou aliviada ao ver uma caixa. Discretamente, levantou a tampa, sorriu, fechou a caixa e pegou uma vassoura.

— Não preciso ficar sozinha. Tudo o que era, ou que é meu, está aqui. Depois vou lavar minhas roupas que estão na cômoda e no guarda-roupas. Vamos então limpar? Quero dormir aqui esta noite.

Júlio tirou o colchão da cama, Glória foi lavar o banheiro. Os três, duas horas depois, deixaram o aposento limpo.

— Pronto. Você, Izilda, ficará bem-instalada — disse Júlio.

Estava na hora de o casal ir embora, o moço foi buscar o jantar.

— Se quiser, amanhã farei a comida — ofereceu Izilda.

— Vamos limpar tudo primeiro. Antes de cozinarmos aqui, terei de fazer compras. Não quero que trabalhe, Izilda.

— Sempre gostei de cozinhar. Lembra do doce de coco que fazia para você? Gostava tanto.

Júlio se lembrava e até estava com vontade de comê-lo, porém queria mesmo o local limpo. Sempre gostara de limpeza. Fechou a casa, deixou somente a porta da sala de jantar aberta.

Buscou o jantar no restaurante para ele e para Izilda. A velha e ex-empregada arrumou a mesa para um lugar somente.

— Izilda, você vai se sentar à mesa comigo — determinou Júlio.

— Mas não posso!

— Por que não?

— Seu tio nunca permitiria. Sou uma empregada! — respondeu a senhora.

— Primeiro, não sou o tio Hermes. Segundo, você não é empregada, é minha hóspede. Convido-a para se sentar comigo, não gosto de me alimentar sozinho.

— Está bem. Onde me sento?

— Em qualquer lugar perto de mim. Sente-se à cabeceira.

— De jeito nenhum! — Izilda exclamou admirada. — A cabeceira era o lugar do senhor Hermes; se me sento aí, ele é

capaz de se revirar no túmulo. Uma empregada sentar no lugar dele!

— Então se sente à minha frente — Júlio mostrou a cadeira.

Izilda continuou parada, Júlio a olhou, e ela falou em tom baixo:

— Não gosto de me alimentar olhando o cemitério.

— Então se sente deste lado.

O moço se levantou, pegou seu prato, rodeou a mesa e se sentou virado para a área. Izilda rapidamente se sentou onde ele estava. Famintos, alimentaram-se bem.

“Será”, pensou ele, “que a cidade tem outro cemitério? Lembro-me de que o único que existe fica para lá, do outro lado. Izilda estará bem mesmo? Foi melhor mudar de lugar e jantar olhando o meu pé de jabuticaba, é bem mais agradável”.

Estava escurecendo quando acabaram de jantar. O moço ajudou a ex-empregada a lavar a louça e fechou a porta da área, que estava tão difícil de abrir quanto de fechar.

— Vamos ver um pouco de televisão. É cedo para dormir — convidou Júlio.

Foram à sala. Ligou a televisão.

— Aqui é assim mesmo — explicou ela —, assistimos dois canais. Julinho, é verdade mesmo que venderam pedaços da fazenda? Que dividiram as terras e você ficou com a casa e o

pedaço atrás dela?

— Foi isso mesmo. Tio Hermes fez um testamento deixando tudo para seus três sobrinhos, o que restou da família dele. Somos os herdeiros dele, Michel, Alice e eu.

— Por que ficou com a casa? — perguntou Izilda.

— Não sei explicar o porquê, penso que quis voltar aqui, onde morei por uns tempos.

— Hum... — resmungou ela.

— Você acha que agi certo?

— Acho que sim. A casa e as terras são da sua família há muito tempo.

— Acertamos tudo, Michel e Alice vieram somente para receber o dinheiro das vendas, assinar os documentos e foram embora.

— Como está seu irmão? E Alice? Dê-me notícias deles.

— Michel está bem; com o dinheiro que recebeu, irá comprar outro apartamento. Alice guardará o dinheiro.

— Como está a menina Alice? — Izilda insistiu na pergunta.

— Está bonita como sempre, nos contou que é feliz, bem-casada, tem três filhos. Não quis nem ver a casa. Disse que nunca veio aqui. Tenho fotos deles. Quer ver?

Com a afirmativa dela, Júlio foi ao seu quarto, pegou um envelope e o trouxe, mostrou as fotos à sua hóspede.

— Essa é de minha mãe antes de falecer. Tia Angelina, Michel e Alice, com o marido e os filhos.

Izilda pegava as fotos, olhava-as bem, demorou mais nas de Alice. Devolveu-as para o moço.

— Antes de dormir, no asilo, tomamos chá. Vou fazer um; peguei hortelã na horta e vi que no armário tem torradas. Vou trazer aqui, assim veremos o noticiário tomando chá.

Minutos depois, Izilda retornou da cozinha com uma bandeja, duas xícaras e um pratinho com torradas.

Escutaram um barulho na cozinha, como se fosse uma panela caindo. Júlio ia se levantar para ver o que acontecera, mas Izilda o segurou pelo braço.

— Menino, casa velha tem seus barulhos. É como se fosse viva. Barulhos aqui, vultos ali... Não deve ir ver o que é nem querer saber o que seja. Pois não é nada. É somente barulho. Entendeu?

O moço até pensou em perguntar se eram as tão faladas assombrações, mas não o fez.

Tomaram o chá. Júlio percebeu que ela estava contente e perguntou:

— Você está alegre por estar aqui?

— Sim, estou. Estava saudosa da casa, do meu quarto, da minha privacidade. No asilo, o banheiro que uso é coletivo, para

dez internas. Divido o quarto que durmo com mais sete. Nem sempre a comida é boa. O horário é rígido, o que é certo, porque onde não há disciplina, não há ordem. Não fico sozinha, mas não tenho momentos a sós. Nem sempre visto minhas roupas. Amanhã irei lavar as que ficaram aqui guardadas. Será bom vestir uma roupa que realmente é minha. Obrigada, Julinho, por me trazer. Não pense que sou ingrata. Sou agradecida; se não estivesse naquele lar, abrigo, com certeza estaria na rua, o que seria cem vezes pior. Quando fui para lá, demorei a me acostumar. Mas a vida é assim mesmo, nem sempre é como queremos. Vou dormir, estou com sono. Se precisar de mim, bata na porta do meu quarto.

— Vou até a cozinha com você. Talvez um animal tenha entrado na casa — decidiu Júlio.

Izilda sorriu.

Júlio olhou a cozinha toda. Nada no chão, não viu nenhuma panela caída, bicho nenhum.

— O barulho talvez tenha sido de algum cano ou da caixa d'água — falou Izilda.

Despediram-se.

— Se precisar, Izilda, de mim, me chame.

Ela foi para o seu quarto, e ele, para a sala.

“Ela irá sentir quando voltar para o asilo. Que pena! Se eu

ficar aqui, Izilda ficará, mas, se for embora, ela terá de voltar ao abrigo. Triste!”

Júlio se sentou no sofá e olhou para a televisão.

“A televisão está desligada! Eu não a desliguei! Será que Izilda a desligou e eu não percebi?”

Ligou-a novamente e assistiu ao noticiário.

“É cedo para dormir, mas estou com sono. Vou para a cama.”

Foi para seu quarto.

“Está limpo, colchão novo. Ainda bem que comprei dois pensando em Rafaela, ela virá me visitar. Amanhã compro outro. Não podia deixar Izilda dormir num colchão velho e talvez mofado.”

Com tudo arrumado para deitar, ia apagar a luz quando esta se apagou sozinha.

“Queimou a lâmpada! Amanhã troco!”

Orou, como de costume, um Pai-Nosso e uma Ave-Maria, acomodou-se e dormiu.

## 4

# O quarto fechado

Júlio acordou e se levantou entusiasmado; sempre acordava assim, com disposição e alegria. A primeira coisa que fez foi acender a luz e, quando a lâmpada iluminou o quarto, foi que se lembrou de que ela se apagara sozinha.

— Xi... a lâmpada está boa! Pior, deve ser mau contato. Com certeza terei de consertar. Fica para depois.

Escutou um risinho.

— Vá rir da sua avó! Que coisa!

Júlio não tinha costume de falar sozinho, nem sabia por que estava fazendo isso. Novamente escutou outro risinho, que lhe pareceu ser de mais pessoas.

“Coisas de casa velha, que ficou fechada, desabitada. Que riam!”

Achando graça de si mesmo, riu. Trocou-se, apagou a luz e abriu a janela. O dia estava muito bonito. Saiu do quarto e sentiu cheiro de café. Foi para a cozinha.

— Bom dia, Julinho!

— Bom dia! Levantou-se cedo e já fez o café. Está cheiroso!

— Levanto-me cedo, é costume — respondeu Izilda.

Júlio a ajudou e ambos tomaram o café. O casal chegou, tomaram café, e a limpeza recomeçou.

— Júlio, posso acabar de limpar meu quarto? — perguntou Izilda.

— Você está aqui como hóspede, faça o que quiser.

O moço foi para o quarto que estava ocupando, limpou o armário por dentro, todas as gavetas da cômoda e, numa delas, achou uma bermuda. Pegou-a e se lembrou de que era sua. Com certeza fora esquecida quando sua mãe foi buscá-lo e ele foi embora.

“Por que será que foi guardada? Será que titio esperava meu retorno? Mas, depois de tantos anos, saberia com certeza que essa roupa não me serviria mais. Ou a deixou aqui como recordação? Ou pensou que o dono voltaria para vê-la? Ele esperou que eu retornasse à fazenda? Por quê? Mais um fato que não tenho como saber.”

Dobrou a bermuda, colocou-a no fundo da gaveta e depois limpou as gavetas da mesa de cabeceira. Limpou o chão e o banheiro que estava usando. Deu-se por satisfeito quando viu tudo limpo. No horário do almoço, foi buscar comida. Quando se

despediu, Glória falou:

— Senhor Júlio, Izilda e eu faremos uma lista do que precisamos e amanhã iremos cozinhar.

Almoçaram ele e Izilda na sala de refeição, e o casal, na cozinha. Após a refeição, os quatro iriam continuar com a limpeza.

— Senhor, falta limpar o quarto que seu tio ocupava, porém...

Júlio notou que Glória estava com dificuldade de dizer o que sentia, resolveu ajudá-la.

— O que se passa, Glória? Você receia entrar lá?

— Já fui até a porta por duas vezes e não tive coragem de entrar. Tive medo de entrar no aposento, senti que não conseguiria abrir a porta.

— Está trancada?

— Não, fechada. É um quarto fechado! — exclamou Glória.

— Depois que titio morreu, você não foi mais lá? — perguntou Júlio.

— Fomos. Mas agora não sei como o quarto está. Quando chegamos aqui naquele dia, encontramos a casa fechada e chamamos o advogado, esse que o senhor conheceu. Entramos nós três no quarto, mas saímos logo porque foi ele quem tomou todas as providências e, após ter levado o corpo, fechou a casa. Dois dias depois do enterro, ele foi nos buscar, entrou aqui

conosco e deu a ordem: “Limpem o chão do quarto do senhor Hermes, depois peguem para vocês todos os alimentos que estão na cozinha e desliguem todos os aparelhos; vou lacrar a casa, os herdeiros decidirão o que fazer com ela”. Fizemos o que foi ordenado. Vi o advogado pegar algumas garrafas de bebidas, e ele, ao perceber que vimos, explicou: “Estão abertas; se não levar, estragarão!”. Pegou também pacotes de cigarros. Por isso queria que o senhor fosse ao quarto conosco ver o que há nele. Se faltar alguma coisa, não poderão dizer que fomos nós.

— Posso ir também, Julinho? — indagou Izilda.

— Claro, vamos nós quatro — decidiu o novo proprietário da casa.

Ele abriu facilmente a porta, realmente não estava trancada; ao entrar, abriu a janela. O cômodo cheirava a casa fechada. Júlio olhou tudo. Os outros três, igualmente curiosos, olharam também e entraram com os apetrechos de limpeza: baldes, panos, vassouras etc.

Júlio abriu o armário. Não tinha muitas roupas; algumas camisas, calças e paletós.

— São somente essas roupas? — perguntou Júlio.

— Seu tio não tinha mesmo muitas roupas — respondeu Glória.

— É isso mesmo, Julinho — Izilda tentou explicar. — O

senhor Hermes não gostava de comprar roupas. Falava sempre que possuía o necessário. Deve ter outras na cômoda.

Júlio foi abrindo as gavetas e os três as olhavam. Na cômoda, duas gavetas tinham roupas íntimas e, na outra, pastas etiquetadas. Ele leu em voz alta:

— Recibos de arrendatários, documentos, recibos de pagamentos, fotos. Vamos limpar as gavetas e os armários, porém deixaremos tudo como está. Depois, quando tiver tempo, vou ver o que tem nessas pastas.

Abriu a gavetinha da mesa de cabeceira, nela estavam dois relógios e um revólver.

— Revólver?! — Júlio admirou-se.

— Sim — explicou Izilda. — Seu tio sempre teve revólver, dizia que aqui, sozinho, tinha que se proteger. Atirava bem.

Júlio pegou a arma, que estava carregada. Viu uma caixa com balas, descarregou o revólver e colocou a munição na caixa.

“Uma arma com balas... Revólver pronto para atirar... O que mais saberei do tio Hermes?”, o moço suspirou.

Vendo que os três o olhavam mexer na arma, explicou:

— Sei lidar com elas. Aprendi quando fiz o serviço militar. Isso foi há anos, mas não esqueci. Não tenho armas. Não gosto delas. Sabem se tem mais alguma na casa?

— Vi outra no escritório, mas não peguei. Se quiser, mostro

para o senhor — respondeu Glória.

— Outro dia. Vamos agora limpar o quarto.

Ele olhou para o chão e viu uma grande mancha no tapete e no assoalho. Os três continuaram atentos a ele, e foi Glória quem explicou:

— Senhor, tentamos limpar, Gedor e eu, quando o advogado nos trouxe aqui. Penso que essa mancha não sairá.

— É sangue? — perguntou o novo dono da casa.

— Sim — a resposta de Glória foi lacônica.

— Gedor, pegue esse tapete e o jogue no lixo — ordenou Júlio. — Tentem limpar o assoalho. Peguem depois outro tapete, de outro quarto, e coloquem aqui em cima da mancha do assoalho. Gedor, me conte o que aconteceu, por favor. Como titio morreu?

— Eu também quero saber — disse Izilda. — Contaram-me que o senhor Hermes teve uma doença no coração. Mas por que ele sangrou?

Gedor deu dois passos à frente, ficando próximo do dono da casa, e este percebeu que o homem não queria olhar para a esposa. Falou rápido:

— Quando Glória, o advogado e eu entramos no quarto, o senhor Hermes estava de pijama e caído bem aqui — mostrou com a mão o chão, o espaço em frente à cama. — Seu tio estava

molhado, porque fez xixi e, com certeza, ao cair, bateu a cabeça na peseira da cama ou no chão, ou... cortou e sangrou.

— O advogado afirmou — Glória interrompeu o marido — que o médico explicou que, num infarto, se sente muitas dores e, por isso, ele urinou e caiu, se ferindo e...

— Glória, o senhor Júlio pediu para eu contar — Gedor falou com voz mais alta e, abaixando o tom, continuou: — Não foi uma cena bonita de ser ver. Fiquei impressionado, tive várias noites de insônia. O senhor Hermes estava assim — mostrou, fazendo mímica. — Isso mesmo, estava com expressão de horror, apavorado. Sua urina estava aqui, concluo que ele urinou primeiro e caiu depois, deve ter dado dois passos. Pelo que vemos, a mancha, essa, é de sangue. Ele não bateu na peseira da cama, vejam, ela não tem quina, é arredondada. Por que ou como se feriu no chão? Se tivesse batido no chão, não era para ele ter machucado também o rosto? Pareceu-me que ele tinha levado uma pancada. Foi ferido por um objeto.

— Gedor! Cale-se! — Glória aproximou-se mais dele.

— Por favor! — pediu Júlio. — Acalmem-se! Glória, deixe Gedor falar. Estamos somente nós quatro. Realmente quero saber. Estou atento, acompanhando seu raciocínio. Continue, Gedor, conte-me tudo. Procure se lembrar de todos os detalhes.

— Senhor Júlio — falou Glória —, Gedor sempre foi muito

imaginativo, empregados não devem ser assim. Temo porque, como sempre acontece, a corda arrebenta do lado mais fraco.

— De que tem medo, Glória? — Júlio realmente quis saber.

— A morte do senhor Hermes foi por infarto, o médico foi quem afirmou. Estávamos sempre aqui, trabalhávamos na casa. As pessoas falam, fofocam, o senhor Hermes nos deixou uma gratificação. Se suspeitarem que ele foi assassinado, não seríamos os suspeitos?

— Claro que não! — Júlio afirmou com convicção. — A casa não estava trancada?

— Fechada e não foi arrombada — respondeu Gedor. Virou-se para a esposa e pediu: — Deixe-me falar. Não me interrompa. Puxou-a para trás e quem o interrompeu foi Izilda.

— Julinho, seu tio há anos temia que alguém o matasse. Uma vez perguntei o porquê, e ele me respondeu: “Quem já teve muitas mulheres e sabe que elas o odeiam deve ter medo, como também dos maridos de algumas”. O fato é que, às vezes, seu tio cismava e é por isso que essa casa é segura, bem fechada. Glória, por favor, deixe Gedor contar.

— Numa coisa Glória tem razão — falou Gedor —, frequentávamos a casa, não tínhamos as chaves, mas podem dizer que fizemos cópias. Uma coisa é certa, não tínhamos motivos para matá-lo. Nem imaginávamos que o senhor Hermes

nos daria uma gratificação, e foi pequena, o equivalente a dois meses de trabalho. A casa não foi arrombada, não tinha vestígio de luta, nada estava faltando. De estranho foi somente isso: o senhor Hermes estava caído aqui, assim, virado de frente; sua urina estava ali, numa poça; o sangue aqui; e tinha somente um ferimento na testa, desse lado. Se tivesse batido a cabeça no chão, o ferimento deveria ser do outro lado.

— Já que é para contar — Glória interrompeu o marido novamente —, a expressão dele estava de fato horrível! Estava com a mão na garganta, olhos abertos demais, a boca assim — abriu a sua —, era a visão de alguém desesperado.

— Sentiu-se mal sozinho. Talvez seja por isso que tenha se desesperado — opinou Izilda.

— Prestem atenção no que concluí — pediu Gedor. — Se bateu a cabeça no chão, como pode ter virado?

— Penso — falou Júlio após dois segundos de silêncio — que deve ter ocorrido assim: titio acordou passando mal e sentindo dores; de fato, um infarto, como afirmam muitas pessoas que sobreviveram a isso, é doloroso. Levantou-se, apoiou-se na peseira da cama, não conseguiu se segurar, urinou, deu dois passos para esse lado, tonteou, caiu, bateu a cabeça e teve forças para se virar, pois a pancada somente o feriu, ele faleceu mesmo foi pelo infarto. A expressão que viram dele é explicável; com

dor, apavorou-se porque sabia que não havia ninguém para socorrê-lo e também por ter tido dificuldade para respirar. Depois, titio estava com o revólver carregado na gaveta ao seu lado; se tivesse ouvido ou visto alguém, penso que seu primeiro impulso seria pegar a arma, e ele não fez isso.

— Entendi sua explicação, foi bom falar, fico mais tranquilo — disse Gedor.

— Porém não aceitou, não concorda — Júlio olhou para o empregado, analisando a sua reação.

— Tenho a minha opinião! — exclamou Gedor. — O fato concreto é que o senhor Hermes está morto e enterrado. Não irá reviver se descobirmos de que ou como morreu. Glória tem razão, o melhor é deixar como está.

— Se algo aconteceu, ou seja, se titio foi assassinado, você suspeitaria de quem? Pense bem, Gedor. Se você desconfia de alguém, me diga — pediu Júlio.

— Não tenho suspeito. Se tivesse, teria ido à delegacia — respondeu Gedor. — Vocês três, os sobrinhos herdeiros, nem sabiam dessa herança, e nenhum de vocês conseguiria entrar na casa; como o senhor viu, ela é muito bem-protegida, e o senhor Hermes dormia trancado, o quarto estava fechado. Só uma pessoa tinha as chaves.

— O advogado! — concluiu Júlio.

— Mas ele nada, pelo menos aparentemente, ganhou com essa morte — contou Gedor. — Como escutamos ele resmungar, enquanto limpávamos o quarto, que ele, com o falecimento do senhor Hermes, deixaria de receber um ordenado.

— Por que o advogado receberia ordenado? — Júlio quis saber.

— Penso que era para cuidar dos negócios de seu tio — respondeu Gedor.

— Também — falou Glória — porque ele era afilhado do senhor Hermes e o pai dele foi um grande amigo do nosso ex-patrão, ultimamente era a única pessoa que o visitava, comprava coisas para o seu tio.

— Mistério! — exclamou Izilda.

“Vou depois olhar os documentos que titio guardava. Ele não deixou dinheiro nenhum. Recebia dos arrendatários. Gastava tudo? O que foi feito desse dinheiro?” pensou Júlio.

Por alguns momentos, os quatro ficaram calados e foi Glória quem quebrou o silêncio e comentou:

— O senhor Hermes estava sempre trocando todas as chaves, às vezes trocava até as fechaduras.

— Desde o tempo que estive aqui, ele fazia isso — contou Izilda. — Penso como Julinho, o senhor Hermes deve ter morrido de morte natural; se não, teria pegado o revólver.

Gedor, pela expressão de seu rosto, não se convenceu, mas não falou mais nada; pegou o tapete, o enrolou e saiu para jogá-lo fora. Júlio abriu uma portinha debaixo da gaveta da mesinha de cabeceira, e ali estavam três pares de sapatos, todos embolorados.

— Posso pegá-los, limpá-los e colocá-los no sol? — Glória perguntou.

— Por favor, faça isso.

A empregada pegou os pares de sapatos e foi levá-los para a lavanderia. Ficaram somente Júlio e Izilda no quarto.

— Você acredita mesmo no que falou? — perguntou ela.

— Penso que deve ser isso mesmo o que aconteceu. E você, o que pensa?

— Será que susto pode matar?

— Como?! — Júlio realmente não entendeu a indagação.

— Susto! O senhor Hermes levou um susto e, com isso, teve um infarto e partiu desta para outra pior.

— Por que acha que foi para pior?

— Júlio, seu tio não foi nenhum santo — respondeu Izilda. — Não era religioso, nesta casa ninguém era. No asilo, somos obrigados a orar, a assistir à missa. No começo estranhei, depois gostei. Confessei meus pecados e fui perdoada porque quis mesmo o perdão. Porém, recebi o retorno dos meus pecados, de

meus atos errados e concluí que tem de ser assim. Recebemos o bem que fazemos e também o mal que foi feito. Pelo que sei, seu tio não se arrependeu do que fez, só pode então estar em dificuldades. Você não me respondeu.

— Não gosto de tomar susto. Penso que poucos gostam. Pelo susto, podemos sentir o coração disparar, mas não acredito que possamos morrer por isso. Tio Hermes estava idoso, com certeza adoentado. Seu coração parou. Quanto à expressão terrível em seu rosto, que Glória comentou, deve ter ocorrido como deduzi, apavorou-se por estar sozinho e, com certeza, teve medo da morte. O que você pensa, Izilda, sobre isso? Fale, por favor. Quero saber a sua opinião.

— O senhor Hermes fez inimigos. Ao contrário de Gedor, que pensa que foi alguém vivo, acredito que foi alguém morto — Izilda, ao ver a expressão de assombro de Júlio, resolveu explicar: — Acredito que a morte não nos afasta de afetos e, infelizmente, nem de desafetos. O senhor Hermes pode ter visto um defunto e se assustou.

— Vamos limpar o quarto, só falta este cômodo para a casa ficar limpa — determinou o novo dono da casa, que resolveu dar o assunto por encerrado.

Pegou um pano, abriu o armário e se pôs a limpá-lo. Os quatro não demoraram na limpeza e o quarto ficou como Júlio

queria.

Os três saíram, e o moço ficou sozinho no aposento, olhou tudo novamente.

“A mancha de sangue não saiu, o tapete a cobriu. Não me lembro de ter vindo aqui quando estive hospedado na casa. Com certeza titio não gostava que entrassem no seu cantinho particular.”

Sentiu pressão no seu ombro direito, como se alguém tivesse colocado a mão, e, sem entender, sentiu que esse “alguém” estava pesaroso. Escutou um choro.

— Ah, titio... Se for o senhor, não se aborreça!

Saiu do quarto e, assim que fechou a porta, escutou um riso.

— Começo a me irritar com esse risinho. Vá rir da sua imagem no espelho! Ora!

Foi para a cozinha fazer a lista de itens a serem comprados. As duas mulheres foram falando, e ele, escrevendo. Quando acabaram, Júlio indagou:

— Onde está Gedor? Vou perguntar a ele se precisa de alguma coisa.

— No quintal — respondeu Glória.

Júlio foi ao quintal, não viu o empregado. Deparou-se com um abacateiro, admirou-se com a bonita árvore frutífera, que estava frondosa, e ficou a observá-la.

— Senhor Júlio!

Ele se assustou, deu um pulo e se esforçou para se controlar, não ser indelicado e xingar, porque viu a vontade de rir de Gedor.

— Somente o chamei. O senhor estava me procurando? Quer falar comigo?

Júlio suspirou, entendeu que Gedor não quisera assustá-lo realmente, ele apenas o chamara. Riu, e então o empregado gargalhou.

— Estava procurando você porque vou fazer compras e quero saber se precisa de alguma coisa.

— Essa enxada está velha, atrasa meu trabalho. Perto do mercado tem uma loja onde se vendem ferramentas; se o senhor quiser comprar outra, farei mais rápido meu serviço.

— Vou comprar. Até logo!

Era uma rotina: ao sair ou chegar a casa, saía do carro, abria o portão, passava o veículo, descia, fechava...

— Bem que vocês do outro mundo poderiam abrir e fechar o portão para mim. Seria mais fácil! — exclamou Júlio.

Nada. Foi fechá-lo e, quando estava faltando uns vinte centímetros para ser fechado, ele sentiu um impulso, e o portão bateu.

Júlio foi tranquilo fazer compras.

## 5

# As ossadas

Com a casa limpa, Júlio resolveu ajudar Izilda a fazer o jantar. Ele estava satisfeito com a limpeza. Jantaram e foram ver televisão.

“Não gosto de rotina, porém não sei o que fazer”, pensou Júlio.

No outro dia, sexta-feira, levantou-se e, após o café, foi para o quintal. Encontrou tudo como se lembrava, com as muitas árvores frutíferas. Gedor continuava carpindo e limpando o local.

Almoçaram, a comida estava deliciosa. Izilda estava muito contente, foi ela quem avisou:

— Júlio, o casal não trabalha sábado nem domingo. Amanhã eles não vêm.

— Tudo bem. Vou conversar com eles para virem três vezes por semana. Mas não se preocupe, nos dias que eles não vierem, busco comida ou almoçaremos fora.

— Almoçar num restaurante? Nunca fui a um.

— Iremos no domingo.

Não tendo nada para fazer, ficou andando pela casa; após o almoço, foi ao quarto que fora de seu tio. Abriu todas as janelas. Pegou as pastas. Percebeu que o ex-dono da casa era organizado. Não era aposentado, não pagara a previdência, mas recebia um bom dinheiro pelos arrendamentos. Suas despesas não eram muitas, viu isso pelos recibos de pagamento.

“Onde ou como será que titio gastava esse dinheiro? Vou saber.”

Avisou Izilda:

— Vou à cidade tentar conversar com o advogado.

— O que você está pensando, Julinho?

— Titio recebia todos os meses um bom dinheiro. Onde está? Será que gastava tudo?

— Na cidade tem um banco, vá lá e tente se informar se seu tio tinha ou tem dinheiro na agência — aconselhou Izilda.

— Boa ideia!

Júlio foi primeiro ao escritório do advogado, sua secretária informou que ele estaria ali em trinta minutos. Ele então foi ao banco, esperou somente quinze minutos, e o gerente o atendeu.

— Vim aqui saber se Hermes... meu tio, tinha conta aqui, dinheiro aplicado, algo assim.

— Não, o senhor Hermes não tinha dinheiro aplicado, nunca

teve. Tentamos várias vezes fazê-lo nosso cliente, mas ele não quis, dizia não gostar de bancos. Há anos, ele abriu uma conta corrente, mas nunca teve muito dinheiro. Quando faleceu, seu advogado a encerrou. Veja o senhor — deu um papel para Júlio ver —, tinha, quando faleceu, somente isso.

— Ele nunca teve mesmo dinheiro aqui, guardado? — Júlio queria mesmo se certificar.

— Não, senhor; isso posso garantir.

O gerente aproveitou para conversar com Júlio e convencê-lo a abrir uma conta, ofereceu empréstimo etc. Ele agradeceu, despediu-se e voltou ao escritório do advogado, que o recebeu com educação, perguntou como estava etc. Júlio, porém, foi direto ao assunto.

— Vi, pelos documentos que titio guardava, que ele recebia dos arrendatários uma quantia razoável por mês. Fui ao banco e meu tio não tinha conta. Sabe onde está esse dinheiro?

— O senhor Hermes não tinha dinheiro em bancos, não que eu saiba — respondeu o advogado. — Seu tio tinha despesas. Ele pagava impostos das terras, da casa, energia, água, os empregados, tomava vinhos caros, uísque, fumava cigarros importados e gastava com meretrizes. Admira-se?

— Não sei o que pensar. Ele era idoso!

— Talvez por isso pagasse bem as garotas e também usava

muito táxi — o advogado sorriu, debochado.

— Ele lhe dava dinheiro?

Júlio percebeu que o advogado não gostou de sua visita e menos ainda de suas perguntas, mas respondeu:

— O senhor Hermes era meu cliente, trabalhava para ele. Como não gostava de pagar contas, fazer compras, eu fazia isso para ele.

— Era seu padrinho?

— Sim, mas isso não tem nada a ver com o que fazia — o advogado tentou explicar. — Recebia dele menos do que um salário mínimo. Como ele gastava seu dinheiro, penso que somente ele poderia lhe responder. Pena que, quando ele estava vivo, você não fez isso. Nunca o visitou. Agora tenho um compromisso, desculpe-me.

Júlio se despediu, saiu e andou devagar pela rua.

“Esse moço não tem cara nem jeito de assassino. Mas, com certeza, ficava com o dinheiro do meu tio. Afinal, era ele quem dava atenção ao titio, era seu afilhado. Tio Hermes lhe dava ou sabia que seu afilhado ficava com parte do que recebia. Não sei como não lhe deixou tudo o que possuía. De fato, nós três nos esquecemos desse parente e nos surpreendemos por ele ter deixado para nós seus bens. Talvez porque éramos seus únicos sobrinhos. Esse moço, o advogado, devia gostar dele. Porém,

senti que ele é interesseiro.”

Voltou para casa e, à noite, quando os dois estavam vendo televisão, perguntou a Izilda:

— Quando você estava aqui, esse advogado frequentava a casa?

— Sim, ele vinha sempre aqui. Quando menino, vinha com o pai, o doutor Ludovico; com o falecimento do genitor, passou a vir mais. O senhor Hermes, depois de me pedir para servir vinho e petiscos aos dois, me fazia sinal para deixá-los sozinhos.

— Você acha esse moço interesseiro?

— Talvez seja, mas devia gostar do seu tio — respondeu Izilda.

— É verdade que titio se encontrava com garotas?

— Seu tio sempre foi mulherengo. Por que pergunta? — Izilda quis saber.

— Pelo que verifiquei nos papéis das pastas, titio recebia muito mais dinheiro do que gastava. Fui me encontrar com o advogado, ele não gostou da minha visita nem das indagações. Comentou que, se eu estivesse mais presente na vida do meu tio, saberia o que ele fazia.

— O senhor Hermes devia dar dinheiro a esse moço, que era o único afilhado dele — falou Izilda.

— Será que titio guardava dinheiro? Se guardava, deve estar

em algum lugar.

— Se ele guardou, deve estar escondido aqui na casa. O que você está pensando, Júlio?

— O advogado tinha conhecimento do suposto esconderijo!

— Júlio expressou, falando em tom baixo.

— Por favor — pediu Izilda —, cuidado com o que fala. Será que Gedor o influenciou? Está pensando que o ex-dono desta casa foi morto ao ser roubado?

— Izilda, ou titio gastava muito ou ele guardava dinheiro. Se guardava, onde está?

— O senhor Hermes devia gastar mais e não marcou nesses papéis. Com certeza continuava a frequentar o bordel e também dava dinheiro para o afilhado. Seu tio se sentia muito sozinho e a única pessoa com quem ultimamente conversava, que o visitava, era o afilhado. Por que não daria dinheiro para ele? Talvez seja por isso que ele, o advogado, se aborreceu com o falecimento do padrinho, ficou sem esse extra. Era muito dinheiro?

— Não muito, porém, se poupado todo mês, daria uma quantia razoável — respondeu Júlio.

— Não consigo imaginar o senhor Hermes poupando. Ele se alimentava muito bem, tomava muito vinho, seus cigarros eram da marca mais cara.

— Vou esquecer esse assunto. Numa coisa o advogado tem

razão: não participávamos da vida dele, nenhum dos três sobrinhos. Foi uma surpresa ter nos deixado a fazenda. Não me surpreenderia se ele tivesse deixado tudo para esse afilhado.

Foi se sentar no sofá e escutou, ou sentiu que escutou, soou em sua mente:

— *Dava dinheiro para meu afilhado. O que você tem com isso? Gosto dele! Ele sabia do meu testamento. Eu fazia questão de lembrá-lo. Penso que, se tivesse feito dele meu herdeiro, estaria morto há muitos anos. Assim, um usava o outro. Ele vinha aqui me visitar, trabalhava para mim. Comprava garrafas de vinho, me trazia cinco, ficava com cinco ou sete, fazia isso com tudo o que adquiria para mim. Não foi ele quem me matou. Mas houve crime. Uma vingança!*

Parou de ouvir a voz. Júlio, ainda abismado, pensou:

“Que coisa! O que aconteceu nesta casa? Estou assustado! Crime? Mistérios? O importante foi eu saber que o advogado não matou titio, seu pesar foi sincero, sentiu a morte de seu padrinho. Porque, com o falecimento do ex-dono da casa, não receberia mais nada. Não entendo como esse advogado pôde achar ganância uma atitude correta. Agora compreendo por que titio nos deixou a fazenda. Temia deixar algo para o afilhado e ser morto. Para esse advogado, titio valia mais vivo do que morto.”

No sábado, ele ajudou Izilda a fazer o almoço.

— Izilda, à noite vou à cidade telefonar para meu irmão e minha namorada. Você quer ir comigo?

— Quero! Gostaria de ir à missa. Gosto de sair.

Combinaram e, à noitinha, fecharam a casa e foram. Júlio entrou na igreja com Izilda, sentou num banco e ficou admirando o local.

“Igrejas são sempre bonitas! Gosto de vê-las!”

Antes de a missa começar, Júlio saiu, e combinaram de se encontrar num banco da praça, no jardim em frente à igreja.

Foi telefonar, procurou um orelhão, telefone público, e falou com o irmão.

— Júlio, separei-me de Paul e me mudo de apartamento na terça-feira. Estou me sentindo aliviado — mudou de assunto e indagou: — Na casa tem ou não assombrações?

— Tem nada! — respondeu Júlio. — A casa é velha, mas está bem-conservada, tudo funciona. Estou gostando. Encontrei Izilda, que está morando num asilo, busquei-a para passar uns dias comigo.

— Você está contente! — exclamou Michel.

— De fato, estou. Telefone para você no sábado que vem.

— Talvez eu o visite nesse fim de semana. Se eu não estiver no sábado aí para o almoço, então me telefone à noite neste mesmo horário.

Júlio ficou contente com a possibilidade de o irmão ir visitá-lo. Despediram-se.

“Vou comprar mais colchões”, decidiu ele.

Ligou para Rafaela. Ao escutá-la, seu coração disparou, estava saudoso. Depois de falar da saudade e contar o que fizera, Rafaela informou:

— Querido, na quinta-feira vou aí. Tirei férias. Vou descansar nessa casa de que fala com entusiasmo.

Ele explicou como a namorada deveria fazer para ir e se despediu falando de amor.

Júlio se sentou num banco e aguardou Izilda, que logo foi se encontrar com ele.

— Vamos comprar pipoca? — perguntou o moço.

— É que pode estar salgada, sou hipertensa, estou sem remédio.

— O quê?! Por que está sem remédio?

— Trouxe somente dois comprimidos do asilo — respondeu ela.

— Não tem dinheiro para comprar e não me falou? Vamos agora à farmácia, aquela ali está aberta. Vamos comprar todos os remédios de que precisa.

Júlio puxou-a pela mão e foram à farmácia.

— Fale os nomes dos remédios que toma. Vamos comprar

todos.

Izilda, contente, disse os nomes, e o balconista foi pegá-los; ela se distraiu e ficou olhando os cosméticos. Ele se lembrou de que Rafaela comprava muitos.

— Izilda, pegue para você esses cremes.

— Mas são caros — Izilda o olhou e, vendo-o sorrir, perguntou: — Posso mesmo?

— Por favor, são presentes meus.

Ela escolheu os mais baratos.

— Este não! Pegue este! Não gosta deste aqui?

Júlio a fez pegar vários cosméticos e ela ficou feliz. Tomou, ali mesmo na farmácia, o remédio para controlar a pressão.

— Agora posso comer pipoca!

Comeram pipoca e tomaram sorvete.

— Faz anos que não saio à noite, que não venho à praça. Estou gostando muito. Obrigada!

Voltaram para casa, e ela foi dormir, estava cansada. Ele ficou na sala, sentou-se no sofá, e então sentiu alguém perto dele. Sem compreender, escutou, não como se escuta uma pessoa, foi como alguém falando em sua mente:

— *Meu neto, me enterre no cemitério! Quero meus restos mortais no túmulo da família!*

— Não estou entendendo! — exclamou Júlio falando

baixinho.

— *O seu pé de jabuticaba. Mostro a você! Cave e encontrará.*

— Não vou cavar!

— *Vai, sim! Peço-lhe, por favor! Se não cavar, não irá saber. Se fizer o que estou lhe pedindo, eu o recompensarei.*

— Não estou escutando! Não ouço nada! O que estou ouvindo é irreal! Não pode ser! — resmungou ele.

— *Quem ri de você são os outros. Os três não estão aqui, foram ao motel se distrair. Ficamos eu, que foi sua avó Justina, e Nelinha, uma amiga minha. Outro dia eu lhe conto quem é ela. Vamos, não seja preguiçoso, vá ver o que tem lá. Esta noite é perfeita para isso, os três estão fora.*

Júlio, num impulso, tirou seu tênis, arregaçou a calça e foi ao jardim de inverno.

— *É aqui. Pegue a pá, tire a grama e cave!*

Ele pegou a pá que estava no quintal, procurando não fazer barulho para não acordar Izilda, acendeu a luz do espaço denominado “jardim de inverno” e, no local indicado, tirou a grama, como se fosse um tapete e cavou a terra. De fato, não precisou cavar muito, a pá bateu em algo duro. Com a mão, pegou o que era; assustado, viu, após tirar terra do objeto, que era uma caveira.

— *Aqui está parte de um esqueleto; ali, a dez centímetros, outra*

*ossada. E a dois passos, mais uma caveira.*

Júlio, com a mão, pegou alguns ossos. Cavou o outro espaço que lhe fora indicado e pegou mais ossos.

— Serão de algum animal? Um cachorro? — Júlio indagou a si mesmo.

— *Idiota! Cachorro tem focinho!*

— “Idiota”, não! Estou assustado! Será que esta ossada é de uma criança? É menor do que a outra! O que faço agora?

— *Por enquanto, é melhor deixar tudo como está. Coloque a terra novamente, depois a grama. Jogue água. Queria que você soubesse das ossadas. Logo saberá o que fazer com elas.*

Júlio fez o que lhe foi sugerido. Colocou a terra no buraco, bateu com a pá para acertá-la, colocou a grama, ligou o esguicho e molhou o local. Deu-se por satisfeito. Apagou a luz, fechou a porta, guardou a pá, foi para seu quarto, tomou banho e se deitou, porém não dormiu e ficou pensando:

“Meu Deus! O que fiz? Que loucura! Como explicar isso a alguém? Encontrei três esqueletos, crânios! Se cavasse direito, encontraria o restante das ossadas. Quem são? Ou o que foram essas pessoas? Por que estão ali? O que aconteceu? Será que estou sonhando? Ou enlouqueci? Imaginei isso? Como entender?”

Escutou algo que se parecia com a chegada de pessoas,

estavam rindo.

“É o riso! É melhor dormir!”

Mas não conseguiu, estava inquieto.

“Por que essas ossadas estão ali? Por quê? Por quê?”

Fez muitas perguntas e não encontrou respostas. Até que, inquieto, voltou a se indagar:

“Por que fui lá mesmo? Por que fiz aquilo? Por que cavei perto da jabuticabeira e encontrei as ossadas? Tantos porquês! Foi a voz! Mas que voz? Senti dentro de mim ou escutei? Será que estou desequilibrado? A casa me mostrou algo que está errado nela? Uma casa faz isso? Será que Glória tem razão em dizer que esta propriedade tem suas esquisitices? A voz me chamou de ‘neto’. Neto de quem? O fato é que não gostei do que encontrei. Não gostei mesmo! Estou preocupado! Malditas ossadas!”

Acabou dormindo. Acordou e se levantou. Izilda se desculpou por já ter tomado seu desjejum e o serviu. Ele abriu a porta da sala de jantar e viu o jardim de inverno, olhou onde havia cavado.

“Somente se observarem bem notarão que o jardim foi remexido. Tinha esperança de que tudo tivesse sido um sonho ou pesadelo. Realmente não foi, cavei ali mesmo ontem à noite.”

Ficou na casa, andou ao redor dela, sentou-se no sofá, foi à

cozinha, depois até a área da frente. Estava inquieto.

Júlio resolveu levar Izilda para almoçar no restaurante, e ela ficou muito contente, gostando de tudo e falando sem parar. Júlio se distraiu, a companhia dela lhe fez bem.

Assim que voltaram, escutaram bater palmas no portão. Os dois olharam pela janela e viram uma moça.

— É a assistente social do asilo. Será que ela veio me buscar?

— perguntou Izilda preocupada.

— Fique aqui, vou lá conversar com ela, pedirei para deixar você aqui mais uns dias.

Atencioso e educado, Júlio convidou a moça para ficar no alpendre, na área da frente.

— É que a senhora Izilda não trouxe os remédios dela — explicou a moça. — Vim saber como ela está. Viram-na com o senhor ontem à noite na praça.

— De fato, passeamos e ela foi à missa. Izilda está bem. Comprei os remédios para ela, que os está tomando. A senhora não a deixaria ficar aqui mais uns dias?

— Pode ficar, sim. Posso vê-la?

Izilda, que estava escondida escutando, veio aliviada cumprimentá-la. A assistente, ao vê-la bem, falou sorrindo:

— Você pode ficar aqui o tempo que quiser ou até quando o senhor Júlio permitir. Tome seus remédios!

A moça foi embora. Izilda suspirou aliviada e decidiu:

— Vou para o meu quarto descansar um pouquinho.

Júlio ficou na sala e, de repente, lembrou-se de algo.

“Izilda não quis se sentar virada para o jardim de inverno e disse que não gostava de se alimentar olhando para o cemitério. Ela deve saber das ossadas!”

— Izilda! — gritou ele e se dirigiu para o quarto dela.

## 6

# Izilda

Júlio bateu na porta do quarto de Izilda e escutou:

— Entre, Julinho, e feche a porta!

Ele entrou; o quarto estava com pouca claridade, pois a janela encontrava-se fechada. Izilda estava deitada; sentou-se na cama, acomodou-se e convidou:

— Sente-se aqui, nessa poltrona perto de mim...

Ele se sentou e olhou por todo o quarto. Viu, na mesinha de cabeceira, uma corrente grossa prateada com um pingente feito de uma pedra redonda de uns dois centímetros e meio de diâmetro; era negra, rajada de amarelo-escuro. Já tinha visto Izilda com essa corrente no pescoço, no bolso e, no sábado, quando saíram, ao guardar o remédio, viu-a na sua bolsa.

— O que é? — perguntou ele.

— Um amuleto — respondeu Izilda.

— O quê? O que é isso de fato? Não entendi!

— Eu explico.

Izilda pegou o seu amuleto, passou a mão na pedra e deu para ele examinar. Júlio o pegou, a pedra era lisa e, por ser rajada, parecia mudar de tom. Devolveu o objeto e Izilda o colocou de volta onde estava. Falando em tom baixo e pausadamente, respondeu:

— Esse medalhão estava aqui nos meus pertences. Tenho-o há muitos anos. Numa época em que aqui, nesta casa, estavam ocorrendo algumas coisas esquisitas e eu...

— Esquisitas como? É a segunda vez que escuto isso — Júlio a interrompeu.

— Algumas assombrações. Nesta casa sempre se ouviram barulhos, aqui venta muito, tem muita madeira, coisas que se movimentam, canos d'água fazem barulho pela pressão etc. Mas foi mais que isso, pareciam vultos, algo assim. Sua avó foi procurar ajuda, lhe disseram que eram almas do outro mundo, assombrações. Na cidade, naquela época, morava um homem que diziam ser um macumbeiro ou algo parecido. Ele me afirmou que eram espíritos e me fez esse amuleto; mantendo-o perto de mim, os moradores do além não se aproximariam. Para obtê-lo, tive de ter encontros amorosos com o homem. Resolve. Espíritos, como são chamados os mortos, não se aproximam dessa pedra. Por isso podemos falar à vontade que eles, ou seja, os espíritos que estão aqui na propriedade, não podem se

aproximar e nos escutar<sup>[1]</sup>.

Os dois ficaram calados por instantes. Júlio tentava entender o que escutara.

— Você acha que dá certo? — ele quis saber.

— Deu naquela época, está dando agora.

— Acredita mesmo que aqui tem espíritos? Essas esquisitices são os mortos?

— Sim, penso que é isso — respondeu a senhora.

— Izilda, precisamos conversar. Quero, necessito saber, de fatos ocorridos aqui nesta casa, na fazenda. Sei que você pode me contar.

— O que quer saber? Por onde começar? — Izilda estava disposta a atender ao pedido de Júlio.

— Comece contando sua vida. Você viveu aqui por muitos anos, sua história faz parte deste lugar.

— Nasci — começou Izilda a contar — num lugar de miséria. Era a filha mais velha. O que me lembro daquela época é da fome, extrema penúria. Morávamos num casebre de um único cômodo, ali dormíamos amontoados em cima de palhas, havia dois bancos e um fogão. Nossa alimentação era limitada. Como sentir fome é doloroso! As vezes em que internos do asilo reclamavam da comida e eu entrava no clima da reclamação, lembrava-me então dos meus primeiros anos de vida, parava de

me queixar e concluía que aquela alimentação era um banquete se comparada com a que eu tivera na infância. Vivíamos na pobreza e piorou muito pela seca dos últimos anos. Meu pai resolveu, com outras famílias, ir embora dali; na época, tinha somente dois irmãos e haviam morrido outros dois, um ao nascer e outro com cinco meses. Não consigo me lembrar bem da viagem. O que me recordo é que paramos numa cidade e algumas pessoas nos deram alimentos. Foi a primeira vez que comi até me saciar. Que sopa deliciosa! Ganhamos roupas e brinquedos e recebi o meu primeiro presente: uma boneca! Viemos parando e, numa dessas paradas, aqui perto, um homem disse que poderia empregar duas pessoas. Papai ficou, os outros retirantes continuaram. Fomos para a fazenda de seu avô. Encantamo-nos com a casinha de quatro cômodos, com camas, e recebemos roupas, brinquedos e alimentos.

Izilda fez uma pausa para enxugar o rosto.

— Uma nova vida começou. Uma senhora muito bondosa nos levou ao médico, tomamos vermífugos, vitaminas... Ter alimentos era uma graça e mamãe orava sempre agradecendo. Tive mais irmãos. Sempre trabalhei e, aos doze anos, trabalhava bastante. Estudava; essa senhora, que nos ajudou e continuava auxiliando, nos matriculou na escola e nos levou nos primeiros dias. Quando ia estudar no período da tarde, trabalhava de

manhã; se ia à escola cedo, ajudava papai no seu serviço, que era puxado: carpia, plantava e colhia. Quando terminei a quarta série, seu avô mandou que eu viesse trabalhar aqui, na casa. Não sabia como viviam pessoas abastadas nem como era o serviço de uma casa de ricos. Aqui, naquela época, tinha uma empregada, Margarida, que era bondosa; ela, com paciência, me ensinou o que fazer. Morava no quartinho que hoje é o cômodo onde se guardam objetos, aquele no quintal; uma outra empregada dormia neste. Para mim, foi muito bom ter um quarto só para mim, sua avó me dava roupas de sua mãe e tia, alimentava-me bem; estranhei no começo, pois desconhecia a maioria dos alimentos, mas não passei mais fome. Recebia pouco e dava quase todo o meu ordenado para meus pais, que na época tinham nove filhos. Ficava somente com dinheiro para comprar objetos pessoais.

Izilda suspirou. Júlio teve a impressão de que ela revivia o passado.

— Foi um período feliz? — perguntou ele, que prestava muita atenção ao relato.

— Não acredito em sossego total nem que vivemos somente com problemas. Penso que a vida é uma gangorra, ora estamos no alto, ora mais baixos, mas estamos na gangorra. Quanto a ter mais coisas, não passar fome, ter um lugar somente meu para

dormir, sim, isso era muito bom, como também o trabalho, se comparado com o que fazia na lavoura, no campo, era bem mais fácil. Trabalhei e, por morar aqui, não tinha folgas ou férias, mas nunca me queixei disso. O que me incomodava era que, naquela época, havia muitas brigas. Seus avós brigavam, os três irmãos também, a família não tinha paz. Seu avô traía sua avó, e ela também o traía. O senhor Hermes, rapazinho, saía com mulheres, até com as casadas, e por isso havia muitas desavenças. Dona Justina queria que os filhos continuassem os estudos, conseguiu que as filhas fossem para outra cidade estudar, mas o filho não quis. Seu avô começou a prestar atenção em mim, como senti medo! Isso foi logo após meus pais irem embora. Com a notícia de que não tinha mais seca e que lá tudo tinha melhorado, meus pais resolveram retornar para a cidade onde moravam anteriormente. Quis ficar, pedi para sua avó, que concordou, e meus pais vieram aqui conversar com dona Justina; ela afirmou que tomaria conta de mim. Eles permitiram que eu ficasse. Não tinha boas lembranças de lá e temia voltar.

Izilda fez uma pausa, e Júlio perguntou:

— O meu avô? Como era ele? Mamãe falava pouco dele.

— Era arrogante e autoritário, penso que não foi amado por ninguém. Porém, era trabalhador. Tive pouco contato com ele. Eu lembro que seus avós brigavam muito, e os comentários dos

empregados eram de que um traía o outro, tinham sempre encontros amorosos. Quando percebi que seu avô estava me olhando muito, Margarida também percebeu e me ajudou: organizava meu trabalho para não servir a mesa e, quando ele estava na casa, me punha para ficar trabalhando junto dela. Comecei a correr dele, trancar meu quartinho. Eu me apavorava quando escutava algum barulho, porque sabia que, se sua avó percebesse o interesse do marido por mim, me mandaria embora, e pensava, aflita: “Aonde ir?”. Depois, não queria ter amantes, não tinha nem namorado. Quando as duas, sua mãe e sua tia, estavam aqui, seu avô ficava mais comportado, mas, com as filhas fora, era mais fácil ele me atacar. Deu certo, graças a Deus, o plano de Margarida; ele, não me vendo, esqueceu-se de mim. Seu avô faleceu numa discussão em que os três brigavam, pai, mãe e filho; ele sentiu-se mal e, quando o médico chegou, já estava morto. Depois que seu avô faleceu, mãe e filho se uniram, conversavam baixinho, normalmente no escritório, e, surpresa para as irmãs: metade da fazenda ficou para sua avó e a outra parte para seu tio. As duas não gostaram e, após muitas brigas, entenderam que não tinham o que fazer. Sua mãe se casou, teve você, depois Michel, e vinha pouco aqui. O senhor Hermes, pelo que me lembro, nunca visitou as irmãs, mas sua avó ia, pelo menos duas vezes por ano, visitar as filhas. Angelina

também se casou, não tinha filhos; pelo que soube, estava se desentendendo com o marido, que tinha ido viajar a trabalho para outro país, onde ficaria alguns meses.

Izilda fez uma pausa maior, levantou-se, abriu o armário e pegou uma caixa. Era de madeira, a mesma que Júlio tinha visto quando ela viera do asilo e a procurou no quarto. Abriu a caixa e pediu:

— Olhe, Júlio, o que tem dentro.

Júlio colocou a tampa na cama, pegou um embrulho de papel pardo e com cuidado tirou o papel: eram roupas de nenê, um casaquinho que provavelmente fora branco, um sapatinho verde, pagãozinho e body amarelinho. Izilda pegou as roupas das mãos dele.

— Como cheirei essas roupinhas! Claro que havia muito tempo não tinham mais o cheirinho do neném, porém sentia-o. Continue a ver o que tem na caixa.

Tinha dois envelopes. Abriu o primeiro e tirou de dentro fotos de pessoas que não conhecia.

— São retratos da minha família: meu pai, minha mãe, alguns irmãos e sobrinhos.

Júlio as olhou, realmente aquelas fotos não lhe diziam nada. Abriu o segundo envelope. Pegou a primeira foto e exclamou:

— Alice!

Olhou bem e viu que não poderia ser sua prima. O retrato em branco e preto era antigo. Uma fotografia de cinco por sete centímetros de uma jovem, que fazia pose e sorria. Depois de observar bem, olhou para Izilda.

— É você! Os anos se passaram, porém são os mesmos olhos, o formato do nariz, o traço do rosto.

Teve vontade de perguntar, mas não o fez; olhou o restante das fotos: retratos dele, de Michel e muitos de Alice. Pegou um da prima, virou e, atrás, sua tia Angelina escrevera: “Para vovó Justina; Alice, dois anos”. E isso ocorreu com algumas outras: Alice com um, três, quatro, cinco anos. Depois, a festa dela de quinze anos, foto em que estavam as duas irmãs, Júlio, Michel, o pai de Alice e os dois irmãos dela. Júlio se lembrou dessa festa, foi um evento maravilhoso. Virou o retrato e leu: “Hermes, veja que família maravilhosa temos”. A letra era de sua tia, com certeza era uma alfinetada no irmão, que não tivera filhos. Depois de ver todas, Júlio as colocou novamente no envelope, virou-se para Izilda com olhar interrogativo, e ela contou:

— Quando o senhor Hermes recebeu essa foto, veio pelo correio, ele me mandou que a jogasse fora, peguei-a para mim — ela olhou para o jovem e sentiu que ele queria escutar sua narrativa. Então continuou: — Se tinha medo e fugia do seu avô, o mesmo não se deu com o senhor Hermes. Seu tio de fato

sempre foi mulherengo, teve várias namoradas, amantes, trouxe algumas para morar aqui, mas nunca se casou. Não ficava dois anos num relacionamento. Quando o pai dele era vivo, não deixava ele trazer ninguém para casa, mas, quando faleceu, Hermes trouxe a primeira. Lembro-me bem dela, era muito bonita, cabelos compridos, castanho-avermelhados lisos, que iam até a cintura. A mocinha tinha dezessete anos. Comentávamos aqui na casa que ela fora comprada. Ângela, assim chamava a jovem, era filha de um empregado da fazenda que ficou doente e, para continuar morando numa casa na fazenda, recebendo o ordenado, teve de vir morar aqui. Penso que ela, como eu, deslumbrou-se; aqui tinha roupas, alimentos à vontade, fez tratamento dentário e não trabalhava. Creio que seu tio a amou. Porém, a moça tinha um amor, que era secreto, um namorado. Penso que os dois se amavam de verdade, e jovens, irresponsáveis, passaram a se encontrar. Para todos, o casal fugiu, desapareceu. O jovem se chamava Marcelino, era também muito bonito, devia ter dezenove ou vinte anos. O senhor Hermes ficou nervoso com o desaparecimento de Ângela, disse a todos que ela pedira para visitar a família, que isso fora no sábado à tarde, mas, como ela demorava para voltar, foi atrás e soube que ela não tinha ido ver a família e que Marcelino também desaparecera. Concluíram que os dois fugiram. Então,

seu tio disse que Ângela levara algumas de suas roupas e lhe roubara. As famílias dos jovens não sabiam em que acreditar e o que fazer. O senhor Hermes expulsou da fazenda a família da jovem, e eles foram morar na cidade, de forma precária. Depois de seis meses que estavam sumidos, as famílias, sem notícias, porque esperavam que os jovens as dessem, vieram aqui. Fiquei atrás da porta para escutar. As duas mães, chorando, fizeram algumas perguntas ao seu tio, que foi rude: “Trouxe Ângela para cá, foi tratada como patroa, não a forcei, ela me traiu. Soube depois que fugiram, que fui traído, que Ângela e Marcelino se encontravam. Eles desapareceram, fugiram, ela levou suas melhores roupas e me roubou. Com certeza Ângela viu onde eu guardava dinheiro, que ficava numa gaveta no quarto. Foi uma quantia razoável. Poderia ter dado queixa à polícia para prendê-los e pegar meu dinheiro de volta. Estou sendo generoso, não cobrando essa quantia dos senhores e por não ter dado queixa à polícia. Ângela e Marcelino não deram ainda notícias por medo, com certeza pensam que fui à polícia e que estão sendo procurados como os ladrões que são. Não se preocupem, eles devem estar se divertindo por aí; quando acharem que o perigo passou, darão notícias. Agora, fora da minha casa! Não quero que voltem aqui! Quando os vejo, me sinto mal: um paspalho traído e roubado! Fora!”. As famílias foram embora preocupadas

e ansiosas. O assunto foi sendo esquecido, penso que não pelos pais dos jovens. O fato é que nunca deram notícias e não poderiam.

— Por que eles não poderiam? Vim conversar com você porque ontem à noite fiz buracos perto da jabuticabeira, não me pergunte por que fiz isso, não sei explicar. Você veio dormir, eu fiquei na sala, senti vontade de cavar e cavei. Encontrei três ossadas. Coloquei a terra no lugar. Concluí que você sabe de quem são esses ossos porque falou que não gostava de se alimentar olhando para o cemitério. Izilda, conte-me o que sabe. Por que o casal Ângela e Marcelino não deu notícias?

— Porque estavam mortos e enterrados! Simplesmente por isso. Agora que encontrou as ossadas, tenho a confirmação.

— Izilda, esta casa tem muitos mistérios. Quero e preciso saber o que você sabe.

— Ninguém na casa deu importância ao sumiço de Ângela. O senhor Hermes teve alguns acessos de raiva ao escutar comentários de que fora traído, então ele jurou nunca se casar. Respondia, quando alguém comentava da traição, que não ligava, já que Ângela era somente sua amante e que, se não tivesse fugido, iria descartá-la. Dois meses depois da suposta fuga, ele arrumou outra, era uma professora, mais velha que ele, esta não chegou a morar aqui. Sua mãe se casou, depois sua tia.

Casaram-se na cidade em que moravam; sua avó foi, mas o senhor Hermes, não. Pelo que escutei, foram casamentos simples. Foi nesse período que passamos a nos encontrar, ele ia ao meu quarto. Penso que naquela época cheguei a amá-lo, porém, ambiciosa, já me via patroa da casa. Acreditei que iria se casar comigo. Nosso envolvimento sempre foi assim, amantes nos intervalos de seus relacionamentos. Percebi, após algum tempo, que o senhor Hermes nunca me assumiria; sofri e resolvi traí-lo. Passei a passear, sair à noite, aproveitar a vida no meu conceito de juventude.

— Você sempre o chamou de “senhor”? — Júlio aproveitou que Izilda fizera uma pausa para lhe fazer a pergunta.

— Uma vez, na cama, o chamei de Hermes; ele ficou irado, me repreendeu, disse que seria sempre “senhor” para mim e que não me aproveitasse de nossos momentos de prazer. Aí nunca mais o chamei pelo nome — Izilda suspirou e continuou com sua narrativa. — Fiquei grávida e pensei ter encontrado a solução: teria um filho do senhor Hermes. Porém, dona Justina percebeu, ela sempre sabia de tudo o que acontecia, e me falou, aproveitando que estávamos sozinhas na cozinha: “Izilda, Hermes, meu filho, é estéril, isto é: não pode gerar filhos. Nunca será pai! Ele sabe disso”. Saiu, me deixando sozinha. Apavorei-me. Pensei: “Meu Deus! Quem é o pai desta criança que

carrego?”. Havia saído com dois moços: um era casado e o outro, um boiadeiro, que apenas passou pela cidade, continuou sua viagem e eu nada sabia dele. Desorientada, me indagava: “O que fazer? Como agir?”. Nesta casa, uma norma era bem clara, nada de crianças. Os filhos dos empregados não podiam nem vir aqui para dar recados. Dona Justina não gostava de crianças, dizia que teve de tolerar seus três filhos, que foram criados por babás. Apertei a barriga, usei cinta, escondia minha gravidez e não sabia mais o que fazer. Foi sua avó que encontrou a solução. Veio à noite ao meu quarto. “Izilda”, disse ela, “vou lhe dar esse dinheiro extra para ir embora. Pegue o ônibus na cidade e vá para o Sul; desça na estrada, diga ao motorista que quer parar na Cascata Grande. Desça e verá uma trilha; andando por ela, logo encontrará uma casa, é da Sinhá Barbina, uma senhora idosa. Ela a acolherá, se pagar. Fique lá e resolva seu problema. Poderá voltar, mas sozinha. Entendeu?”. Respondi que sim. Dois dias depois parti, disse a todos que ia embora, passear, trabalhar em outro lugar. Fiz o que me fora recomendado. Só que o lar daquela senhora era um casebre, muito pobre e lá voltei a passar fome, dormia no chão e trabalhava para ela. Sofria e não sabia o que fazer. Ir embora? Voltar para a família? Como? Eles não me receberiam como mãe solteira. Parei de mandar dinheiro a eles, tinha de pagar a senhora. Chorava muito, estava desesperada. Já

tinha passado um mês e meio quando recebi a visita de dona Angelina. Ela me trouxe bolo, que comi me deliciando. Foi direto ao assunto e perguntou: “O pai dessa criança é branco?”. “Sim”, respondi. “Bonito?” “Sim.” “Preste atenção, Izilda, ao que vou lhe propor. Não consigo engravidar. Meu marido está trabalhando longe daqui. Se você me der essa criança, para todos serei eu a grávida. Iremos para outro local, uma cidade próxima: passarei então a ser você, e você, eu; trocaremos de identidade. Tiro você deste barraco e a levo para uma casa luxuosa como patroa, eu serei a sua empregada. Irá ao médico, tomará os remédios de que necessita, se alimentará bem, o neném terá um enxoval maravilhoso. Você terá toda a assistência para ter a criança, mas ela será minha. Concorda?” Ela ainda falou das vantagens que a criança teria e que não passaria fome. Isso pesou. Lembrei-me de minha infância, quando os alimentos eram poucos; da fome que doía a barriga, o estômago; do que era dormir com fome; chorar pedindo comida e ver minha mãe chorar junto. Pensava, na época, que era porque mamãe também estava faminta, mas com certeza ela chorava por ver os filhos naquela penúria. Já tinha me indagado inúmeras vezes como eu sobreviveria com uma criança. Estava abrigada naquele casebre e sabia que, assim que meu dinheiro acabasse, Sinhá Barbina me mandaria embora. Aceitei a proposta de sua tia. Foi uma decisão

difícil, mas a melhor. Depois fiquei sabendo que Alice estava bem, pois é ela a minha filha; não me arrependi do que fiz.

Izilda chorou, Júlio pegou na mão dela tentando consolá-la. Pensou:

“Sempre achei Alice diferente, não se parece com ninguém da família. Ela é bonita! Tão parecida com Izilda! Como não percebi isso antes? Quando conheci Izilda, era menino e não ia perceber mesmo. Agora, com a diferença de idade, não notei essa semelhança.”

— Continue a contar — Júlio repetiu o pedido.

— Resolvi ir com ela; dona Angelina foi de carro, e este estava na estrada. Peguei minhas roupas e fomos embora. Viajamos por quatro horas. Chegamos numa cidade grande, ela me levou para uma casa confortável. “Aqui, Izilda, terá de tudo. Tome banho, alimente-se saudavelmente e vá descansar.” Dona Angelina organizou tudo, a primeira coisa que deveria fazer era chamá-la de Izilda, nada de “dona”, e ela me chamar de dona Angelina. Ela me levou ao médico, dentista, comprou para mim roupas de gestante, me fez comer muito bem e logo apareceu o resultado: minha barriga de seis meses cresceu, o neném estava sadio, segundo o médico. Dona Angelina me deixava sozinha por vários dias, voltava, ficava de dois a três dias e se ausentava novamente. E, com isso, quando ocorria de viajar, dava ordens

para não sair de casa. Obedecia. Quando chegou o tempo de a criança nascer, ela ficou comigo. Fui para o hospital, e a menina nasceu sadia e linda. Para todos, foi Angelina quem teve a nenenzinha. Voltamos para casa. “Izilda”, disse sua tia, “dentro de três dias irei embora com a menina. Tenho de voltar para minha casa. Você deve ficar aqui por mais quinze dias, tem alimentos, e o aluguel desta casa mobiliada já está pago até o dia vinte e quatro. Um dia antes vá a esse endereço, devolva a chave, pegue o ônibus e volte para a fazenda, mamãe a receberá de volta. Vou lhe dar esse dinheiro. Doe as roupas de gestante que comprou”. Foi com dor no coração que ofereci o peito para a última mamada e dona Angelina foi embora com a menina. Ficou somente a roupinha que trocara, que estava suja e não lavei, guardei. Foi triste ficar sozinha, entendi que sua tia queria que eu ficasse mais dias na casa alugada para não parecer que tivera um filho. No dia marcado, fiz o que ela recomendou e voltei. Dona Justina me aceitou e nada perguntou. Penso agora que sua avó preferiu me ter por perto para me vigiar, controlar se fosse preciso, certificar-se de que eu não iria procurar minha filha. Como a empregada que dormia neste quarto tinha ido embora, ela me colocou aqui, e este então passou a ser meu cantinho. Sua avó me ensinou a evitar filhos e não fiquei mais grávida.

— Alice é sua filha! — exclamou Júlio.

— Não, ela é de dona Angelina! Ela que foi a mãe, que a criou, cuidou e amou. Nunca mais vi Alice, ela não veio aqui. Dona Angelina dava desculpas, dizia que tinha brigado com o irmão por ele ter ficado com a metade da fazenda, porém, penso que, na verdade, ela não queria que eu visse a menina. Medo infundado. Sabia que Alice estava tendo tudo que eu nunca poderia lhe dar e tinha muito amor, dona Angelina a amava e o pai também. Dona Justina ia visitar as filhas e os netos. Comentava depois, perto de mim, o que Alice tinha, que estava nas melhores escolas, possuía muitos brinquedos, roupas lindas etc. Isso me tranquilizava o coração. Quando sua avó faleceu, peguei para mim essas fotos que ela guardava no quarto. Agora vou rasgá-las!

Devagar, Izilda foi rasgando todas as fotografias dos dois envelopes.

— Irei, mais tarde, queimar e jogar essas roupinhas fora; de tão velhas, estão rasgando e não servirão para mais ninguém. Quando a assistente social veio hoje cedo aqui, pensei que viera me buscar e eu não havia ainda feito isso. Não vou adiar mais. Vou me desfazer desta caixa, foi por isso que insisti para me trazer aqui.

Quando acabou de rasgar todos os retratos, Júlio opinou:

— Muitas vezes fazemos coisas que, no momento, indagamos se estão certas ou não. Somente com o tempo temos respostas. Você agiu certo. Posso lhe garantir que Alice sempre foi feliz.

— Isso me consola! Júlio, agora somente você, entre os vivos, é que sabe desse segredo. Dona Angelina sabia, com certeza sua avó também.

— Prometo, juro: se quiser, não falo o que ouvi de você a ninguém. Não tem por que comentar esse assunto. Gosto de Alice, ela é e será sempre minha prima.

— Obrigada, Julinho! — Izilda sorriu. — Tentei muitas vezes esquecer que tive uma filha, mas sempre quis saber dela e conseguia saber. Fiz isso escutando conversas atrás das portas, ficava atenta todas as vezes que ouvia os nomes de Angelina e Alice. Assim, soube que sua tia, na época de minha gravidez, colocou enchimento na barriga, simulando estar grávida, disse que demorou para revelar a gravidez por estar brigando com o marido e que a mãe dela a fez falar. Tirou fotos e mandou para o marido, que ficou contente e fizeram as pazes, porém ele tinha que cumprir o contrato de trabalho e deveria voltar logo após a criança nascer. Exibia a barriga principalmente para os familiares do esposo e dizia não saber ao certo o tempo de gravidez. Viajava escondido para me visitar; quando não dava para esconder, dizia aos parentes do esposo que ia visitar a mãe

e para dona Justina não precisar mentir, vinha aqui um pouco. Quando o neném estava previsto para nascer, ela falou que passaria uns dias numa cidade serrana porque o médico lhe havia recomendado descansar e respirar ar puro. Avisou a todos quando Alice nasceu, seus sogros foram buscá-la e ela não deixou que os parentes me vissem. Foram embora e eu nunca mais vi minha filha.

Com uma pausa mais demorada, Júlio insistiu:

— Fale das ossadas!

— Dona Justina bebia sempre, às vezes se embriagava, e eu a ajudava. Foi numa bebedeira que ela me advertiu: “Izilda, cuidado com Hermes, ele é capaz de muitas coisas. Olhe ali”. Estávamos somente nós duas na sala de jantar, “tem duas pessoas enterradas naquele espaço. Lembra de Ângela? Ele a matou e também o namorado dela e os enterrou ali”. Escutei e não comentei nada. Bêbada, a senhora da casa continuou contando: “Não acha estranho os dois sumirem assim? Se tivessem fugido, depois de um tempo, teriam dado notícias. Não deram porque estão enterrados!”. Não sabia se acreditava ou não, mas resolvi seguir o conselho dela, nunca contrariar o dono da casa. Se sua avó traía o marido com a desculpa de que era traída, quando ficou viúva, aí é que passou a sair mesmo: passeava por aí e isso deixava o senhor Hermes descontrolado.

Ele podia se distrair, mas a mãe, não. Quando ela arrumou um amante e passou a sair só com ele, a situação piorou. Esse homem não era da região, estava aqui trabalhando na construção da estrada, morava com os outros funcionários da empresa num acampamento. Dona Justina dizia que esse moço era seu namorado. Começou a dar dinheiro para ele, objetos, presentes, e isso foi motivo de muitas brigas na casa. Quando os dois começavam a discutir, os empregados saíam e eu ia para meu quarto. Foi numa briga em que a mãe bateu no filho com uma cinta e ele a empurrou, fazendo-a cair, que ela saiu de casa falando que ia morrer. Foi em direção ao rio, fomos atrás, a outra empregada e eu conseguimos trazê-la de volta. Foi uma reviravolta neste lar. Acredito que, para chamar a atenção, a senhora da casa afirmou que queria de fato se suicidar. Recebeu muitas visitas, pessoas que tentaram fazê-la mudar de ideia, e eu a vi rir delas. Talvez também por ver o filho mais obediente e sem brigar com ela, deixou que todos pensassem que ela queria morrer. Houve, por três meses, paz nesta casa. O senhor Hermes mandou embora a moça que estava morando aqui. Num sábado, me perguntou se ia sair, passear, respondi que não, ele insistiu para que saísse e me deu dinheiro: “Vá passear, Izilda, você precisa se distrair”. Agradei e afirmei contente que iria me divertir. No horário que costumava sair, fingi que saí. Todos os

empregados entravam e saíam pelo quintal, pela porta da lavanderia, passavam contornando o lado direito da casa, atravessavam o jardim e saíam. Não faz muito tempo que o proprietário, quer dizer, que o ex-proprietário da casa tirou o portãozinho que ligava o quintal ao jardim e, quando fez isso...

Izilda suspirou, olhou para Júlio, que a observava calado, e percebeu que novamente estava desviando do assunto. Prosseguiu:

— Desculpe-me, Julinho. Prometo que agora conto o que quer saber. Mexi na porta da lavanderia como se estivesse saindo e voltei para o meu quarto. Nesses anos todos em que trabalhei aqui, mandava, de dois em dois meses, dinheiro para minha família. Fazia isso pelo banco; uma das minhas irmãs ia à cidade perto de onde minha família morava e o retirava. Parei somente por quatro meses, por causa da gravidez. Meu ordenado sempre foi pequeno, porém aqui tinha meu cantinho, alimentos à vontade e ganhava muitas roupas. Infelizmente, pegava coisas, sinto remorso por isso. Eram garrafas de bebida que vendia, sacos de café, arroz, feijão, coisas assim. No asilo, quando me converti, e conversão para mim é não gostar do que se fez de errado, prometer a si mesmo não errar mais e querer fazer o bem que pode e tem de ser feito, quis pedir perdão ao senhor Hermes, mas nunca mais o vi. Como seu herdeiro, poderia pedir

a você? Desculpa-me?

— Se você acredita que posso desculpá-la, o faço, sim, e afirmo que não agiu errado — respondeu o jovem.

— Obrigada, mas agora penso que não deveria ter feito isso. Uma vez, uma moça que estava aqui, na companhia do dono da casa, estava roubando. Pegava coisas como eu, só que em maior quantidade. Resolvi delatá-la, então peguei mais coisas. E quando a vi ir à despensa, contei para ele, falei que a moça era ladra e onde estava naquele momento. Justifiquei-me de que a estava delatando porque temia que pensasse que fora eu ou algum outro empregado. O que escutei dele agora me pesa: “Nunca iria pensar isso de você, mora conosco há tanto tempo, veio para cá menina”. Ele foi à despensa e a moça estava com duas sacolas cheias de coisas. Ele a mandou embora. Teve que repor o estoque de alimentos.

Izilda fez outra pausa e Júlio ficou sem saber se pedia ou não para ela contar o que ele queria saber. Resolveu insistir.

— Você novamente mudou de assunto. Ia falar o que aconteceu na noite em que fingiu sair e ficou no quarto. Quero, preciso saber das ossadas!

— Como disse, fingi sair. Peguei uma revista para ler, acendi somente o abajur. De repente, escutei uma discussão, mãe e filho gritavam, um acusava o outro. Ele dizia que ela não tinha

direito de gastar com amantes e sua avó gritava que ele sempre fizera isso. Como já lhe falei, costumava escutar atrás das portas, esconder-me entre os móveis; por fazer sempre isso, sabia bem como não ser notada. Pelo som das vozes, eles estavam na sala de jantar. Apavorei-me com o que vi. O senhor Hermes pegou a mãe pelos cabelos e a arrastou, levando-a ao jardim de inverno. Com certeza ele já tinha antes cavado um buraco, e isso me deu a certeza de que fora planejado. Não conseguia me mexer, mas, curiosa, esforcei-me e dei dois passos, abaixei-me atrás do balcão para continuar vendo. Sua avó gritava, esperneava, e seu tio continuava lhe segurando pelos cabelos. Em frente ao buraco, ele deu dois tiros no peito dela. Fez-se um silêncio que, para mim, foi terrível; saí de trás do balcão e fui para o meu quarto, mas, curiosa, voltei para espiar. O senhor Hermes jogava terra no buraco. Voltei para o meu quarto. Fiquei no escuro e entrei debaixo da cama. Receei que ele pudesse se certificar se, de fato, eu tinha saído. Senti muito medo e fui covarde. Por que não fui socorrê-la? Antes de ele atirar, pensei que estava somente a assustando, o mesmo deve ter pensado sua avó. Como um filho pode assassinar a mãe? Até hoje me sinto mal por isso. Porém, com toda certeza, se tivesse ido ajudá-la, você teria encontrado mais uma ossada, a minha. Decidi que esse seria meu segredo, porque caso

contrário, se comentasse com alguém e o senhor Hermes soubesse que o delatei, eu acabaria em outra cova ao lado da jabuticabeira. Você já notou que naquele espaço pode se esconder coisas?

— Sim — deduziu Júlio —, já tinha notado, o muro é alto, e o único acesso é pela porta da sala de jantar.

— Nem precisou acender a luz da área, ele fez tudo com a claridade da sala. O senhor Hermes não veio ao meu quarto, não escutei mais barulhos, fui à porta da lavanderia, fiz barulho, entrei no meu quarto, acendi a luz, depois me deitei, não dormi, não conseguia. Tive a certeza de que, se falasse algo sobre o que vira, ele me mataria, e ninguém sentiria minha falta, isso me fez chorar. Tinha poucos amigos, que eram mais conhecidos; dava-me bem com os outros empregados, mas não podia afirmar que eram meus amigos. Concluí que, se sumisse, ninguém iria sentir a minha falta. Isso me fez mudar de atitude, passei a prestar mais favores, a ser mais agradável. No outro dia, domingo, levantei-me no horário de costume e, quando a outra empregada que morava na cidade chegou, fizemos o café. Nosso patrão se levantou no mesmo horário, como de costume, me olhou e comentou: “Sua noite deve ter sido muito divertida, está com expressão cansada”. Sorri em resposta. Fomos trabalhar. Eram dez horas quando a outra empregada me alertou: “Dona Justina

ainda não se levantou. Às vezes acorda tarde, mas nem tanto”. O senhor Hermes entrou na cozinha e perguntou: “O que estão cochichando?”. Respondi: “Senhor, é a senhora sua mãe: ainda não se levantou”. “Vá ao quarto dela e a acorde; de fato, ela não se levanta assim tão tarde!”. Puxei a empregada para ir comigo. Batemos na porta. Como não tivemos resposta, abri a porta e a cama estava desarrumada, mas ela não estava. Nosso patrão estava na sala, contei a ele: “A senhora sua mãe não está no quarto”. “Como não? Aonde ela foi? Procurem-na!” Começamos a chamá-la, fomos a todos os cômodos da casa, no quintal, e, claro, ela não estava em lugar nenhum. O senhor Hermes me pediu para chamar um empregado e o mandou ir ao alojamento onde o namorado de dona Justina estava morando. O empregado foi e voltou dizendo que o moço estava lá com vários empregados e afirmou que não vira dona Justina, e os outros confirmaram. Bravo, nervoso, o senhor Hermes mandou dar o alarme do desaparecimento da mãe. Pediu para eu ir ao rio, e, à outra funcionária, à cidade. Logo a notícia se espalhou e muita gente foi procurar sua avó. Somente uma pessoa disse que achava tê-la visto indo na direção do rio. A ocasião era propícia, tinha chovido muito uns dias antes, o rio estava cheio, águas barrentas e correnteza forte. O delegado foi chamado e se certificou de que o namorado dela falava a verdade. O senhor

Hermes contratou pescadores para procurar o corpo no rio. O resultado é que, obviamente, nada foi achado e, como ela não apareceu, concluíram que a senhora da casa se suicidara. Sua mãe veio, mas ficou um dia somente, disse que deixara você e Michel com uma amiga e que não poderia demorar; dona Angelina não veio. Assim, dias depois, dona Justina foi dada como morta. O dinheiro que seu tio dizia que a mãe tinha sumiu, assim como as joias, então deduziram que ela dera tudo ao namorado. O moço foi embora na terça-feira, sumiu também, ninguém soube para onde foi. Penso que ficou com medo. Aí veio a notícia. Dona Justina tinha vendido a parte dela da fazenda para o doutor Ludovico, amigo do senhor Hermes e compadre, um advogado, pai do moço que conheceu, e este afirmou que tinha pago a venda da fazenda à sua avó. Sua mãe e tia não acreditaram, seu tio se fingiu surpreso e os dois amigos fingiram que brigaram. A briga entre os irmãos foi feia, elas se sentiram lesadas. Tempos depois, penso que foi dois anos depois, o senhor Hermes comprou a parte da fazenda do doutor Ludovico, ficando como o único dono. Uma vez, um empregado nivelou o jardim de inverno onde estão as ossadas; o local era mais alto, tinha mais terra.

— Lembro-me disso! De fato, era mais alto, dizia que era o meu morrinho — lembrou-se Júlio.

— Quando contei para meu patrão, ele se apavorou, somente eu percebi; veio correndo olhar, quando verificou que nada apareceu, suspirou aliviado.

— Foi por isso então que encontrei as ossadas facilmente. Quando os corpos foram enterrados, as covas eram mais profundas. Tirando terras, nivelando o terreno, os ossos ficaram a uns oitenta centímetros.

— O tempo passou — continuou a contar a ex-empregada. — Hermes não teve mais interesse por mim. Tornei-me governanta, tomava conta da casa, cuidava de tudo aqui. Quando não servi mais, já não conseguia mais trabalhar como antes, fui parar no asilo. Estava, na época, adoentada; escrevi para minha família contando de minha doença; depois, como não mandei mais dinheiro nem notícias, não tive coragem de dizer que estava num abrigo de idosos, penso que eles acharam que eu morrera. Acabei, Julinho! Não tenho mais nada para contar!

— Obrigado, Izilda, por confiar em mim e me revelar o segredo da família. No jardim de inverno tem três ossadas. Com certeza terei de resolver esse assunto. O que irei fazer? Vovó com certeza quer seus restos mortais no túmulo da família. Titio de fato fez muitas coisas erradas. Aproveitou-se de que vovó falava em se suicidar, e ela não entendeu o perigo que corria ao falar algo sem realmente sentir ou querer fazê-lo. Meu tio planejou,

passou a fazenda, a parte dela, para o amigo e afirmou que o dinheiro sumira, mas este nunca existiu. Se o namorado foi embora, melhor para ele; se não, seu corpo deve estar enterrado em alguma lugar.

— Penso — opinou Izilda — que ele foi embora mesmo. Se tivesse ficado com algum dinheiro, seu tio o acharia, ele seria preso e torturado até devolver tudo, mas este nunca existiu. Quanto às joias, não sei que fim levaram. Seu tio, depois de muito procurar, concluiu que a mãe ou tinha dado para as filhas ou para esse moço.

— Para as filhas ela não deu nada; se não, eu saberia. Descanse agora, Izilda, vou à sala pensar no que ouvi. Agradeço-a novamente.

Júlio levantou-se e foi para a sala.

## As pedradas

Júlio se sentou no sofá, tentou se acomodar, mas, inquieto, não parava de se mexer. Recebeu muitas informações de uma só vez. Levantou-se, andou pela sala, não quis ligar a televisão e não sabia o que fazer.

“Vou ao escritório ver o que tem lá”, decidiu.

Abriu a janela, o sol da tarde clareou o escritório. Resolveu ver tudo o que tinha ali dentro. Sentou-se na cadeira em frente à escrivaninha, abriu gaveta por gaveta, eram seis, e cinco estavam vazias; na de cima, à direita, outro revólver, este estava descarregado e ao lado tinha uma caixa com munições. Abaixou-se para examinar se naquele móvel não existia nada secreto, bateu nas laterais prestando atenção nos sons, tirou as gavetas. Nada encontrou. Procurou nas cadeiras, nas poltronas, virou-as de ponta-cabeça, não achou nada. Olhou a estante, que era presa à parede: no meio na parte de baixo, três gavetas. Nas prateleiras havia alguns livros e enfeites. Júlio pegou todos,

eram vasos pequenos, bibelôs, examinou um por um, olhava-os e os colocava de volta no lugar. Contou os livros, eram doze volumes.

“Parece que ninguém gostava de ler neste lar; se alguém os pegou para ler, foi há muito tempo.”

Folheou-os para ver se tinha alguma coisa dentro; em dois deles estavam escritos os nomes de sua mãe e de sua tia.

“Com certeza esses livros foram delas. Talvez de estudos.” Nenhum título era interessante.

Abriu as gavetas. Na primeira, havia fotos soltas, espalhadas. Pegou-as, sentou-se na poltrona para vê-las. Deviam ser umas vinte; devagar, Júlio foi olhando-as. A maioria era de seu tio: Hermes menino, jovem, adulto e, nas fotos, estava sempre sozinho. Tinha somente uma da família: os pais, seus avós, com os três filhos, eram adolescentes. Reparou na senhora do retrato e concluiu:

“Vovó Justina era de estatura pequena. Talvez medisse de um metro e quarenta a um metro e cinquenta centímetros. Por isso pensei que a terceira ossada fosse de uma criança. Devia usar, como está nesta foto, cabelos mais curtos.”

Estranhou não ter fotos das irmãs nem dos sobrinhos. O restante das fotografias era de moças. Todas faziam poses, sorriam. Virou-as e nelas estavam escritas dedicatórias.

— São moças bonitas — sussurrou.

— *Claro, sempre tive bom gosto!*

Novamente escutou dentro de sua mente. Sem se importar com o fenômeno, que não entendia e não ligava, Júlio continuou vendo aquelas fotografias antigas. Na penúltima, assustou-se. Era de uma moça bem jovem, seu sorriso era triste, os cabelos muito compridos; na foto, eles estavam jogados para o lado direito.

“Não dá para confundir e achar que essa foto é de Rafaela. Porém, é parecida com a minha namorada.”

Virou e leu: “Ao Hermes, com carinho. Ângela”.

“Esta é Ângela, dona de uma das ossadas! Sinto uma sensação estranha. Amei essa moça?”

— *É Ângela, sim! Uma traidora!*

— Foi morta! Assassinada! Que horror! Tão jovem e tão bonita! — Júlio exclamou em tom baixo.

Olhou novamente aquele retrato, depois o último, e os colocou de novo na gaveta.

— Que fiquem aqui! — determinou o novo dono do imóvel.

— Com certeza tenho mesmo de ver tudo o que tem na casa; se decidir morar nela, saberei o que tem; se vendê-la, levarei alguns objetos e queimarei outros com essas fotografias.

Abriu a segunda gaveta, ali estavam revistas pornográficas.

Júlio nem as pegou, decidiu que elas seriam as primeiras a ir para o fogo. Na terceira gaveta, tinha dois lenços de tecido, estavam limpos, contudo, notou que a gaveta era uns cinco centímetros menor do que as outras.

— *Tire as gavetas!* — novamente a voz na sua cabeça.

Retirou as três e, no fundo da terceira, viu um envelope. Pegou, abriu e dentro estava um maço de dinheiro preso a um elástico.

“Titio guardava dinheiro aqui.”

Contou, não era muito.

“O que faço?”, pensou Júlio.

— *Não comprou a casa com tudo o que tem dentro? Esse dinheiro é seu.*

— Primeiro — falou o moço em tom baixo —: não escuto conselho de quem agiu errado. Segundo: realmente comprei a casa com tudo que há dentro e fora. Terceiro: não é uma grande quantia.

— *Imbecil!*

— Imbecil é o meu tio!

— *Moleque!*

— *Vá passear! Tenho muito o que resolver* — Júlio resmungou.

Pensou e concluiu que realmente o dinheiro não era muito,

mas era bem-vindo. Seu dinheiro estava acabando; iria receber, pelo acerto, mais algum, porém as despesas daquela casa eram muitas.

“Tenho de resolver os problemas deste lugar e decidir o que fazer. Não posso me dar ao luxo de morar aqui e não trabalhar, não ter uma fonte de renda. Se fosse muito dinheiro, iria falar com Michel e Alice, mas, como não é, irei usá-lo nas despesas da propriedade.”

Colocou o envelope no bolso e, ao se dar conta de que não tinha mais nada para ver no escritório, fechou a janela, foi ao seu quarto e guardou o envelope na mesinha de cabeceira. Voltou à sala. Não fazia nem cinco minutos que ali estava quando Izilda foi ao seu encontro.

— Julinho, você quer jantar ou tomar chá com sanduíches? Preparo para você.

— Para nós — corrigiu Júlio. — Vamos primeiro fechar a casa, depois iremos à cozinha e faremos nosso lanche.

Fechou também a porta do jardim de inverno. Com tudo pronto, lancharam na sala de jantar.

“Em frente às ossadas! Ainda bem que a porta está fechada.”

Assistiram um pouco de televisão e foram se deitar. Júlio achou que ia ter dificuldades para dormir, mas, cansado de tantas emoções, adormeceu logo. Sonhou que corria atrás de

peças e depois que as pessoas corriam atrás dele. Acordou cedo e se levantou disposto.

“Os problemas desta casa sou eu, agora, que tenho de resolver, então vou resolvê-los”, decretou ele.

Tomou café e decidiu que iria olhar o cômodo por o cômodo, como fizera no escritório. Sentiu que precisava ver, saber, o que tinha em casa. Ia se levantar e sair da sala de jantar quando Glória veio lhe comunicar.

— Senhor Júlio, Gedor, que está limpando o quintal, quer falar com o senhor. Ele está na porta da lavanderia.

O dono da casa foi até lá e, assim que Gedor o cumprimentou, contou:

— Senhor Júlio, estragaram a cerca, um pedaço dela.

— Como? Quem? — Júlio não entendeu.

— Não sei!

Júlio acompanhou o empregado, que explicou:

— É aqui, nesse pedaço. Veja! Com certeza foram no mínimo três pessoas.

— Ou mais. Eu acho... — Glória não terminou porque o marido a olhou com expressão séria.

As duas mulheres foram também ver o estrago causado na cerca.

— Explique, Gedor — pediu o proprietário.

— Cortaram três fileiras de arame, as da parte de cima da cerca — Gedor, com cuidado para não se ferir, pegou as pontas do arame. — Com certeza, deram um chute nesse mourão, que caiu. Porém, algo deve ter acontecido, porque, veja o senhor, aqui tem pedaços de tecidos, passaram correndo pelos arames. Aqui está um pedaço de tecido azul, outro branco e esse parece cinza.

Júlio prestava atenção na explicação do empregado e observava o que ele mostrava. A cerca, que começava quando o muro do jardim acabava, era reforçada, bem-feita e conservada, com mourões novos e seis fileiras de arame farpado; os três de cima haviam sido cortados e um mourão estava quebrado e caído.

— O que você, Gedor, acha que aconteceu? — Júlio quis saber.

— Vieram roubar! Talvez sejam ladrões perigosos! Sanguinários! Algo deu errado, assustaram-se com alguma coisa e saíram correndo.

— Ora — Glória não aguentou e deu seu parecer —, ladrões perigosos não existem por aqui. Se fossem, entrariam pela frente e não pelo quintal. Devem ter sido jovens que, por farra, vieram aqui. Talvez, escutando barulho na casa ou vendo acender uma luz, correram.

Escutaram um riso, um olhou para o outro e não

comentaram.

— Vou buscar algo lá dentro — disse Izilda.

Júlio entendeu que Izilda iria pegar seu amuleto. Glória a acompanhou.

— Vamos consertar essa cerca — determinou o dono da propriedade. — Do que você precisa, Gedor, para fazer isso?

— Arame! Temos pregos e mourão para substituir o que foi quebrado. Como o arame não dá para emendar, terei de colocar outro, de tamanho idêntico a esse pedaço que foi danificado. Consertarei e a deixarei como estava. Senhor Júlio, preste atenção no que vou dizer, é melhor ter cuidado. Ladrões são também assassinos!

Júlio concordou com a cabeça e pensou:

“Glória tem razão em dizer que o marido tem muita imaginação, é com certeza exagerado e com tendência a tragédias.”

— Vou à cidade comprar arame!

— Senhor Júlio! Senhor Júlio! — gritando, Glória foi correndo encontrá-lo. — Tem um soldado no portão querendo falar com o senhor.

— Soldado? Policial? — perguntou o dono da casa.

— É isso mesmo! — respondeu Glória, ofegante por ter corrido.

— Vou lá!

Limpou os pés, atravessou a casa, passou pelo jardim, aproximou-se do portão, mas não o abriu. Um homem fardado estava parado do outro lado.

— Bom dia! O senhor quer falar comigo?

— Bom dia a todos! — respondeu o policial.

Foi então que Júlio, ao olhar para trás, viu os três próximos a ele. Após a resposta ao cumprimento, o policial, que certamente era conhecido, vendo o olhar de interrogação do dono da casa, falou:

— Senhor, como proprietário e responsável pela propriedade Toca do Tatu, está sendo chamado para ir à delegacia conversar com o delegado.

— Estava para ir à cidade. O delegado pode me receber agora?

— Ele está na delegacia.

— Diga a ele que, dentro de vinte a trinta minutos, estarei lá.

Até logo!

Virou as costas, escutou cumprimentos de despedida, deu uma olhada e viu o policial ir embora de bicicleta.

— O que será que o delegado quer de você?

Izilda andava rapidamente, quase corria para acompanhá-lo. Júlio então diminuiu o ritmo. Concluiu que era melhor não os deixar curiosos, mas ele também não sabia o porquê de estar

sendo chamado.

— Ia mesmo à cidade comprar arame para Gedor consertar a cerca, irei também comprar colchões, mais roupas de cama e banho. Não sei o que o delegado quer falar comigo. Contarei a vocês, com detalhes de nossa conversa, quando chegar. Deve ser algo sobre a propriedade.

Sem se preocupar, Júlio se arrumou, fez uma lista de itens a serem comprados e foi. Izilda correu, abriu e fechou o portão para ele. Quando estava no centro da cidade foi que se lembrou não saber onde ficava a delegacia. Perguntou e gentilmente lhe informaram. Chegou à delegacia, foi anunciado, o delegado o cumprimentou e o convidou a se sentar. Júlio o achou muito arrogante.

— Senhor Júlio, atual proprietário da Toca do Tatu. Correto?

— Sim — respondeu Júlio.

— Na noite passada, jovens foram feridos na sua propriedade.

— Não pretendo dar queixa.

— O senhor não está entendendo — falou o delegado. — Estou dizendo que três deles se machucaram e um deles teve um ferimento na testa e levou oito pontos.

Júlio teve vontade de perguntar: “E eu com isso?”. Continuou calado olhando para o delegado, que resolveu explicar:

— Foram atacados com pedradas. Isso não pode acontecer.

Júlio não aguentou, sorriu e argumentou:

— Não fui à casa de ninguém jogar pedras. A minha propriedade é que foi invadida. Por acaso alguns desses jovens é seu filho? Parente? Tenho minha casa invadida por vândalos, que danificaram minha cerca e eu que sou culpado? Eles são ladrões! E eu que sou responsável? O que quer que eu faça? Devo pedir desculpas para eles por terem invadido minha propriedade? Os garotos se assustaram com algum animal; com medo, se atropelaram e se feriram.

Júlio se exaltou, levantou-se da cadeira e encarou o delegado. Estava indignado.

— Calma, senhor — o delegado também se exaltou. — Lembre-se de que está diante de uma autoridade. Uma pedrada poderia ter matado um dos jovens. Não se pode ferir ninguém! — o delegado falou em tom alto, quase gritando.

— Posso saber o porquê de eles terem ido à minha casa? Repito que não fui eu a ir à casa de ninguém. Quando entramos em propriedade alheia sem a permissão do dono, estamos sujeitos a represálias.

— Feriram-se na sua propriedade e o senhor é o responsável!

— O senhor conhece o doutor Gabriel... é o secretário de segurança do Estado. Com certeza, se não conhece, sabe quem é.

Ele é meu padrasto. O filho dele é como meu irmão, fomos criados juntos, saberá me orientar nessa situação. Para não ter dúvidas, vamos esclarecer. Uns jovens desocupados, porém vândalos, porque arreventaram minha cerca, entraram na minha propriedade à noite, para furtar. Se entraram para pegar algo que não lhes pertence, estavam furtando. E eu sou chamado na delegacia para ser responsabilizado porque eles, na façanha, se feriram. É isso?

O delegado, ao ouvir o nome citado, mudou de atitude, tentou se acalmar e respondeu:

— Não, senhor, não é isso! Chamei-o porque o senhor não pode ter armadilha, ou o que quer que seja, que atire pedras na propriedade sem ter avisos.

— Pois colocarei avisos e aproveito para pedir ao senhor, por favor, para avisar a todos que gostam de entrar em lares alheios sem o consentimento do proprietário que reforçarei as armadilhas. É só isso?

— Sim, é.

— Até logo!

Júlio se levantou e saiu enojado.

“Que tristeza! Se fosse um coitado, talvez fosse até preso por defender sua propriedade. Ter de usar o nome do Gabriel!”

Andando devagar, rumou para a praça. Quis se sentar num

banco para ficar sozinho. Lembrou-se de acontecimentos de sua vida.

“Tenho poucas lembranças do meu genitor. Meus pais não combinavam, tentavam discutir longe de nós, os filhos, mas, mesmo sem entender, sentíamos a energia ruim dos desentendimentos. Papai, por seu trabalho, viajava bastante e faleceu num acidente de carro enquanto dirigia numa estrada. Mamãe teve de trabalhar para nos sustentar. Ela arrumou um namorado, ia morar com ele, foi nessa época que me deixou com tio Hermes. Essa relação de mamãe não deu certo, mas ela arrumou um bom emprego nessa cidade onde passamos a morar. Veio me buscar e nós três ficamos juntos. Mamãe conheceu Gabriel, que também era viúvo e tinha um filho. Os dois de fato se amaram. Não moraram juntos, ele residia com o filho, Haroldo, e mamãe, comigo e Michel. Porém, viajávamos juntos, passávamos os finais de semana na casa dele, e, em outros, os dois na nossa. Gabriel, às vezes, implicava com Michel, por ele ser mais afeminado, e preferia que Haroldo ficasse mais na minha companhia.”

Levantou-se do banco da praça e foi tomar um café num bar. Sentou-se numa banqueta em frente ao balcão e as lembranças continuaram:

“Foi um período gostoso, de paz, estudava e me divertia. As

irmãs, mamãe e titia, continuaram amigas, se falavam, se visitavam, mas ignoravam o irmão; para elas, era como se Hermes não existisse. Mamãe estava feliz, amava Gabriel, era amada e resolvia com bom humor os problemas corriqueiros. Saí de casa para morar sozinho e ter liberdade. Michel continuou morando com ela. Tia Angelina sofreu um acidente vascular cerebral, Alice cuidou dela com muito carinho, ela faleceu dois anos depois; titia não quis se envolver com mais ninguém depois que se separou do marido. Alice tinha três anos quando os pais se separaram. O pai de Alice se casou de novo, mas sempre deu atenção e carinho à filha.

“Mamãe sentiu-se mal, Michel a levou ao hospital, ela sofreu uma pancreatite, foi operada com urgência, ficou três dias na UTI e faleceu. Michel contou que ela se queixara uns dias antes de sentir mal-estares e que algo não tinha lhe feito bem. Sentimos a morte de mamãe, Michel talvez mais do que eu, ele era muito apegado a ela. Gabriel também sofreu. Haroldo, logo depois, se casou, penso que para não ficar sozinho; depois de três anos, Gabriel arrumou uma namorada. Não perdemos o contato, conversamos sempre por telefone, saíamos para jantar ou almoçar juntos”, Júlio suspirou alto.

No bar estava somente uma moça, e ela cantava acompanhando a música que tocava no rádio. Depois de tomar o

café, Júlio levantou-se, pagou a conta e, andando devagar, foi à loja comprar o arame.

“Nunca antes usei o nome do Gabriel para resolver algum problema. Que coisa desagradável que fiz! Gosto do Gabriel e do Haroldo, fui padrinho de casamento dele. Mas não é por isso, por essa amizade, que devo usar o nome deles. Haroldo é um excelente advogado, os dois, pai e filho, são honestos e trabalhadores. Queria que Rafaela estivesse aqui comigo. Ela, além de ter o dom de me acalmar, é ótima conselheira. Parece que, antes de conhecê-la, estava sempre procurando encontrá-la. Ela se parece fisicamente com Ângela. Ai, meu Deus! É somente uma coincidência! Sim, é isso, só pode ser. Uma coisa é certa, eu a amo, tenho certeza de que a amo. Farei o que Rafaela quiser. Não quero e não posso decepcioná-la. Quem ama cuida, e eu quero cuidar dela e ser cuidado! Antes de conhecê-la, sentia que amava alguém. Ao vê-la, tive a certeza de que era Rafaela o grande amor da minha vida. Encantei-me com aqueles cabelos longos e lisos. Tão parecidos com os de Ângela!”, Júlio suspirou novamente, estava saudoso. O suspiro fez voltar o seu problema. “Estou envergonhado da minha atitude na delegacia. É para ter avisos? Que seja! Colocarei!”

Resolveu fazer as compras e voltar à Toca do Tatu.

Quando abriu o portão, Izilda foi correndo para fechá-lo.

Entraram na casa, Glória se aproximou, e ele pediu:

— Chame Gedor, vou contar uma vez somente.

Glória foi chamar o marido, e Izilda colocou o cordão com a pedra, seu amuleto, na outra sala e explicou:

— Todos devem escutar!

Júlio concluiu que “todos” eram os espíritos que ali estavam. Quando o casal chegou à sala, ele contou:

— Foi uma afronta! Um absurdo! O delegado quis que eu desse satisfação, me explicasse, porque jovens estavam na minha propriedade e foram atacados com pedras. Quando o delegado começou a falar...

Júlio contou o que acontecera.

— O senhor acha mesmo que esses jovens foram atacados com pedradas? Quem os atacou? — perguntou Glória.

— Aqui tem mesmo armadilhas? Não é perigoso eu cair em uma e ser atingido por pedradas? — Gedor se preocupou.

— Você — Júlio tentou tranquilizar o empregado — está trabalhando, diferente de quem está atrapalhando. Não se preocupe, não existem armadilhas.

— Foi o senhor, então, que jogou as pedras? Genial a sua ideia — Gedor riu.

Júlio achou melhor que o empregado pensasse assim, não desmentiu, mas também não confirmou. Explicou:

— Como aqui tem fama de assombrado, não sei o porquê de essas notícias terem se espalhado, é motivo para os jovens se interessarem pelo local. O que deve ter acontecido foi que esses moços, fingindo coragem que não possuem, entraram no quintal, talvez por alguma aposta ou brincadeira, para pegar frutas, porém são vândalos, já que arrebentaram a cerca. Covardes, sentiram medo no primeiro barulho que ouviram, talvez de algum animal ou do cano d'água, apavoraram-se e correram, tombaram uns nos outros, talvez tenham caído, passaram correndo pela cerca e se feriram. Para que não rissem deles e fossem chamados de medrosos, inventaram as pedras.

— Penso como o senhor, foi isso o que aconteceu — concordou Glória.

— Não tem outra explicação! — Gedor também aceitou a versão do patrão. — Em todo caso, é melhor que pensem que aqui tem armadilhas. Bem feito que se feriram! Bando de vagabundos! Espero que não venham mais e, se estragarem novamente a cerca, o senhor deve obrigá-los a consertá-la.

Aproveitando que o casal se afastara, Izilda perguntou:

— Você realmente acredita no que falou?

— Esta casa está me deixando confuso. Queria mesmo que tivesse ocorrido como falei, porém não sei o que aconteceu. Não é mais fácil acreditar no que queremos? O que você pensa sobre

esse episódio?

— Também prefiro acreditar na sua versão. É mais simples.

“Se os jovens”, pensou Júlio, “foram atingidos por pedras, quem as jogou? O senhor dos risinhos? A casa? Ou seja, o quintal? Assombrações? Será? Nem vou pensar nisso agora, é algo complicado demais”.

— Vou almoçar, estou com fome — informou o moço. — Depois farei uns avisos. Izilda, peça para Gedor pegar no carro o que comprei, levar o rolo de arame para o quintal e, se for possível, consertar a cerca ainda hoje. À tarde, entregarão mais dois colchões e as outras compras, adquiri mais roupas de cama, toalhas etc.

“Usei o dinheiro do titio para essas compras. É justo!”, pensou ele.

Após o almoço, Júlio foi à lavanderia e colocou em cima de um balcão de pedra, as tábuas. Eram três, quadradas, com oitenta centímetros cada. Com um lápis, escreveu o que queria, isso para ver como ficaria. Pintou-as de branco, deu várias mãos de tinta; depois, com pincel menor, com tinta preta, escreveu “Não entre”, com letras grandes, na parte de cima e, mais abaixo, “Armadilhas que atiram pedras”. Teve dúvidas se escrevera corretamente, porém queria deixar o aviso bem claro.

— Ficou bonito! — opinou Izilda.

— Se é para ter avisos, pois teremos, os colocarei em locais bem visíveis.

Izilda saiu da lavanderia, ele escutou os risinhos.

— Escutem, senhores risos! Fui eu quem foi chamado à delegacia! O que acontece aqui agora é responsabilidade minha. Por favor, se querem jogar pedras, joguem-nas rente ao chão, para acertar da cintura para baixo. Entenderam?

Mais risos.

“Devem ter entendido!”, pensou Júlio.

Levou as duas placas para o quintal.

— Senhor, já acabei! — Gedor estava satisfeito. — Venha ver o que fiz! Com a sobra de arame, nesse pedaço que estragaram, passei mais uma vez, ficando sete fileiras.

— Ótimo trabalho, Gedor! Muito bem!

— Obrigado! — o empregado sorriu contente com o elogio.

Júlio amarrou a primeira placa na cerca logo após o término do muro, e a segunda, para distanciar mais da primeira, colocou a dois metros após o local onde a cerca fora arrebatada. Foi com a terceira placa para fora da casa. Resolveu pregá-la no muro perto do portão. Ia pregar o primeiro prego, quando escutou:

— Boa tarde, senhor!

Assustou-se e deixou cair o martelo, que quase acertou seu

pé. Esforçou-se para não ser rude, respirou fundo e pensou: “Foi somente um cumprimento”.

— Desculpe-me, não quis assustá-lo.

Júlio se virou e viu um homem sorrindo, respondeu ao cumprimento e explicou:

— É que estava distraído, concentrado em colocar a placa.

— O que aconteceu? Por que esse aviso?

Outro homem passava de bicicleta, parou também, informaram que eram vizinhos.

— Senhor — disse um deles —, um grupo de jovens tem feito, mais por farra, alguns estragos na redondeza. Comprei dois cachorros bravos.

— É melhor colocar placas — recomendou o dono da Toca do Tatu. — Foi o que o delegado me informou.

— Como faz essas armadilhas? Talvez eu as faça também.

“São vizinhos, é melhor falar algo.”

— Com fios de náilon para não serem visíveis, faço laços e, se encostar ou pisar neles, o fio se solta, e uma rede que fica nas árvores cai com pedras.

— É mais fácil ter cachorros!

Conversaram sobre o tempo, Júlio não queria conversar nem parecer ser mal-educado, escutou-os e, depois de uns minutos, sorriu e disse que tinha de colocar a placa. Os vizinhos foram

embora e ele pregou o aviso.

Os empregados terminaram seus turnos e foram para o seu lar, ele trancou o portão. Estava cansado, o dia fora de muitas atividades, ficou nervoso, indignado, aborrecido e se assustou. Mas concluiu:

“Como é bom ter o que fazer! Não posso e não quero ficar à toa!”.

Lanchou com Izilda, viu somente o noticiário e foi dormir.

Ao passar pelo corredor escutou:

— *Buuu...*

Júlio não se assustou e escutou risos.

— *Esse seu sobrinho é biruta! Assusta-se com os vivos e nem liga para os mortos!*

O moço ouviu, como ultimamente estava escutando.

— *Ele é da família! O que queria?*

Pareceu escutar uma discussão.

— Podem parar! — Júlio exclamou em tom alto. — Estou com sono e quero dormir, vão discutir em outro lugar. Boa noite!

Sentiu, mais do que escutou, vozes responderem ao seu cumprimento.

Deitou-se e adormeceu.

## Vovó Justina

Júlio, após o desjejum, resolveu ver o que tinha na casa. Foi ao quarto que fora de sua avó. Não tinha nada nesse cômodo: nenhum enfeite ou tapete, todas as gavetas estavam vazias, assim como o armário. Tinha somente um colchão na cama com uma colcha, não havia travesseiros. Ele resolveu perguntar a Izilda e a encontrou na cozinha.

— Fui ao quarto que vovó ocupara e está completamente vazio. Não tem nada nele?

— Quando dona Justina desapareceu, o senhor Hermes revirou aquele quarto, só não o derrubou porque iria danificar a casa, rasgou o travesseiro, desmanchou o colchão. Penso que procurou pelas joias, já que o dinheiro não existia — Izilda fez uma ligeira pausa, lembrou-se de algo e falou: — Quando seu avô era vivo, o casal ocupava outro quarto, o grande, ao lado daquele que o seu tio usava. Quando ficou viúva, sua avó ficou impressionada, contou que sentia a presença do marido no

quarto. Foi nessa época que fui atrás do amuleto porque eu também sentia seu avô me observando, fiquei apavorada e com medo.

Júlio agradeceu e foi ao quarto maior. Como fez no antigo dormitório de seu tio, abriu as gavetas e armários. Ali encontrou algumas roupas velhas, lençóis e cobertores. Olhou tudo, tirou gavetas, bateu nos móveis. Nada encontrou.

— *Tire o tapete.*

Júlio puxou o tapete, que era pequeno e estava em frente ao armário. Olhou e não viu nada. Escutou:

— *Está vendo, meu neto, essa tábua, a do meio? Observe-a bem. Com uma faca ou um objeto bem fino, você tira essa tábua e encontrará um buraco, um fundo falso. Minhas joias estão aí. Eu as dou para você, porém quero que faça o que lhe pedi.*

— *Levar suas ossadas para o túmulo da família — disse Júlio em voz alta. — Pretendo fazer isso, vou esperar por Rafaela e nós dois decidiremos o que e como fazer.*

Júlio se sentia ridículo por falar em voz alta, mas, se escutava, tinha que responder. Completou seu raciocínio.

— *Vovó, somente quando eu fizer o que me pediu é que irei tirar essa tábua.*

— *Você puxou a quem? — sentiu a dona da voz admirada. — Na verdade, sua mãe era uma ovelha diferente. Ela se sentia*

*incomodada com atitudes que achava não serem corretas. Se você tivesse puxado a mim ou ao seu avô e tio, abriria esse esconderijo, pegaria as joias e não se importaria em cumprir nada ou fazer algum favor.*

— Quero, vovó, ser honesto! Não se arrepende de não ter sido?

— *Sim, me arrependo! Sofri por isso.*

— Ainda sofre? — Júlio se interessou em saber.

Ele se acomodou na poltrona. Sentiu dois vultos perto dele. Não entendia como era possível, mas sentia que estava conversando com sua avó materna.

— A senhora sofre? — Júlio repetiu a indagação.

— *Se comparar com a vida que levava até uns meses atrás, afirmo que estou melhor. Sim, já sofri.*

— Não quer me contar, vovó, o que aconteceu?

— *Izilda contou a versão dela. Escutamos vocês dois conversando, Nelinha e eu, encostadas na janela. Que interessante! Há várias versões para o mesmo acontecimento! Tenho a minha; o assassino tem a dele; Izilda, por ter visto parte do que ocorreu, tem a dela; o desencarnado envolvido tem a dele.*

Justina fez outra pausa e suspirou; Júlio, ansioso para saber, insistiu:

— Gostaria de saber como e por que seus restos mortais estão

junto da jabuticabeira.

— Vou contar, já que quer escutar. Somos cinco desencarnados aqui, isto é, espíritos. Os outros três saíram. Agora, há somente Nelinha e eu no recinto. Ela é minha amiga. Como a coitadinha não tinha para onde ir, convidei-a para ficar comigo. Vou falar primeiro dela. Conhecemos no Umbral. Para que entenda, existem dois planos: o Físico, esse em que você vive; e o Espiritual, onde os espíritos moram. Nós, os desencarnados, ou seja, os que vivem sem o corpo igual ao seu, de carne e ossos, vemos os dois planos. Aprendi muitas coisas nestes anos de desencarnada; depois que melhorei e a perturbação se foi, prestei atenção e obtive alguns conhecimentos. Umbral é uma morada de desencarnados que não foram ou não são seres legais, não agiram ou agem corretamente, quer vestidos no corpo físico ou não. Não fui para lá porque quis, mas porque mereci. Estive lá por um longo período. Faz cinco anos que conheci Nelinha e nos tornamos amigas.

Aproveitando que a avó fizera uma pausa, Júlio quis saber:

— As senhoras não poderiam sair desse lugar? Como é viver lá?

— Sair de lá, às vezes é complicado, eles não gostam de perder escravos ou membros de seus grupos. Os moradores desse local são diversificados. Uns mandam e outros têm de obedecer. Há chefes, tem hierarquia. A maioria afirma gostar, penso que, como nós, fingem se sentir bem. Uns, por não gostarem, sofrem, e outros tentam se adaptar,

como Nelinha e eu. Essa minha amiga desencarnou há alguns anos, bem depois de mim. Ela não quer falar com você. Então, eu vou contar a sua história. Nelinha estava viúva, tinha dois filhos e uma filha. Ela e o marido haviam feito um documento em que, quando morressem, os filhos receberiam a maior parte da herança. Ela achava que tudo estava bem, morava numa casa confortável, onde recebia os filhos, noras, genro e netos. Dava bons presentes a todos. Os filhos queriam que ela vendesse alguns imóveis e lhes desse o dinheiro. Nelinha se recusou, os aluguéis lhe davam uma boa quantia por mês. Por esse motivo, houve desentendimentos, até a filha fez pressão para ela vender e dividir o dinheiro. Nelinha estava nervosa e, numa madrugada, sentiu-se mal e telefonou para os filhos, que afirmaram que iriam depressa socorrê-la, que seriam rápidos. Demoraram e, quando chegaram, viram-na no leito, discutiram se pediriam ou não socorro, ela os escutou. Quando resolveram chamar uma ambulância, ela estava realmente mal, desacordada, porém ouvia e sentia tudo. Ficou por cinco dias na UTI e desencarnou. Foi ajudada, seu espírito foi desligado da matéria física morta e levado para um lugar onde recebeu socorro, auxílio. Ficou meses ali, porém quis voltar. Não queria ter morrido, desencarnado, queria mesmo era viver encarnada, vestida com o corpo físico. Quis muito e pôde sair desse abrigo, retornando à sua antiga residência. Encontrou a casa modificada, pois a filha, o genro e os netos estavam morando lá. Foi um período difícil, não foi,

Nelinha?

A voz que Júlio escutava fez uma pausa. Ele sentiu que conversavam. Em seguida, Justina continuou:

— Nelinha chora quando se lembra dessa fase de sua vida. Primeiro, sentiu que a casa não era mais dela. Seus pertences pessoais não estavam mais lá, viu um desencarnado, que depois entendeu que era de má índole, esse espírito odiava o genro dela. Agora entendemos que era um obsessivo, um desencarnado que queria se vingar, queria prejudicar. Ela sentiu medo dele. Soube então, escutou conversas dos filhos, que eles há tempos estavam querendo e planejando fazê-la vender alguns bens e dar o dinheiro a eles, queriam aproveitar a herança, mas ela estava demorando a morrer. Quando os filhos receberam o pedido de ajuda da mãe, pensaram não ser nada grave, que fosse apenas para chamar a atenção; infelizmente ela já tinha feito isso algumas vezes. Mesmo vendo-a passar mal, não acreditaram e a discussão entre eles foi por esse motivo: estava ou não a mãe se sentindo mal? Deveriam ou não levá-la para o hospital? Depois, sabendo que era grave, fizeram de tudo para Nelinha ficar bem. Quando minha amiga desencarnou, por não ter feito nenhuma maldade, e até por ter feito alguns atos bons, foi socorrida. De volta à casa dela, ninguém a viu. Entendeu que eles haviam sentido seu falecimento, ou seja, seu desencarne, principalmente os netos. Porém, rapidamente dividiram os bens materiais. Ela quis ajudá-los, fazê-los

*pensar nela para que vivessem melhor, de modo mais correto, e isso incomodou o obsessor, que já a tinha advertido para ela não se intrometer. Esse desencarnado pegou Nelinha, a levou para o Umbral e a deixou como escrava numa cidade, em um agrupamento de desencarnados que se autodenominavam moradores do local. Foi lá que nos conhecemos.*

*Após uns segundos de silêncio, Justina voltou a falar:*

*— Ficamos no grupo que obedece e não cria problemas, por medo dos terríveis castigos. Onde estávamos, o chefe se desentendeu com outro. Aproveitando que estavam em conflito, pudemos fugir sem ser notadas. Com medo de ir para perto dos filhos e ser novamente levada para o Umbral, Nelinha veio comigo.*

*— E a sua história, vovó? Como foi parar num lugar de conflito assim? — Júlio quis saber.*

*— Casei-me com seu avô sem amá-lo. Não fui obrigada, fiz de tudo para conquistá-lo porque era, a meu ver, um bom partido. Claro que me decepcionei. Ele era grosseiro, rude, me tratava como um objeto, não consegui gostar dele. Penso, ou tenho certeza, de que ele também não me amou. Na minha primeira gravidez, ele me traiu bem aqui no nosso lar. Vi-o saindo do quarto da empregada. Sofri, briguei, não adiantou, e essas brigas ocorriam nas suas várias traições. Tive três filhos e não quis ter mais. As traições aconteciam mais durante a gravidez. Não tinha coragem de me separar dele por não ter como*

*sustentar os filhos. Passei a ter amantes. Então me senti bem, melhorando minha autoestima. Continuamos a brigar, porém, menos. Não sei se seu avô soube que eu o traía, às vezes penso que não, porque não tomou nenhuma atitude, ele era arrogante e orgulhoso, achava-se superior a todos, com certeza nunca pensou que pudesse ser traído.*

— A senhora não se encontrou com ele depois que morreu?

— Júlio quis saber.

— *Desencarnei, meu neto. Como continuei viva, é somente o corpo de carne e ossos que morre; sobrevivemos, então continuamos vivos. Não, não vi meu ex-marido. Quando ele faleceu, ou seja, desencarnou, ficou por aqui, perturbado e perturbando, fazia barulho, sentia-o no meu quarto. Sentia medo e não estava me sentindo bem. Procurei por ajuda, infelizmente em um lugar onde não se faz caridade, e ele sumiu. O homem que me livrou do problema me disse que o prendera. De fato, ele não veio mais aqui. Depois de um tempo que estava no Umbral, tentei saber dele. A notícia que tive foi de que, de fato, ele fora preso, sofreu, deve ter se arrependido, foi levado pelos bons espíritos e ia reencarnar. Isso deve ter acontecido, porque ele nunca mais me procurou.*<sup>[1]</sup>

Justina fez uma ligeira pausa, Júlio ia pedir para continuar com sua narrativa, mas não foi preciso, ela continuou:

— *Viúva, resolvi aproveitar a vida, Hermes não concordou, e passamos a brigar. Tinha feito o que ele queria, que a fazenda ficasse*

metade para mim, metade para ele. Prejudiquei minhas filhas, embora as amasse. Foi somente aqui, na casa, que soube que elas também haviam desencarnado. Não sei delas, penso que foram para outros lugares. Gostaria de pedir perdão às minhas filhas. Naquela época, Hermes me convenceu de que era o melhor, que a fazenda dividida não daria lucro a ele e nós não conseguiríamos sobreviver com conforto e que as duas estavam bem, tinham como sobreviver. Embora entre brigas, íamos vivendo, mas quando arrumei um namorado fixo foi que os desentendimentos se tornaram constantes. Claro que percebi que esse moço era interesseiro, o que, para mim, não era defeito. Passei a dar presentes a ele, pagar nossos programas, foi somente isso. Boba, eu nunca fui. Naquela briga que Izilda lhe narrou, falei que estava cansada e que queria morrer. Foi algo de momento, saí para aliviar a tensão. Quando foram atrás de mim e percebi todos preocupados, resolvi me aproveitar da situação, gostei da atenção recebida. Até Hermes parou de implicar comigo. Que horror! Se eu soubesse! Parecia tudo estar bem, foi somente depois, quando ele me arrastou, que percebi que somente nós dois estávamos na casa. Começamos a brigar, discutir após o jantar. Com calma, naturalidade, meu filho... quando me lembro disso, acho-o um monstro, me pegou pelos cabelos, me arrastou, me levou para o jardim de inverno. Apavorei-me quando vi ali um buraco, sabia que ele matara Ângela e Marcelino e os enterrara ali. Esperneei, me debati e não consegui fazer ele me soltar. De

*repente, o tiro, a dor aguda no peito e não consegui mais me mexer. Senti ser jogada no buraco, a terra começou a cair em mim, perdi os sentidos, foi como se desmaiasse. Meu corpo físico morreu. Quando acordei, estava no meu quarto; um desencarnado rancoroso, que me odiava, falou: “Acordou? A madame despertou! Já era tempo. Você morreu! Sim, seu filho a matou. Sabe quem sou eu?”. Neguei com a cabeça, não conhecia aquele espírito. Ele riu e falou: “Sou um ser que deveria ter sido seu filho. Fui abortado três vezes. Assassina! Assassinou e foi assassinada. O que ia ser meu irmão, seu filho, a matou. Claro que fiz de tudo para ele cometer essa barbárie. Agora, megera, levarei você para um lugar onde se arrependerá por ter me matado”. Ele me levou para o Umbral. Por algum tempo, ia lá me atormentar, me batia, me torturava; depois de um tempo, ele sumiu e fiquei lá. Tentei, muitas vezes, argumentar com esse espírito, disse que não acreditava que um feto tivesse espírito, que não quis matá-lo. Jurei a ele que, para mim, aborto não era assassinato. Não adiantou.[2]*

*Justina deu um doloroso suspiro.*

*— Vovó, a senhora se arrependeu de ter feito isso? — perguntou Júlio.*

*— Não sei. Arreponder-me porque fui castigada, sim, contudo, afirmar com convicção que, se voltasse no tempo, se não soubesse do castigo... não sei se faria ou não de novo. Minha vida era complicada. Casei-me sem amor, não tolerava meu marido, achava difícil me*

*separar. Na gravidez era traída, os filhos me incomodavam. Uma coisa é certa: não me caso mais sem amor.*

— *Que situação complicada!*

— *Nem tanto, meu neto, estou sendo sincera. No Umbral, certo dia, falei para esse espírito: “Ainda bem que eu o abortei, que filho terrível teria tido!”. Pensei que ele ia me bater, porém ele abaixou a cabeça e respondeu: “Não mais do que Hermes. Era o que você merecia, ter um filho como eu. Não iria suportar uma mãe carola que estivesse sempre orando!”.*<sup>[3]</sup>

Justina deu uma pausa, Júlio sentiu que ela conversava com a amiga. Logo voltou a se comunicar com o neto:

— *Nelinha está me lembrando da minha decepção. Quando desencarnei, meu corpo físico parou suas funções pelos dois tiros que recebi; de maneira confusa, senti cair e ser atingida pela terra. Acordei na minha cama, com o obsessor, e ele me levou para o Umbral.*<sup>[4]</sup> *Demorei para entender o que tinha acontecido. Com ele me batendo, estando naquele lugar ruim, senti-me perturbada, muito confusa. Quando melhorei de minha perturbação foi que compreendi que meu corpo morrera e continuava viva em espírito e que quem me matara fora meu filho. Depois de um tempo foi que consegui assimilar. Que decepção! Morrer assassinada não é nada agradável. Alguém me matara. Quem? Uma bala perdida? Um inimigo? Porém, quando é alguém que você quer bem, como um parente próximo, marido, irmão,*

*é sofrido, mas um filho é muito mais. Não foi o filho que você carregou no ventre? Amamentou? Criou? A decepção é dolorida. Talvez não tenha sido um modelo de mãe, mas isso não justifica. Por ter sofrido essa decepção, interessei-me em saber de outros casos parecidos. Infelizmente, existem muitos assassinatos em família e de pais que foram bons. Muitas dessas tragédias ocorrem pelo dinheiro, herança. Hermes fez um ato bárbaro pelo dinheiro, não queria que eu o desse ao meu amante. Um horror! Sofri, senti muito por ter desencarnado dessa forma. No começo, quis me vingar, odiei-o, depois não senti mais ódio, somente a dor. Calma, Nelinha! Vou contar! Minha amiga quer que eu fale o que fiz.*

*Justina suspirou e prosseguiu:*

*—Quando vim para cá, encontrei tudo mudado, Hermes estava velho, e aqui estavam Ludovico e Xavier, amigos do meu filho. Falei que ia ficar porque a casa fora minha e que Nelinha ficaria comigo. Acertamos tudo. Embora tenhamos ficado aqui, não somos amigos e, se eles estão na sala, nós duas vamos para outro cômodo. Quando chegamos, prestamos atenção neles, os dois sabiam fazer coisas como materializar, fazer barulhos, jogar coisas. Os dois aprenderam, não sei como ou com quem. Eles gostavam de sair, e Hermes agora os acompanha, vão muito a motéis aqui perto. Nelinha e eu tentamos fazer o que os dois faziam. Usando da mediunidade de Hermes, afinal, ele desde mocinho foi médium e nunca ligou para isso, consegui me*

*fazer visível para ele numa noite que seus amigos não estavam; com o susto, ele desencarnou. Não queria que ele desencarnasse, queria somente acusá-lo de ter me matado. Foi isso o que aconteceu.*

— *As senhoras não querem outro modo de vida? — o moço perguntou em tom carinhoso.*

— *Fizemos um acordo de ficarmos nós cinco aqui. Hermes não se importou por ter desencarnado, os dois cuidaram dele, ficou somente uns dias perturbado e, quando me viu, nem ligou, riu do seu susto. Nelinha, mais do que eu, gostaria de morar no lugar onde esteve e saiu imprudentemente. Penso que eu também iria. Uma coisa é certa: não queremos voltar para o Umbral. Não sabemos como ir a um lugar como o que Nelinha descreveu, em que esteve anteriormente.<sup>[5]</sup>*

— *Rafaela logo chegará e ela saberá nos orientar — falou Júlio.*

— *Essa moça é sua namorada. Você precisa dela para tomar uma decisão? Não pode decidir sozinho? O que você é? Um banana? — Justina se expressou em tom debochado.*

— *Calma lá, espírito desencarnado! Não permito ofensa! Rafaela deve entender desse assunto. Eu não falo sobre o que não entendo. Costumo perguntar a quem entende.*

— *Está bem! Deve ser certo agir assim. Você é bom!*

— *Como sabe? Posso estar fingindo.*

— *Meu neto, um encarnado pode enganar o outro facilmente. A*

*nós, desencarnados, basta observar, principalmente se aprendemos a ver como o outro é de verdade. Aprendemos no Umbral a ver a energia que envolve um ser. Os chefões na Zona Umbralina têm, em volta deles, pontos escuros, por isso dizemos que são trevosos. Tivemos a oportunidade de aprender a ver a energia que fica em volta de todos nós, é a aura que mostra o que realmente somos. Se você puder enxergar a minha, não irá gostar. A da Nelinha é melhor. A sua, meu neto, é bonita, indica que é honesto, incapaz de fazer maldades. A de Izilda também é boa.<sup>[6]</sup>*

— Não pode mudar isso? — perguntou o novo proprietário da casa.

— *Disseram-nos que sim. Pontos escuros clareiam quando são lavados com lágrimas de sofrimento resignado, e clareiam muito mais, até fazem pontos luminosos, com a prática do bem.*

— Acabou, vovó? Contou tudo?

— *Sim, já acabei.*

— Vou almoçar!

Saiu do quarto, foi à cozinha, ajudou Izilda. Depois do almoço, foi aos outros quartos. No que fora de sua mãe, era o que estava ocupando, nada encontrou. No que fora de sua tia, achou dois livros e um caderninho com muitas folhas escritas.

“Não vou ler, irei queimar este caderno. Ninguém tem o direito de ler, penso que titia escreveu isso na mocidade.”

Levou-o à lavanderia, rasgou e queimou o caderno.

Passou a tarde toda na casa, olhou todos os quartos. Nada encontrou. O tempo fechou, ameaçando chuva, os empregados foram embora mais cedo. Júlio e Izilda fecharam a casa. Ele sentiu os cinco desencarnados na residência. E a tempestade veio, o céu escureceu, raios clareavam por segundos o interior dos cômodos; trovões eram fortes, o vento fazia barulho e as árvores balançavam. Os dois se sentaram no sofá.

— Vou aproveitar para ver se tem goteiras na casa.

Júlio entrou cômodo por cômodo e se assustou com alguns trovões. Satisfeito, viu que não tinha goteiras. A energia acabou. Izilda acendeu uma vela. Lancharam. A chuva parou, porém a energia não voltava. Foram dormir mais cedo. Júlio se deitou e deixou a vela acesa na mesinha de cabeceira.

— *Durma tranquilo, meu neto. Vou apagar a vela para você.*

A vela se apagou, e Júlio adormeceu.

## Os amigos do tio

No outro dia, quarta-feira, Júlio resolveu ver o pedaço de terra que restou da fazenda e que agora era sua propriedade. Após o desjejum, foi ao encontro de Gedor, que trouxe duas bicicletas, combinaram isso no dia anterior. Pedalando, passaram pelo quintal e, no fundo, num local escondido, tinha como abrir a cerca...

— Aqui, senhor Júlio — explicou Gedor —, é o pedaço da fazenda que ficou. Comentam por aqui que, quando seu tio era jovem, nestas terras, havia plantações e até gado. Está abandonado há anos.

Por trilhas e até por caminhos que há muito tempo deviam ter sido uma estrada, foram pedalando e o empregado explicava:

— Ali devia ter plantações; com certeza, se preparar o terreno, dará bons canteiros de cereais.

Subiram, desceram e, num local mais alto, Gedor mostrou:

— Daqui dá para ver os limites da propriedade. Desse lado,

logo ali. Está vendo? Tem a cerca, faz divisa com as terras do vizinho. Lá na frente termina a fazenda, tem também uma boa cerca. O senhor Hermes sempre fez questão de que a fazenda fosse bem cercada. Para refazer a cerca, contratava trabalhadores que moram na cidade. Do lado direito, se andar mais um pouco, veremos a divisa.

— Não tem nada aqui! — Júlio resmungou.

— Somente terra, campos e algumas árvores. Quando o senhor Hermes decidiu não trabalhar mais, arrendou as duas partes que venderam e deixou esse lugar, não quis vender nem arrendar. Se o senhor quiser plantar, é só arar e, no tempo certo, plantar o que escolher. Quer ir para a direita e ver a divisa?

— Não, penso que vi o bastante por hoje, vamos voltar.

Júlio se cansou por ter pedalado em terrenos cheios de obstáculos. Descansou um pouco e foi almoçar.

— Julinho — comentou Izilda —, você não ia pedir para Glória e Gedor virem duas ou três vezes por semana?

— Mudei de ideia. Rafaela vem amanhã, quero tudo limpo e não quero que ela trabalhe, talvez no sábado Michel venha me visitar. Na semana que vem, decidirei com eles os dias que virão trabalhar.

Após o almoço, Júlio continuou a ver o que a casa tinha. Foi à antiga despensa, ali havia somente ferramentas. Revirou a

lavanderia, nada encontrou que lhe interessasse. Aproveitou que não tinha ninguém na cozinha e foi lá vistoriar, viu um jogo de jantar muito bonito, os talheres eram simples, algumas toalhas e as compras que havia feito. Foi à área da frente. Ali não tinha nada para procurar.

— *O que pensa encontrar aqui? Sobrinho burro! Não tem nada escondido na casa.*

— Burro é o meu tio!

— *Menino!*

— Hermes, por favor, se você conhecesse tudo, teria encontrado as joias, por isso não dê palpites — Júlio falou em tom baixo.

Ao entrar na sala, escutou baterem no portão. Izilda também escutou e foi rapidamente ver quem era. Júlio esperou na sala, mas olhou pela janela e viu dois homens. Izilda, após atendê-los, voltou andando rápido e, ao vê-lo, deu o recado:

— Estão no portão dois homens querendo falar com você. São jovens!

— Mande-os entrar, vou recebê-los na área.

Izilda foi, abriu o portão e voltou acompanhada pelos dois homens. Júlio os recebeu no alpendre, cumprimentaram-se e se apresentaram, eram Marcelo e Abílio. Sentaram-se. O dono da casa os achou jovens. Depois de uma rápida conversa sobre o

tempo, a tempestade da tarde anterior, Abílio foi direto ao assunto.

— Júlio, viemos aqui lhe propor sociedade. Vou explicar. Queremos fazer da Toca do Tatu uma pousada. Chamará: Pousada Toca do Tatu, a Assombrada.

O recém-proprietário da casa sorriu, depois olhou sério para as visitas, e Abílio, após uma ligeira pausa, voltou a falar:

— Não viemos interferir na sua vida nem bisbilhotar. De fato, há tempos nós dois queremos investir numa pousada. Na cidade há somente um hotel e uma pequena pensão. Nas margens do rio, tem uma pousada bem simples. Todavia, não queremos somente mais uma, nós a queremos diferente. Esta casa é grande, tem muitos quartos e um precioso atrativo. Mas primeiro queríamos saber o que você irá fazer com essa parte da fazenda e com a casa. Pretende morar aqui? Cuidar da terra que comprou? Antes de me responder, quero falar o que pretendemos. Alugaríamos a casa ou teríamos você como sócio e faríamos a pousada. Anunciaríamos nos jornais da região e da capital, afirmando que a Toca do Tatu tem moradores do Além. Não é uma boa ideia?

Júlio pensou por um instante, não queria ser rude. Respondeu falando compassadamente:

— Meus jovens, acho a ideia de vocês realmente boa. Porém,

não posso enganar ninguém, esta propriedade não é assombrada, não tem assombrações.

— Não?! — os dois exclamaram.

— Nada tem de assombrado na Toca do Tatu!

— As pedradas são mesmo armadilhas? — perguntou Marcelo.

— Não sei ainda o que farei — Júlio resolveu mudar de assunto e responder o que havia sido perguntado anteriormente.

— Estou noivo, irei me casar em breve, minha futura esposa vem amanhã me visitar. Se ela gostar daqui, talvez fique morando. Se não, posso alugá-la ou até vendê-la. Porém, descarto a sociedade. Não quero enganá-los. Sou muito honesto e afirmo: a Toca do Tatu não tem assombrações.

Os dois se decepcionaram. Abílio perguntou:

— O lugar tem fama. Muitas pessoas afirmam ter visto e ouvido coisas estranhas. Não são assombrações?

— Não sei explicar — respondeu o proprietário do lugar — de onde surgiu essa fama. Cheguei aqui recentemente. O que acontece é que os canos d'água fazem barulhos, não sei por que isso ocorre; venta e tem muitas árvores; na casa, há muita madeira que se movimenta. É somente isso.

— Mas o que nos responde sobre a pousada? — Marcelo quis saber.

— Já respondi, por enquanto não sei o que irei fazer. Quando decidir, comunicarei a vocês.

— Mesmo afirmando que a Toca do Tatu não é assombrada, continuamos interessados — falou Marcelo. — Júlio, talvez você e sua noiva não se acostumem com a vida pacata desta cidade. Então, por favor, se decidir alugar ou vender, entre em contato conosco, podemos fazer um bom negócio. Aqui está o meu cartão.

Izilda chegou com uma bandeja e serviu café com bolachas. Os três comeram. Quando Izilda saiu, Abílio comentou:

— Você foi até o asilo buscar a velha empregada?

— Ela veio ficar uns dias comigo. Gosto dela.

— Se fizermos uma pousada, ela poderá trabalhar como governanta e poderá contar casos de assombrações aos hóspedes — falou Abílio.

Júlio se levantou, as visitas não tiveram escolha, levantaram-se também, e o dono da Toca do Tatu os acompanhou até o portão, o carro deles estava parado em frente ao muro. Abílio olhou bem para a placa. Foram embora. O moço entrou na casa, Izilda estava na sala.

— Julinho, você afirmou que aqui não tem assombração. Por que fez isso?

— Assombrações, não tem; pode, sim, ter espíritos.

— Qual a diferença? — Izilda riu.

— Não sei ao certo, penso que assombração assusta, e é um termo equivocado, o certo deve ser “espírito”. Eles não perguntaram por espíritos, então não menti. Depois, não quero exhibir os espíritos da família e os amigos deles. Você ouviu a conversa?

Júlio perguntou e se lembrou que Izilda tinha o costume de escutar atrás de algum móvel ou porta.

— É que fiquei curiosa. Agi errado?

— Não — respondeu o recém-proprietário do lugar —, ia lhe contar tudo, mas, como escutou, não preciso repetir. Você tem até uma proposta de trabalho.

— Não me interessa. Penso que esse assunto é muito sério para ser tratado dessa forma. Se eu fosse uma assombração, iria querer respeito. Porém, não sei como pensam esses mortos que estão aqui. É isso mesmo que pensa? Você não sabe o que irá fazer?

— Izilda, não sou rico. Recebemos de herança a fazenda, vendemos as partes que estavam arrendadas, o dinheiro dessa venda foi dividido por três, e eu ainda, para ficar com a parte que restou da propriedade e a casa, tive de dar uma quantia para a Alice e Michel. Fiquei com pouco. Não posso ter o luxo de morar aqui e não trabalhar. Não posso e não quero, não

conseguiria viver na ociosidade. Para plantar, teria de financiar, e não sei nada de plantações ou de gados.

— Se você quiser vender as terras, o fará facilmente. Pode ir atrás de fazendeiros vizinhos. De fato, é arriscado tentar fazer o que não se sabe. Pode aprender, porém é arriscado; plantações dependem do tempo e nem todo ano dá lucro. Pena você não ter dinheiro.

— Não é que não o tenha, o que disse é que não possuo o suficiente para viver por muito tempo sem fazer nada.

— Irá pensar na proposta dos moços? — Izilda estava mesmo curiosa.

— Irei, sim, mas primeiro preciso resolver um problema daqui.

— Ossadas, assombrações ou espíritos?

— Sim — Júlio foi lacônico.

Ouviram risos.

— Deixei o cordão no quarto. Pensei que era importante todos escutarem. Vou buscá-lo — a antiga empregada saiu da sala.

— Vou vistoriar a sala!

Júlio fez como nos outros cômodos, tirou as gavetas, olhou o assoalho e até debaixo dos tapetes. Encontrou alguns copos, uns de vidro e outros de cristal, alguns enfeites e, na parte fechada

do balcão, garrafas, três de bebidas.

— *Beba!* — escutou.

— *Vá mandar nos seus companheiros. Não bebo!*

— *Beba!*

— *Não!* — Júlio foi enérgico.

— *Então abra para nós sentirmos o cheiro.*

— *Não vou fazer nada.*

Fechou a porta do balcão.

— *Que pena!*

— *Quem é você?* — perguntou Júlio.

— *Ludovico, o que foi advogado, pai do moço que conheceu, sou amigo do seu tio.*

— *Só você que está aqui?*

— *Agora, aqui na sala, Xavier e eu* — respondeu a voz —, *o que foi médico, também amigo do Hermes, que no momento está dormindo. Como recém-falecido, ainda dorme!*

— *Por que estão aqui?*

— *Gostei de você ter falado que não somos assombrações. Trata-nos com respeito* — falou Ludovico. — *Estamos aqui porque gostamos e por não ter para onde ir. Encarnados, Xavier, Hermes e eu éramos de fato amigos e continuamos, após termos vindo para o lado de cá, nossa amizade. Tive dois filhos, não quero ficar perto deles para não prejudicá-los ou para que eles, incomodados, mandem me*

*prender. Hermes me convidou e fiquei.*

— Não pensou em ir para um lugar aonde vai a maioria dos que morrem ou, como vovó diz, “desencarnam”?

— *Lá pelo jeito tem ordem e disciplina, coisas de que não gosto. Não se preocupe comigo, sinto-me bem.*

— Pelo jeito quer continuar aqui — falou Júlio.

— *Sim, e se vender ou alugar a casa, fico e não me importo em assombrar. Será divertido* — escutou a voz suspirar.

— Por que está assim?

— *Assim como? Como assombração, alma penada?*

— Como... espírito — Júlio ficou indeciso em responder.

— *Você é ainda jovem e, pelo jeito, tem um modo de vida diferente. Possui algo estranho que não conseguimos entender. Não conseguimos sugar suas energias nem as da velha com aquele cordão.*

— Por que não consegue se aproximar da pedra do amuleto que Izilda tem?

— *Saber por que, eu não sei. Porém, se me aproximo, algo de estranho acontece, não me sinto bem. Embora você não tenha amuleto, até me aproximo de você, como agora que estamos conversando, mas não consigo pegar suas energias e nem lhe fazer mal. Também não iria lhe fazer mal, porque Hermes não deixaria, ele gosta de você.*<sup>[1]</sup>

Vendo o moço interessado, Ludovico continuou falando:

— *Morrer é algo muito impressionante! Nada agradável! Pelo menos, para mim, foi um acontecimento ruim embora saiba que nem todas as mudanças de plano sejam dessa forma. Dizem que, para pessoas honestas, boas, é mais fácil largar o corpo físico morto. Raciocinando, isso deve ocorrer, é coerente. Para mim, essa mudança foi degradante. Minha ex-mulher, com muita mágoa, foi quem me deu a notícia de que estava morto. Senti-me por um tempo morto e vivo. Que sensação angustiante! Estava no meu ex-lar, e ela também. Resolvi visitar Hermes e aqui fiquei. Certa vez, ele, ainda encarnado, quando adormecido, seu espírito se afastou do corpo físico e me convidou para ficar na sua casa. Então, me senti melhor. Ainda penso que viver revestido pelo corpo físico é bem melhor, mas não quero me queixar. Pelo menos aqui não vi mais a megera da minha ex-esposa.*

— *Ela é má ou foi má? — Júlio se interessou saber.*

— *Sinceramente, não sei. Quando ela estava no corpo físico, tinha lá suas qualidades e defeitos: era invejosa, fofoqueira, mas cuidava dos filhos e da casa. Brigávamos porque eu a traía. Ela faleceu cinco anos antes de mim, continuei com minha libertinagem, mas não me casei de novo. Quando o corpo que usei, de carne e ossos, morreu, isso se deu por uma infecção generalizada após uma cirurgia de hérnia. Fiquei na minha casa e ela descontou em mim o que lhe fizera. Não sei de minha ex-esposa, porque, assim que vim para cá, meus filhos se desfizeram da casa. Penso que ela pediu ajuda a uma de suas sobrinhas, que é*

*espírita.*

— O senhor não pretende pedir ajuda do mesmo modo que sua esposa pediu?

— *De jeito nenhum! Gosto da vida que estou levando!* — exclamou Ludovico.

— Vovó e Nelinha foram levadas para um lugar ruim. Não tem medo de ir para lá?

— *Elas nos contaram o que lhes aconteceu. Conhecemos alguns truques para evitar isso. Xavier sabe de muitas coisas, ele aprendeu, me ensinou e estamos ensinando a Hermes. Por saber dessa possibilidade, de sermos presos, ficamos atentos e tentamos ser espertos, fugimos de tudo o que pode ser perigoso para nós. Com certeza, não me adaptaria em lugares que têm ordem e disciplina. Não quero, não agora, me privar das coisas de que gosto.*

— Como pode viver assim, sendo assombração? — indagou o moço.

— *“Espíritos que vagam”, por favor. Se para uns o que fiz e faço é errado, para mim é esperteza e safadeza. Acho sua vida, sua maneira de agir, muito sem graça; não estou criticando, é o que acho. Não fui honesto e não quero ser para não me tornar chato, sem graça.*

— Não sente remorso por ter sido desonesto? — perguntou Júlio, admirado.

— *Não! Fui esperto! Quem mandou o outro ser bobo? Não consegui*

*enganar os espertos. Está curioso para saber o que fiz, não está?*

— *Confesso que um pouco. Talvez para entender.*

— *Entender nada, quer mesmo saber* — Ludovico riu. — *Vou contar um pouquinho do que fiz. Queria ser um exemplo para você, para ser mais esperto, menos ingênuo. Você deveria ter aceitado alugar esta casa para obter dinheiro. Não tirar as ossadas e não se importar com ninguém. Agi assim, não me importei com ninguém, fiz tudo por dinheiro, menti muito, vendi informações até de meus clientes em troca de vantagens. Está admirado? Pensei somente em mim, sempre. E continuo pensando. Embora aqui, agora, tenho respeitado a amizade de Xavier e Hermes. Faço muitas coisas para eles, porém, primeiro, faço a mim. Dá certo, nós três pensamos do mesmo modo. Isso também envolve interesse, precisamos uns dos outros. Está contente com o que ouviu?*

— *Sinceramente, não!* — respondeu Júlio. — *Isso não lhe dá uma inquietação interior?*

— *Por enquanto, não! Um problema de cada vez. Voltando ao assunto da casa, pense bem, venda a Toca e, se resolver me atender, procure aqueles moços.*

— *Seu filho está envolvido nesse negócio?* — o jovem proprietário da casa quis saber.

— *Sim, está, e quero que ele se dê bem. Dinheiro é sempre bom. Por ele e porque gosto, assombro alguns hóspedes.* — Ludovico riu. —

*Xavier está aqui e quer lhe falar, já que está nos ouvindo.*

*— Boa tarde! — Júlio ouviu uma voz e também Ludovico rir.*  
*— Sou educado, cumprimento as pessoas. Sou, ou fui, Xavier, um médico. Não tenho muito o que contar. Também não fui honesto, mas interesseiro. Fiz da medicina um meio de enriquecer, não gostava de consultar sem cobrar. Agi errado e, por dinheiro, ajudei dois clientes que pagaram a ficar viúvos, isso sem contar os erros que cometi por não estar interessado pelo paciente e por descuido. Isso pesou quando desencarnei. Ninguém se importou com a minha morte. Estive doente e meus filhos decidiram não gastar dinheiro comigo. Não passei mais privações porque Hermes me levava alimentos, comprava remédios, também nunca cobrei consultas dele. Meu falecimento, ou como Justina fala, “desencarne”, foi traumatizante. Meu corpo físico morreu, e eu fiquei perto dele sem conseguir me afastar, vendo e ouvindo tudo, até as piadas de mau gosto sobre mim; se fosse velório de outro, até acharia engraçado. Estava desesperado pensando, seria enterrado, mas espíritos que ajudam no cemitério me puxaram, saí do corpo e fiquei perto de Hermes, que foi o único que sentiu a minha morte. Vim com ele para cá. Melhorei e fiquei vagando pela casa depois, passeava por aí. Fui um dia ao motel, nosso divertimento preferido. Gostamos de ver o movimento, os casais, vampirizamos as energias dos frequentadores, divertimo-nos e nos sentimos bem. Lá encontrei-me com uma desencarnada, conheci essa mulher quando*

*não havíamos mudado de plano, fiz dois abortos para ela, que me ensinou muitas coisas. Até veio me orientar como deveria proceder. Aprendi muito, sou inteligente, ampliei meus conhecimentos, estudei medicina. Essa amiga está por aí, às vezes nos encontramos no motel, ela diz morar no Umbral, onde sua avó Justina e a amiga dela ficaram presas; minha amiga fala que gosta daquele ambiente e sai de lá sempre que quer.*

*Aproveitando que Xavier fizera uma pausa, Júlio perguntou:*

*— Você não quer mudar a maneira de viver?*

*— Não pensei nisso! Na verdade, tenho medo. Tinha certeza de que, com a morte, tudo acabava, mas não acabou, continuei vivo. Quem me falava que a vida continuava era minha secretária, e ela também afirmava que existia o retorno, que você paga pelo que faz de mau e recebe pelo que fez de bom. Sinto medo desse retorno. Não vai ser nada agradável acertar contas com aqueles que prejudiquei ou comigo mesmo.*

*— Não será pior adiar e aumentar essa dívida?*

*— Espero que não a esteja aumentando — Xavier suspirou. — Não tenho desculpas para o que fiz. Não jurei, quando me formei, ser bom médico? Jurei! Tinha conhecimentos? Tinha, não fui ignorante! Recebi até uma educação religiosa. Preferi ser descrente. É isso aí, sobrinho do Hermes! A morte chega e vem para todos. Eu, mais do que os outros, sabia disso. Se escuta meus risos, é porque acho graça*

*mesmo. Estou curioso, me responda: por que você não se assusta conosco?*

*— Vocês não têm nada de assombroso. São seres como outros quaisquer. A diferença é que estão usando outro corpo. Mas o que tem isso? No meu entender, nada. Realmente, vocês não me assustam. São pessoas como eu, nem piores nem melhores.*

*— Aí é que você se engana! Não somos bons. Mas, se não quer ver diferença, é gentil de sua parte. Teria gosto de lhe passar um susto, eu iria gargalhar por horas.*

*— Você disse que era descrente. Agora acredita?*

*— Tinha certeza de que, ao morrer, tudo acabava — respondeu Xavier. — Quando entendi que era sobrevivente, a decepção me incomodou, senti algo indescritível. Queria mesmo que tudo tivesse acabado. Essa sobrevivência me causou muito sofrimento. Como me doeu essa decepção! Como pude eu, uma pessoa inteligente, estudada, me enganar assim? Na minha arrogância, indagava: se a vida continuava, por que não me mostraram? Por que Deus não me mostrou? Porém, quando sofri, entendi que não era nada. Não via pacientes sofrerem? Esse fato não me incomodava, por que alguém se incomodaria comigo? Em todo caso, não sou de ficar chorando ou lamentando. Continuei vivo, então vou continuar vivendo. Você perguntou se agora acredito. Não quero pensar nesse assunto, isso me incomoda. Acredito agora na vida após a morte; no resto, não quero*

*pensar. Não posso! Com certeza, não irei gostar das respostas às minhas dúvidas — Xavier deu um longo suspiro, riu e depois falou: — Hermes deve ter acordado e ele não irá gostar de nos ver conversando com você. Boa tarde!*

Rindo, Júlio sentiu que se afastaram.

“Não tenho mais nada para vistoriar. Será que o jogo de jantar é de porcelana? Vou novamente à cozinha”, pensou o moço.

Izilda, vendo-o na cozinha, ofereceu:

— O que quer, menino? É só dizer que pego para você.

— Estive olhando tudo o que tem na casa. Vim ver se esses pratos são de porcelana.

Júlio abriu o armário e contou os pratos.

— Pode ser que sejam de porcelana, mas o jogo está incompleto. Faltam muitas peças.

— Penso, Júlio, que nesta casa não tem nada de valor. Seus avós e seu tio não gostavam de investir neste lugar.

— Agora sei tudo o que tem aqui. Vamos jantar?

Jantaram, fecharam a casa, assistiram televisão. O local estava silencioso. Júlio não sentiu por perto nenhum morador do Além. Contento por Rafaela chegar no outro dia, ele foi dormir mais cedo.

## A chegada de Rafaela

Júlio acordou disposto e, ansioso, esperou pela chegada da namorada. Depois do café da manhã, embora sabendo que ela iria chegar mais tarde, esperou-a, andou pela casa, abriu todas as janelas, foi ao quintal, colheu frutas, por vezes repassou o que seria feito no almoço, foi ao jardim.

Quando escutou barulho de carro, correu para o portão e seu coração disparou ao vê-la chegar. Abriu o portão, fechou e correu para abrir a porta do carro. Abraçaram-se.

— Que saudade! Fez boa viagem?

— Não me perdi, segui suas orientações e vim fácil — Rafaela sorriu.

— Venha, vamos entrar. Quer água? Depois pego sua mala.

Rafaela, também saudosa, estava contente por rever o namorado. Porém, bastou entrar na área para sentir algo estranho. Parou, olhou e Júlio a puxou.

— Venha conhecer a casa! Aqui é a sala...

Júlio, falando sem parar, não notou que Rafaela ficara séria e que era puxada por ele. Parou mesmo quando viu uma senhora à sua frente.

— Essa é Izilda — apresentou ele —, a pessoa de quem falei. É hóspede, estará aqui conosco.

As duas, frente a frente, se olharam e se encabularam. Após um breve instante, cumprimentaram-se.

“Meu Deus!”, pensou a antiga empregada, tentando disfarçar sua emoção. “Onde vi essa moça? Conheço-a! É parecida com alguém que conheci? Quem? Pai do Céu! Ela se parece com Ângela!”.

— *Ângela!* — Júlio escutou.

— Não, ela é Rafaela! — Júlio sussurrou.

— O que você disse? — perguntou Rafaela.

— Chamei você, querida, quero lhe mostrar a casa.

— Primeiro quero tomar água. Talvez um café — pediu a jovem.

— Venha por aqui — Júlio a puxou.

Ao entrarem na sala de jantar, Rafaela parou, o moço não conseguiu mais puxá-la. Foi então que ele percebeu que sua namorada estava assustada, branca, seus lábios tremiam.

— O que foi? Você está bem?

— Parece que já estive aqui — Rafaela respondeu, falando

compassadamente.

— Você já me escutou falar tanto desta casa que agora sente essa sensação de ter estado aqui.

— Não sei o que está acontecendo, devo ter ficado impressionada. Mas você não me falou tanto assim daqui.

Izilda trouxe um copo d'água. Ela tomou, respirou fundo e comentou, sem muita convicção:

— Foi um mal-estar passageiro, deve ter sido pela viagem. Já me sinto melhor!

Júlio, entusiasmado, pegou-a pela mão e foi lhe mostrando a casa. No quintal, Rafaela se sentiu melhor. Ela sempre gostou de árvores, e estar entre elas, sabendo-as serem frutíferas, melhorou seu ânimo.

— Nossa! Como o abacateiro é uma árvore alta! Que aroma gostoso tem esse pé de limão!

Passado o entusiasmo, Júlio prestou mais atenção na namorada.

— O que está acontecendo, amor?

— Não sei explicar, ao entrar na área senti algo inexplicável, parecia que conhecia, e bem, esta casa. Não gostei dessa sensação. Depois, senti algo estranho nesta propriedade.

— Deve ser fome. Vamos almoçar.

Júlio tinha organizado o almoço com comidas que Rafaela

gostava, porém ela se alimentou pouco e conversou menos ainda. O moço se preocupou.

— Vamos para a sala. Será que precisamos conversar?

Sentaram-se no sofá. Rafaela o empurrou para que ele não encostasse nela. O moço se inquietou.

— Rafaela querida, o que está acontecendo?

— Não sei explicar, estava tão contente por vir e ficar com você.

— Ufa! — Júlio a interrompeu. — Por um instante, pensei que não me queria mais.

Aproximou-se dela e foi novamente afastado.

— Júlio, a energia desta casa não é boa. Não sei o que tem aqui. Sinto-me observada e com interesse. Não estou gostando.

— Deve ser impressão ou cansaço da viagem. Afinal, veio sozinha dirigindo por estradas desconhecidas.

— Isso é verdade — concordou Rafaela —, mas não é isso. Tive uma impressão forte de que conhecia esta casa e de que aqui fui muito infeliz. Ao entrar na sala de jantar, tive uma visão de que era arrastada pelos cabelos para aquele espaço aberto. Realmente não estou bem.

— Quer descansar? Deitar-se um pouco?

— Não! — Rafaela respondeu apressadamente.

— *Parem! Deixem a moça em paz!* — Júlio escutou, e, após,

risos.

Não quis responder. Ouviu sua avó discutir e depois se aquietaram, não escutou mais nada. Júlio pegou a mão da namorada e a sentiu fria. Não sabia o que fazer.

— Querida, vamos pegar a sua mala e colocar as roupas no armário.

Rafaela se levantou e tentou se animar. Foram ao quarto e colocaram as roupas no armário. Júlio tentou abraçá-la.

— Não! — Rafaela o empurrou. — Júlio, tenho a sensação de que estamos sendo observados. Desculpe-me, não estou gostando daqui.

Júlio pegou a mão de sua namorada e a levou para o quintal.

Aproveitando que Rafaela estava olhando o pé de goiaba, para uma flor que logo se tornaria um fruto, Júlio a observou.

“Rafaela mede um metro e sessenta centímetros, é magra, de fato seus cabelos chamam atenção pela cor natural castanho-avermelhada e são muito lisos, estão compridos, quase na cintura; acho-os bonitos, mas não me importaria se ela os cortasse curtos, para mim continuaria bonita. O que sempre me chamou atenção nela são os olhos negros, redondos, parecem duas jabuticabas. Novamente jabuticabas. Quando a conheci, me interessei. Michel comentou: ‘Rafaela é bonita, mas é uma moça comum, acho Carolina mais bonita!’. ‘Questão de gosto’, concluí.

Para mim ela é linda, lindíssima, não consigo achar ninguém mais bonita do que ela. Às vezes, não entendo como poucos dias depois de conhecê-la, senti-me enamorado. Parece que sempre a amei.”

Rafaela olhava mesmo as florzinhas, mas pensou também:

“Amo Júlio, esperei tanto tempo por ele. Na adolescência, queria amar alguém do mesmo modo que minhas amigas, mas não conseguia. Cheguei a comentar que esperava alguém e minhas amigas riam e diziam que eu estava à espera de um príncipe encantado, mas que deveria tomar cuidado para não amar um sapo. Já estava quase desistindo de esperar por esse alguém quando vi Júlio. Observei-o de longe, ele conversava animado com um grupo de colegas de trabalho que foram à agência de turismo planejar uma viagem. Conversando com uma moça do grupo, perguntei sobre ele, se era solteiro, e ela me respondeu: ‘Solteiro e não está namorando!’. Corri ao banheiro, retoquei a maquiagem e fiz de tudo para ficar em sua frente. Júlio me viu, prestou atenção em mim. O grupo resolveu a viagem, foram embora e, minutos depois, ele voltou, dando a desculpa de que perdera uma caneta; me convidou para tomar um café, perguntou o horário que eu saía e se podia me esperar. Tomamos café, jantamos e começamos a namorar. Senti, depois do terceiro encontro, que Júlio era essa pessoa pela qual sempre

esperei, amei, amo. Não estou gostando daqui, mas não quero aborrecê-lo.”

Sentindo-se observada, olhou para o namorado e sorriu.

Entraram. Ela resolveu tomar banho, entrou no banheiro e saiu correndo em seguida.

— Júlio, não consegui tirar a roupa. Sinto alguém me olhando.

Rafaela chorou e o moço se apavorou.

— Meu bem, o que está acontecendo?

— Não sei. É esta casa. Desde que cheguei, não estou me sentindo bem.

Ficaram calados na sala vendo televisão. Jantaram em silêncio, voltaram à sala.

— Não vou tomar banho — decidiu Rafaela.

— Não! Você quer que eu fique no banheiro com você?

— Mais um para me observar? Não! — ela estava indignada.

Foram para o quarto, Júlio tentou novamente abraçá-la. Desta vez, ela o empurrou com força e ele caiu sentado na cama. Ele escutou risadas.

— Não quero que apague a luz. Durmo aqui e você aí.

Rafaela não se trocou, deitou-se com a roupa que estava, e Júlio, na outra cama, com a luz acesa, que foi apagada. O moço se levantou e a acendeu. Olhou para sua namorada e não

acreditava no que estava acontecendo.

— Júlio, fique olhando para mim. Estou com medo!

— Quer que eu deite perto de você?

— Não, é melhor ficar aí.

Dormiram pouco, Rafaela estava agitada, virou-se muito, conversou dormindo e acordou muito cedo. O rapaz, mesmo com sono, não dormiu. Esperara tanto por ela e não conseguira nem beijá-la. Preocupou-se.

— Vou ao banheiro, não irei fechar a porta. Espere aqui! — pediu a moça.

Quando foram tomar café, Júlio reparou que Rafaela estava abatida. Izilda também notou e não comentou.

— Vamos passear pelo jardim? — o proprietário da casa convidou a moça.

No jardim, Rafaela desabafou:

— Não gostei desta casa! O que se passa aqui? Tenho o direito de saber. Realmente tive a impressão de já ter estado aqui. Nesta vida é que não foi, tenho certeza. Nunca vim por estes lados. Vi um local parecido? Pode ser. Porém, não me lembro. Nunca tive dificuldades nesta vida. Senti que aqui fui infeliz, que sofri, tive uma forte impressão de que na sala de jantar fui arrastada pelos cabelos. Aconteceu algo comigo quando criança? Penso que não. Entretanto, a sensação que tive foi de que nessa visão eu era

adulta e vestia roupas diferentes. Sinto uma energia ruim perto de mim que quer me ver nua, tomando banho. Essa noite foi horrível, a pior noite da minha vida.

Por um instante os dois permaneceram calados.

“De fato”, concluiu Rafaela, “não posso reclamar da vida que tenho. Meus pais me amam muito, sempre fizeram tudo por mim. Nunca senti falta de nada, a não ser de um amor, mas, quando encontrei Júlio, tudo ficou muito bem. Nesta vida sou amada e até hoje meus pais fazem de tudo para me agradar. Posso sempre contar com eles. Moro sozinha desde que vim estudar na cidade maior, eles me sustentaram; quando me formei e passei a trabalhar, assumi meu próprio sustento”.

— Rafaela, não sei explicar... — Júlio, preocupado, tentou amenizar a situação.

Ele não sabia o que falar.

“Será”, pensou o moço, “que deveria contar para ela que tenho conversado com espíritos e que um grupo de desencarnados mora aqui? Isso a assustaria mais. Pior seria se falasse das ossadas. Se ela está impressionada, é melhor eu me calar”.

Tentou distraí-la, perguntou sobre seu trabalho. A jovem gostava demais do que fazia. Trabalhava numa agência de turismo. Ela se descontraíu, viu as plantas e conversou um

pouco mais. De repente, foram jogadas nela três flores e Júlio escutou:

— *Gostosa!*

Rafaela se assustou. Não comentaram sobre o ocorrido. Entraram, almoçaram e ficaram sem saber o que fazer.

— Michel deve vir amanhã para cá, passará o fim de semana conosco — informou Júlio.

Ficaram inquietos. Às quinze horas, a moça decidiu:

— Júlio, não fico mais aqui! Vou para a cidade! Não tenho nem coragem de tomar banho. Sinto-me observada, *eles* me olhando. Vou passar a noite no hotel. Você vem comigo?

— Não entendo essa sua impressão. Eu...

— Tudo bem! Vou para a cidade, durmo essa noite no hotel, amanhã venho cedo para cá para ver Michel. Se não passar essa impressão, volto para meu apartamento. Mesmo de férias, não fico aqui.

Rafaela, decidida, pegou algumas roupas, colocou-as na mala pequena, despediu-se de Izilda e entrou no carro. Júlio correu para abrir o portão para ela. Ao vê-la sair, aborreceu-se.

— E agora? — questionou a si mesmo.

Ao entrar na sala, Izilda o esperava.

— Julinho, penso que sua namorada é sensível, e esses engraçadinhos a assustaram.

O moço ficou sozinho na sala, sentou-se no sofá. Olhou pelo cômodo e viu, em cima da mesinha lateral, uma sacolinha de Rafaela.

“Ela esqueceu. Vou abrir, talvez ela precise de algo que está aqui dentro.”

Abriu: além da chave do apartamento, havia um livro. Júlio pegou, leu o título, era *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec. Embora os dois não conversassem sobre religião, ele sabia que a namorada frequentava um centro espírita. Já havia sido convidado para ir, mas se recusou. Ele estudava inglês nas noites de segunda e quinta-feira, e eram nesses dias que ela ia ao centro. Com delicadeza, como se tivesse pegando algo precioso, ele leu a primeira e a quarta capas. Abriu e leu:

“Será repreensível observar as imperfeições dos outros, quando disso não pode resultar nenhum proveito para eles, mesmo que não as divulguemos? Tudo depende da intenção. Certamente não é proibido ver o mal, quando o mal exista. Seria inconveniente ver por toda parte somente o bem: seria uma ilusão que prejudicaria o progresso. O erro está em direcionar tal observação em prejuízo do próximo, rebaixando-o sem necessidade perante a opinião pública. Seria ainda condenável fazer isso apenas para satisfazer a nós mesmos com um sentimento de malevolência e de alegria, ao verificar o defeito

dos outros. Ocorre o contrário quando, lançando um véu sobre o mal, ocultando-o do público, limitamo-nos a observá-lo para tirar dele lição pessoal, ou seja, para estudá-lo e evitar fazer o que repreendemos nos outros. Essa observação, aliás, não é útil ao moralista? Como descreveria ele os problemas da humanidade se não estudasse os modelos?”.[1]

— Interessante! Imperfeições! — sussurrou. — Devo pensar sobre isso e neste momento.

Guardou o livro e deixou a sacolinha no mesmo lugar.

“Vou atrás de Rafaela!”, decidiu.

Pagou o casal de empregados e procurou por Izilda.

— Você tem medo de ficar aqui sozinha? — perguntou Júlio.

— Não sei... Penso... A casa é tão grande! É por muitos dias?

— Izilda estava realmente indecisa.

— Não, é somente por essa noite. Rafaela foi para a cidade dizendo que dormiria no hotel, está impressionada com este lugar. Vou atrás dela. Ou a trago de volta ou fico lá com ela.

— Vá, sim, Julinho, fico bem com meu cordão.

— Você fecha a casa?

— Sim, farei isso — afirmou Izilda e tentou sorrir.

Júlio foi ao hotel, anunciado, Rafaela foi encontrá-lo no hall.

— Querida, ou você volta comigo ou fico com você — o moço estava decidido.

— Telefonei para Michel — contou ela, mudando de assunto —, ele estará aqui amanhã e vem acompanhado. Ainda bem que não é o Paul, terminou com ele e pelo que entendi está começando outro relacionamento com um colega de trabalho, os dois se conhecem há tempos e, pelo que me contou, Odair gosta muito dele. Passei pela cidade, não tem muito o que ver. Vamos jantar? Querido, vamos hoje ficar assim: fico aqui e você volta para a Toca. No hotel somente usam o mesmo quarto se forem casados e tem que apresentar documento. Não tem por que você ficar na cidade e dormirmos separados.

Júlio não tentou convencê-la, uma coisa tinha aprendido naquele relacionamento: quando Rafaela decidia algo, não mudava de ideia.

Jantaram e tentaram conversar sobre futilidades. Porém, no meio de uma conversa, ao fazerem uma pausa, Júlio contou:

— Pedi para ser mandado embora. Estou desempregado.

Temeu que a namorada fosse ficar aborrecida, porém ela somente comentou:

— Você não estava bem lá. Penso, Júlio, que você precisa trabalhar com algo que goste. Siga meu exemplo. Estudei, me formei e até tentei trabalhar na área dos meus estudos. Não gostei e tive coragem de ir atrás do que gostava. Voltei a estudar, me formei em turismo aos vinte e seis anos e há dois anos

trabalho na agência. Além de gostar muito do que faço, me realizo.

— Obrigado, querida! — Júlio se alegrou.

Ele a deixou no hotel e foi para a casa.

## Tio Hermes

Na Toca, Júlio viu que Izilda já tinha ido se deitar. Bateu na porta do quarto dela.

— Izilda, cheguei, vou dormir aqui.

— Tudo bem, Julinho. Se precisar de mim, me chame. Boa noite!

— Boa noite!

Foi para a sala e se sentou no sofá.

— Fantasmas de uma figa! — Júlio se exaltou. — Que absurdo! Eu os tratei com respeito. Não podem fazer isso com Rafaela, que é uma moça séria e de respeito. Estão quietos? Será que envergonhados?

— Eles não são de respeito nem têm vergonha!

Izilda foi à sala, dando um tremendo susto no moço. Depois do pulo que deu no sofá, ele riu, ela também, e escutaram risos.

— Júlio — explicou a senhora —, estava acordada e resolvi vir ver se de fato você estava bem. Nossa! Que susto lhe dei!

Desculpe-me! Esqueci meu cordão na mesinha de cabeceira. Quer que vá pegá-lo?

— Não precisa, é melhor que eles escutem.

— Rafaela — opinou a antiga empregada — é muito parecida com Ângela, a moça morta cuja ossada está enterrada perto do pé de jabuticaba. Os cabelos são idênticos, compridos e lisos.<sup>[1]</sup> Será que esse fato é explicado pela reencarnação? Dizem que voltamos, nossos espíritos, em corpos diferentes, e muitas vezes.

Júlio não respondeu, não sabia o que falar. Ele tinha visto a fotografia de Ângela e também notara a semelhança.

— Se você não precisa de nada, vou para meu quarto, acostumei-me no asilo a dormir cedo. Tchau.

— Boa noite! — desejou o novo proprietário da Toca.

— *Sinto muito, meu neto* — Júlio escutou —, *não consigo controlá-los.*

— Isso não se faz, vovó! — queixou-se o jovem. — Ficar nos espiando, querendo ver Rafaela tomar banho. Isso acontece? Espíritos desencarnados podem espiar os encarnados?

— *Existem lares onde não entramos, mas esta é a nossa morada. Vocês que não deveriam estar aqui. Espíritos discretos, educados, de boa índole, não fazem isso, não é do interesse deles ver a intimidade de ninguém. Mas os que não têm o que fazer interessam-se por isso. A*

*diversão desses três é ir a motéis.*

Um dos espíritos a interrompeu:

— *Já o aconselhei a vender esta casa! Sou Ludovico! O melhor é que aqui se torne uma pousada. Vamos nos divertir!*

— Tio Hermes, como permite que isso ocorra em sua casa? — Júlio estava indignado.

— *De fato, é minha casa, e sou eu que mando! Gosto de você, mas tenho hóspedes. Vá cuidar da sua vida!*

— Acha que tenho de ir embora? — perguntou o moço.

— *Faça o que for melhor para você* — respondeu Hermes.

— Não se importa que esta casa se torne uma pousada?

— *No começo não gostei da ideia, mas agora penso que pode ser interessante.*

— Titio, por favor, não perturbe Rafaela. Só porque ela é parecida com Ângela, a moça que matou e enterrou, irá importuná-la?

— *Não seja grosseiro me lembrando disso. Ela era uma traidora e eu a amava. Sei que não é a mesma pessoa, é uma coincidência. Ângela morreu e dela só sobraram ossos. Essa moça, sua namorada, está no corpo de carne.*

— Acredita em reencarnação? — Júlio perguntou.

— *Xavier pensa que, assim como muitas coisas que não acreditava eram verdade, a reencarnação pode existir. Se sua namorada for a*

*minha antiga, Ângela, é melhor que ela vá embora. Posso gostar dela de novo.*

Júlio se acomodou no sofá.

— Não sei o que fazer — lastimou mais para si —, todavia, tenho de resolver, e rápido, se vendo ou não a Toca. Se Rafaela não deseja ficar e quiser ir embora, resolvo umas pendências e me mando daqui. Vou pedir para ela me ajudar nessa decisão.

— *Pedir? Não seja frouxo! Os homens mandam nas mulheres!*

— Quem é você, machão?

— *Sou Ludovico! Vamos sair, Xavier e eu; esta noite promete movimento no bordel, temos compromisso. Hermes ficará aqui. Aproveite e converse com ele. Você nem parece ser sobrinho do nosso amigo. Tchau!*

— Tio Hermes, o que fizeram, e o senhor permitiu, com Rafaela, não se faz! A coitadinha ficou com medo! Se isso continuar, deverei me desfazer da propriedade, mas antes terei de fazer o que prometi.

— *As ossadas! O que importa para sua avó se seus ossos estão aqui ou acolá?*

— Prometi! — afirmou Júlio.

— *Você é idiota mesmo! “Prometeu”! Dá importância ao que prometeu? Garoto bobo!*

— O senhor não tem noção de honra, dignidade. Não gosta ou

não gostava dos parentes?

— Você — Júlio sentiu que Hermes estava sendo sincero ao responder —, talvez por ter ficado meses comigo, me seja simpático. Não gosto, nunca gostei de nenhum parente. Minhas irmãs foram muito chatas, certinhas.

— Estamos somente nós dois aqui agora? — Júlio quis saber.

— Ludovico e Xavier saíram, a amiga de sua avó foi para algum quarto desocupado, e minha mãe está aqui, sentou-se numa poltrona, disse que quer escutar nossa conversa. Que fique!

— Se não gosta de nós, por que nos deixou de herança a fazenda?

— Não gosto de repetir, mas, como não entendeu, vou novamente explicar: não queria que ficasse para o governo nem para o meu afilhado, porque, senão, teria morrido há muito tempo.

— Titio, como pode viver assim, sem família, sem afetos? — o moço estava indignado.

— Amigos são afins. Somos amigos nos bons momentos. De fato, não fui amado e penso: amei de verdade ou quis ter posse de alguém? Não sei responder. Meu pai era rude, sem educação, nunca senti afeto por parte dele. Mamãe talvez nos amasse, mas do modo dela, que não era nada maternal. Não pude ter filhos; talvez, se os tivesse tido, os teria amado. Descobri isso logo na adolescência. Meu pai temia que, pela doença que tive, ficasse impotente, porém era infértil. Foi devido a

*uma doença na infância. Meu pai me levou ao bordel e, aliviado, me disse: “Ainda bem que você não é impotente, eu o mataria se fosse homossexual. Não terá filhos. Pena! Porém, sabendo disso, não tem como ser enganado e criar filho que não é seu”.*

Hermes deu um longo e triste suspiro. Júlio escutou outro, de sua avó.

*— Lembrar não é fácil! — lastimou o antigo proprietário da casa. — Mamãe também se aborrece. Quando pequeno, achava que somente meu pai era o errado, o difícil, genioso etc. Mas, com o tempo, percebi que os dois pais eram ausentes, indiferentes, egoístas. Defendia mamãe, até que fui surrado por isso, e detestava meu pai. Uma vez saí de casa, mas, esquecendo algo, voltei e escutei barulho no quarto do casal; abri a porta e vi minha mãe, essa aí, a sua avó, com um empregado na cama. Pensa que ela se justificou? Não! Disse somente que, se não contasse nada, ganharia o relógio que há tempos queria. Prometi não contar. À noite, ao ficar a sós com papai na sala, perguntei a ele o que faria um homem se soubesse ser traído. Ele respondeu: “Mataria e, de preferência, esconderia o cadáver!”. “E se alguém vir uma irmã, uma pessoa da família traindo?”, quis saber. “Mata o cara!” Escutando isso, resolvi não falar nada, sobraria para mim por não ter matado o amante da minha mãe. Depois desse episódio, passei a gostar menos ainda dos meus pais. Pensava em ir embora quando papai faleceu. Senti-me importante, era agora o homem da casa.*

*Mamãe propôs dividir a fazenda entre mim e ela. Ludovico, que já era meu amigo, fez a falcatrua para nós, porém cobrou. Resolvi aproveitar a vida sem me importar com a família. Minhas irmãs, não gostava delas, que vivessem como quisessem, estavam morando mesmo em outra cidade. Que mamãe tivesse seus amantes, pelo menos agora não traía ninguém. Vi Ângela, já a conhecia, não havia ainda reparado nela, era criança, mas dessa vez foi diferente, estava mocinha, era linda. Cortejei-a, ela não me deu atenção, aumentando meu interesse. Ângela!*

Hermes fez uma pausa, suspirou e retomou em seguida a narrativa:

*— Foi então que o pai dela adoeceu. Visitei-o, na verdade queria ver Ângela. Todos na casa tentaram ser agradáveis comigo, o patrão. Dei flores a ela, presentes, e ela aceitou passear comigo, fomos à missa, à praça. Não era de esperar muito e propus a ela que viesse morar comigo e que, se desse certo, nos casaríamos. Ela não me respondeu, pediu para pensar. Três dias depois, fui à casa dela e pedi para falar com o pai. Dei um ultimato: ou Ângela ia morar comigo ou eu os expulsava da fazenda, e ele, doente, que se virasse na cidade. Ângela aceitou. Veio para cá. Eu a amei. Foi a única mulher que amei. Tentei fazê-la feliz. Dei tudo o que ela queria e que achava que ia gostar. Pensava em me casar, quando um empregado me contou que Ângela ia à tarde para o fundo do quintal e se encontrava com um moço. Fui*

*conversar com ela. Tentei ficar calmo. Ela me confirmou.*

Novamente, outra pausa, Júlio teve a sensação de que Hermes enxugava algumas lágrimas.

— *Ela me disse que sempre amara Marcelino, um moço que morava na cidade, estudaram juntos; que na época em que resolvera vir morar comigo, eles tinham brigado e que ela viera morar comigo para proteger a família. Gostava daqui, de mim, mas amava o namoradinho da escola e me pediu, por piedade, para deixá-la ir embora. Falei que ia pensar. Realmente pensei. Lembrei-me de meu pai: na traição, mata-se e se esconde o cadáver, e faça bem-feito. Mamãe, nas noites de sábado, saía, e Izilda, a única empregada que naquele momento morava na casa, também saía. Escrevi um bilhete para Marcelino imitando a letra de Ângela, sempre fiz isso muito bem, imitar letras das pessoas, marcando um encontro com ele no quintal, na noite de sábado, às vinte e uma horas. No bilhete escrevi que eu (Hermes) ia sair. Ângela, ingênua, me contou que, para marcar encontros, colocava bilhetes num pau oco da cerca no quintal e que Marcelino passava ali duas vezes por semana. Deixei o bilhete no local. Era quinta-feira e a vigiei naquela tarde, na sexta-feira e no sábado. Não a deixei sozinha. No sábado, quando mamãe e Izilda saíram, deixei Ângela no quarto, fui ao jardim de inverno e fiz dois buracos fundos. Às vinte horas, peguei um revólver e, calmamente, como se estivesse lendo uma revista, escutando uma música, fui ao quarto e disse somente: “Venha,*

*Ângela, vou enterrá-la!”. “O quê?!”*, ela se apavorou. Peguei-a pelo braço e a forcei a ir à sala de jantar. Lá, ela esperneou e gritou, rogando não matá-la. Peguei-a pelos cabelos e a levei à vala; lá dei dois tiros no seu peito e a joguei no buraco. Ainda faltavam alguns minutos para o horário do encontro. Fui ao quarto, peguei umas roupas de Ângela e as joguei em cima dela. Tinha tudo planejado. Fui, minutos antes das vinte e uma horas, para o fundo do quintal e esperei. Vi um vulto aproximar, fiz barulho e escutei: “Ângela, é você, meu amor?”. Saí de trás de uma árvore, acendi a lanterna, ele me viu e se apavorou, mas permaneceu parado. Respondi: “Sou Hermes. Você é o Marcelino?”. “Sim, sou!” “Venha comigo”, falei. “Ângela me contou que vocês têm se encontrado, precisamos conversar. Vamos entrar. Nós três acertaremos a situação. Se vocês se amam, não me importo de deixá-los ir em paz. Vamos conversar.”

Júlio estremeceu. Até então estava atento escutando a história de vida do seu tio, mas, ao falar do encontro com Marcelino, se viu ali no canto do quintal, ansioso para rever a amada. Ele tinha certeza de que estava agindo errado, mas não tinha como, naquele momento, agir de outro modo, Ângela lhe prometera pegar dinheiro de Hermes para fugirem. Não sabia se acreditava ou não no que o dono da casa dizia e não sabia o que fazer, mas o acompanhou. Entrou na lavanderia, passou pela cozinha e pararam na sala de jantar.

— *Menti para Marcelino* — Júlio ouviu Hermes retornar a narrativa. — *Senti que ele estava desconfiado, mas me acompanhou. Na sala de jantar, rindo, convidei-o: “Venha, Marcelino, comigo até o jardim de inverno; Ângela virá nos encontrar”.* Eu o fiz andar na frente. Ao ver os buracos, ele parou, empurrei-o com força e falei: “Não disse que Ângela nos esperava? Olhe aí! Sua amada está lhe esperando!”. *Lembro-me ainda da expressão de susto dele ao olhar o buraco e vê-la ensanguentada. Não esperei que se recuperasse e atirei duas vezes no peito dele. Marcelino caiu, mas não na cova, tive de puxá-lo pelos pés. Friamente, joguei terra e fiz de tudo para não deixar pistas. Naquele local, no jardim, o jardineiro havia, na semana anterior, plantado umas folhagens. Coloquei a terra, replantei as mudas e depois, com atenção, verifiquei se tudo estava como antes. Tirei as botas sujas de terra e as levei para o cômodo do fundo, onde sempre ficaram. Fechei a porta do jardim, troquei de roupa e rapidamente fui ao encontro de Ludovico e Xavier e pedi a eles que, se lhes perguntassem sobre mim, deveriam afirmar que eu estivera com eles desde as vinte horas. Eles não quiseram nem saber o porquê, calcularam que estava com alguma mulher mas não foi preciso mentir, ninguém perguntou.*

Júlio escutava atento, suava, estava atônito, sentiu como se caminhasse pelo quintal, entrasse na casa, com um moço ao seu lado. Depois o pavor de ver a moça ensanguentada dentro do

buraco, o ardor no peito, e ser jogado na cova, receber a terra sobre o corpo e desmaiar. Começou a tremer, ficou arrepiado e não conseguiu mais falar. Hermes não percebeu, porque continuou a contar:

— *Cheguei tarde, levantei-me no horário de costume, tomei o café da manhã, mamãe perguntou por Ângela e respondi que ela fora para a casa de seus pais e que tinha aproveitado para sair com amigos. Esforcei-me para ficar tranquilo e, à tarde, comentei: “Ângela está demorando a voltar, vou buscá-la!”. Aparentando calma, fui à casa dos pais dela e, após cumprimentos, informei: “Vim buscar Ângela!”. Eles não sabiam o que falar; após uns instantes, o pai respondeu que a filha não estava ali, que não a tinham visto. Fiquei bravo, falei que Ângela saíra de casa sábado à tarde dizendo que iria visitá-los. Conclusão: Ângela sumira, e o fato se espalhou, assim como a notícia de que Marcelino também desaparecera. Eu fui o primeiro a comentar que os dois fugiram. Senti-me satisfeito, fui traído, os matei e ninguém descobriu.*

A sala ficou silenciosa por alguns segundos, Júlio se recompôs e quis saber.

— A senhora, vovó, sabia disso?

— *Ela não tem por que se intrometer na minha história de vida* — reclamou Hermes.

— *Desconfiei* — Justina respondeu, sem dar importância à

reclamação do filho —, mas não tive como saber o que acontecera com os dois jovens. Preferi pensar que Ângela tinha fugido. Depois, conhecendo Hermes, imaginei que ele os matara e que sumira com os corpos. Porém, infelizmente, não dei importância, nem ao sofrimento das famílias, que esperavam receber notícias deles e não receberam.

— Titio, o senhor não se arrependeu?

— Arrependi-me! Quando descobri a traição, fiquei irado, quis me vingar. Fiz e achei que foi bem-feito, porém meu amor por Ângela não passou. Sofri. Concluí que deveria ter viajado com ela ou ter feito uma armadilha para Marcelino, fazendo parecer que ele a traía, levá-lo para longe, com uma oferta de emprego ou algo assim, e matá-lo. Se tivesse feito isso, Ângela teria se desiludido com ele, ficado comigo e viria a me amar. Queria mesmo ter ficado com ela!

Hermes deu um longo suspiro.

— Vamos, Hermes, filho ingrato, matricida, conte o que fez comigo

— Júlio escutou de sua avó Justina.

— Passei minhas irmãs para trás, lesei-as, ou seja, fiquei com a parte da herança delas. Não me arrependo. Não seria nada, ninguém, se tivesse dividido a fazenda. Tive muitas mulheres, cansava-me delas porque não as amava.

— Izilda, o que ela foi para o senhor? — perguntou o moço.

— Uma empregada, somente uma servidora.

— Meu Deus! Ela trabalhou tantos anos aqui, não merecia

consideração?

— *Criticar o que o outro faz de errado é fácil, queria ver mesmo o que os palpiteiros fariam no meu lugar. Trabalhou, sim, porém sempre teve teto, alimentos, recebeu ordenado, não o fez de graça. Estávamos doentes, ela e eu, e idosos, achei que o asilo era o melhor lugar para ela. Não sabia nem o que fazer comigo; se não tivesse morrido, talvez fosse também para lá. Izilda era bonita quando jovem. Sabia que meu pai estava interessado nela. Gostei de competir com ele e ganhar, tê-la como amante. Se para ela estava bom, para mim também. Izilda teve muitos envolvimento amorosos. Para mim, ela vivia bem no asilo. Fiz o certo. Calma, mamãe, vou contar. Que coisa! Mamãe quer saber o que aconteceu. Ela sabe somente parte do ocorrido. Não conversamos ainda. Depois que assassinei Ângela e Marcelino, me tornei pior, sentia falta dela, saudades, não conseguia me interessar por nenhuma mulher, esse foi o meu castigo. Nunca falei disso a ninguém. Mamãe e eu, vivendo nesta casa, discordávamos no dia a dia, porém nada que incomodasse, até que ela se envolveu com aquele homem que era interesseiro e mais novo. Pensei em me livrar dele, porém, conhecendo minha mãe, sabia que ela arrumaria outro em seguida, e talvez pior. Fiquei muito preocupado com os gastos, ela estava dando muito dinheiro ao amante. Numa briga, ela saiu dizendo que ia morrer, se matar. Preocupe-me, ordenei a todos os empregados que a procurassem, trouxeram-na de volta. Pensei muito na possibilidade de*

*ela falecer e concluí que, se mamãe morresse, a parte dela na fazenda seria dividida em três. Não queria que isso ocorresse, não era justo, era eu quem trabalhava, cuidava de tudo, somente me distraía com mulheres e algumas festas com amigos. Então planejei...*

Silenciaram por um instante, depois Hermes, com voz pausada, continuou sua narrativa:

— *Parei de implicar com mamãe, não brigamos mais. Ludovico novamente me ajudou. Como já falei, imitava letras, falsificava bem assinaturas e fizemos uma escritura, como se dona Justina tivesse vendido a parte dela da fazenda para ele. Com tudo certo, pensei e planejei matar mamãe. Ela não queria morrer? Ela falava muito em se suicidar. Se ela queria morrer, por que não facilitar? Organizei tudo. Como deu certo enterrar os cadáveres no jardim de inverno, decidi fazer novamente. Com tudo planejado, eu a matei e a enterrei, foi fácil. Ela não dizia que ia se suicidar? Todos pensaram que ela se jogara no rio. A fazenda ficou só para mim. Continuei vivendo.*

— Tio Hermes, o senhor não sentiu remorso? — Júlio estava indignado.

— *Não! Temi somente ser desmascarado, que meu ato fosse descoberto. O tempo passou e não achei as joias. Realmente não gostava de lembrar dos três crimes, então não pensava. Ficar velho não é agradável, ainda mais depois que meus dois amigos faleceram. Morri assim: estava sonhando com minha mãe e, no sonho, ela estava me*

*acusando. Agora entendo que mamãe e sua amiga estavam no meu quarto, e ela tentava conversar comigo. Acordei apavorado e a vi com essa cara de mãe brava e sentida. Com dois sustos seguidos, levantei-me, apoiei-me na peseira da cama, senti-me mal, uma dor terrível no peito, estava sozinho e não tinha ninguém para me ajudar. Em seguida, caí, bati a cabeça e tentei lutar com a minha mãe, que se apavorou e se aproximou para tentar ver o que estava acontecendo comigo. “Morreu!”, escutei e ali fiquei, no chão, com frio, sentindo dores e o pior: não sabia quando e como seria socorrido. Vi, com esperança, meu afilhado, e depois eu ser levado, arrumado e colocado no caixão. Xavier e Ludovico ficaram ao meu lado, esforçaram-se para retirar meu espírito do corpo morto. Quando conseguiram, me trouxeram para cá. Foi isso o que aconteceu.*

*— Foi muita maldade você me matar — Júlio escutou sua avó lastimar. — Mesmo não tendo pedido perdão, eu o perdoo. Iria embora deste lugar se tivesse outro para ir. Fez-me bem escutá-lo; somos, ou fui, parecida com você. Com certeza, não faria o que fiz de novo. Se voltasse no tempo, teria sido uma mãe e uma pessoa melhor.*

*— Pare de choramingar — pelo tom de voz, Hermes ordenou —, vamos tentar viver do melhor modo possível. Cansei-me, esta conversa me fadigou, vou dormir, mas antes me responda: gostou, meu sobrinho, do que escutou?*

*— Não, não gostei. Nunca antes tinha conversado com um*

criminoso, assassino. Não imaginei que fosse possível falar de forma tão fria sobre algo tão grave como tirar alguém da vida física. Sinto pelo senhor, com certeza esses atos lhe serão cobrados. É um egoísta!

— *Você se torna chato quando tenta dar lição de moral. Quem você é? Por acaso foi, era, o Marcelino? Você é um intruso. Cuide de sua vida. Egoísta? O que é um egoísta para você? Para mim, ser egoísta é amar e querer o melhor para si, então o adjetivo está correto.*

— Uma pessoa é egoísta — Júlio, após pensar melhor por um breve momento, deduziu — quando trata somente de seus interesses, nutre um sentimento exagerado por si mesmo, pelo que julga ser, sem se importar com os outros. O senhor não deu importância aos pais, às pessoas que o cercavam, à Ângela e nem mesmo à Izilda. Responda: quem o ama?

— *Não apele! Não quis ser amado!*

— Não mesmo? — Júlio duvidou.

— *Você até gostou de mim e, pela preocupação, talvez ainda goste. Não posso afirmar que sejam realmente amigos, mas Xavier e Ludovico estão comigo. Aceito o que você pensa sobre mim: que sou egoísta. Porém, não julgo ser defeito, por isso não me importo. Boa noite, moleque! Vá dormir e sozinho!*

Júlio sentiu o tio se afastar e sua avó se aproximar.

— *O melhor, meu neto, é você ir embora. Não precisa cumprir o que*

*me prometeu. Minhas antigas joias são suas. Eu as dou para você. Hermes tem razão, não me fará diferença se meus ossos estiverem aqui ou no cemitério. Vou fazer companhia a Nelinha. Escutar Hermes foi bom, compreendi que tentamos sempre nos justificar pelos atos que cometemos. Ele se justificou: se eu queria morrer, por que não me matar? Não queria morrer, mas falava que sim. Tudo já passou, e há muito tempo. Não se conserta o passado. Vá dormir, é tarde. Boa noite!*

Júlio sentiu sua avó se afastar. Continuou sentado.

“Meu Deus! Que mistério! Por que senti que eu era Marcelino? Foi forte a impressão de que fui jogado, com muitas dores no peito, no buraco, senti cair terra sobre mim; depois, em pé no canteiro, senti frio, mas não tinha ferimentos nem estava sujo de terra ou de sangue. Levantei-me e fiquei ali parado: sofria, não conseguia sair daquele lugar. Era essa a visão que eu tinha! Meu Deus! Era realmente a visão! Eu, em outra vida, assassinado, próximo ao meu cadáver. Alguém me tirou dali dizendo que seria levado para outro lugar. Não me lembro de mais nada, devo ter sido ajudado.”

Júlio chorou, a visão do moço em frente à jabuticabeira, triste, sofrido, veio forte à mente. Naquele momento, sentia estar ali, no jardim de inverno, sem entender o que acontecera, se tinha ou não morrido e sem conseguir sair.<sup>[2]</sup>

Enxugou o rosto, levantou-se cansado, foi para o quarto, trocou-se, deitou-se, e a visão do moço triste, parado, em frente à sua árvore, continuou.

“Se fui eu, não posso agora ter rancor, mágoa, isso passou. Foi algo que aconteceu. Como mamãe dizia: ‘Filho, o que recebemos de ruim passa, o mais difícil de passar ocorre quando fomos nós que fizemos o mal’. Sinto que eu perdoei e, se perdoei, não posso agora me sentir ofendido somente porque estou me recordando.<sup>[3]</sup> Vou orar e dormir.”

De fato, Júlio adormeceu.

## Na noite de sábado

Júlio esperou pela namorada assim que terminou seu desjejum. Andou pela casa e decidiu se sentar numa cadeira na área, o famoso alpendre. Quando viu o carro dela na estrada, correu para abrir o portão. Depois do abraço, ela informou:

— Estou mais forte! Decidi não me importar com eles nem com as sensações que senti na casa, todavia, não quero que me espiem...

Tirou sua mala do carro.

— Deixei o hotel, vou dormir aqui, ou tentar — a moça sorriu, estava decidida.

Júlio escutou risos.

Depois de recolocar as roupas no armário, foram à cozinha e tomaram café.

— Sinto-me bem quando estou perto de você, Izilda! — exclamou Rafaela. — Júlio, vou ajudá-la na cozinha. Farei a sobremesa, aquele doce que Michel gosta.

Júlio voltou à área; por duas vezes se levantou e foi à cozinha espiá-las. Atarefadas, faziam os pratos do almoço. Ao escutar uma buzina, ele correu para abrir o portão. Michel, após o abraço, apresentou:

— Esse é Odair! Veio comigo!

Júlio gostou do acompanhante do irmão. Cumprimentou-os alegre, lhes dando as boas-vindas. Conversando animados, foram almoçar. Depois, Michel sugeriu:

— Vamos passear? Ver o rio? Lembro-me vagamente que fui lá uma vez quando mamãe me trouxe aqui. Vocês já foram lá?

— Ainda não — respondeu Júlio.

“Não senti interesse em ir ver o rio. Nem me lembrei dele.”

Convidaram Izilda, que preferiu não ir. Os quatro, conversando alegres, foram caminhando. Andando uns cem metros, chegaram a uma estrada calçada com pedras, com espaço para o pedestre caminhar. Descontraídos, foram andando e logo viram umas casas e o rio, que ali, naquele local, fazia uma curva.

— O rio — explicou Júlio — faz muitas curvas; aqui é uma delas, que se aproxima, por esse motivo, da cidade; logo mais à frente, ele se distancia e segue calmamente seu curso.

Na margem havia casas, uma pousada, dois bares e um restaurante. Tudo simples.

Andaram pela margem olhando alguns barcos e canoas.

— Pescadores moram aqui. No rio, há muitos peixes, foi o que me informaram — Júlio continuou explicando sobre o local.

— Vamos tomar um suco — convidou Rafaela. — Caminhamos muito e tem a volta.

A conversa girou novamente sobre o lugar.

“Não é bonito”, pensou Júlio. “As casas são simples, talvez os moradores vivam com dificuldades.”

— O que vejo agora — contou Michel — é diferente do que me lembrava. Talvez por ser, naquela época, pequeno, via tudo maior. Na minha lembrança, aqui era mais bonito. Depois, lembrei-me de que vovó Justina morreu nesse lugar.

Tomaram os sucos e voltaram, não mais entusiasmados. Tinham esquecido de calcular a distância e se cansaram.

Quando chegaram a casa, Michel quis ver o quintal, o jardim, os outros cômodos. Rafaela ajudou Izilda, fizeram lanches para o jantar. Ficaram, após, na sala conversando; depois resolveram ir para os quartos. Michel e Odair dormiriam no mesmo aposento.

Rafaela novamente não se trocou e deitou-se na cama, Júlio não insistiu nem a beijou. Acendeu um abajur, para o quarto não ficar escuro, e se deitou. Escutaram um barulho. A jovem levantou-se.

— É no quarto de Michel! — ela se assustou.

— São objetos caindo, algo se quebrou. Será que devo ir lá? — Júlio realmente não sabia o que fazer.

— Não sei...

Mais barulhos. Júlio levantou-se, ia abrir a porta, quando escutou o irmão.

— Júlio! Venha aqui, por favor!

Rapidamente ele saiu de seu quarto e abriu a porta do dormitório onde o irmão estava. Encontrou os dois apavorados.

— Não sei o que está acontecendo. Esta casa é mesmo assombrada? — Michel estava pálido e tremia.

Rafaela, que veio atrás do namorado, determinou:

— Vamos para a sala! É melhor ficarmos lá.

— Vou trocar de roupa — disse Odair, concordando.

— Vamos pegar cobertores, travesseiros e vamos passar a noite na sala, juntos — Rafaela decidiu o que os quatro deveriam fazer.

Ela e Michel saíram do quarto, Júlio se virou para Odair se trocar, escutaram risos. O dono da casa se exaltou e pensou, para ser escutado pelos desencarnados:

“Que falta de educação! A casa pode ser ocupada por vocês, mas agora ela é minha. Não se trata os hóspedes dessa maneira! Fantasmas insolentes, grosseiros!”

— São... — Júlio escutou uns termos ofensivos.

“O que vocês têm com isso? Os meus convidados são pessoas honestas e não assassinos ou ladrões.”

— *Não apele!*

— Pronto, Júlio, vamos à sala — Odair estava encabulado.

Acomodaram-se, Júlio e Rafaela, no sofá; Michel, numa poltrona; e Odair, na outra.

— Michel, não é melhor irmos embora? — Odair ainda estava assustado. — Será que é perigoso viajarmos à noite?

— É imprudente — opinou o dono da casa. — Vocês não conhecem a estrada, viajar durante o dia é diferente da noite. Até chegar na cidade maior, além de a estrada não ser boa, deve ser deserta. É perigoso!

— Você, Michel, não me contou que o lugar era assombrado — queixou-se Odair.

— Não contei porque não sabia — defendeu-se Michel. — Tinha escutado comentários, mas perguntei ao Júlio, que afirmou que não era.

— O que aconteceu? — Rafaela quis saber.

— Entramos no quarto, a luz se apagou — contou Odair. — Até aí, tudo bem. Mau contato, pensei. Nós a acendemos novamente; a jarra d'água caiu sozinha de cima da mesinha de cabeceira, um chinelo foi bater na parede, e eu que estava de pé, senti-me empurrado e caí sentado na cama. Desculpe-nos se

gritamos.

— É que... — Júlio não conseguiu explicar.

— Esta casa tem alguns moradores do Além — Rafaela interferiu. — Eles têm me espiado, não gosto. Na noite passada, fui dormir no hotel.

— Eu nunca tinha visto algo assim — queixou-se Odair.

— Não é um fato comum — Rafaela tentou elucidar. — Os desencarnados que estão nesta casa devem saber como materializar objetos ou manipulá-los. Gostam de assustar.

— Conseguiram — lamentou-se Michel. — Desculpe-me, Odair. Ao convidá-lo, pensei em passar um fim de semana diferente para que você conhecesse meu irmão e minha cunhada. Não sabia, nem imaginava, que isso era possível.

— Muitos desencarnados, espíritos, vagam entre nós, os encarnados — Rafaela, falando devagar, escolhia as palavras para explicar. — Eles não entram em lares estruturados, onde as pessoas que lá moram costumam orar, fazer o bem. Penso que aqui seja a morada deles, e, com certeza, acham que nós que somos os intrusos. Vamos conversar, ficar aqui nós quatro. Amanhã resolveremos o que fazer.

— Você, Rafaela, parece entender desses fenômenos. Não quer nos esclarecer? — pediu Michel.

— Não entendo tanto assim, mas vou entender, estudar,

prometi a mim mesma depois do que vi e senti nesta casa. Desde pequena... Vocês querem mesmo me escutar?

— Por favor — pediu Odair. — Já que vamos passar a noite aqui, é melhor conversar. Depois, estou interessado. O que vi e ouvi no quarto é algo para ser pesquisado e compreendido. Meu avô paterno era espírita, infelizmente não convivi com ele. Não sigo nenhuma religião, porque tenho trauma. Ao ir a uma igreja, templo, sinto-me olhado e sempre alguém comenta ou cochicha: “Olha! Ele é homossexual e vem orar!”. Minha mãe dizia isso, que eu era uma aberração e que não deveria orar, minha avó completava que Deus deveria se ofender com minhas orações.

— Isso é preconceito! — Júlio, acostumado a defender o irmão, expressou-se enérgico. — Que coisa! Hipócritas são os que pensam assim! Por acaso eles não erram? Atirariam uma pedra se Jesus perguntasse a eles? Ficariam quietos e envergonhados, porque o preconceito é um grave erro. É por isso que tem trauma?

— Ele não teve um irmão como você, Júlio, e nem uma mãe como a nossa — interferiu Michel.

Ficaram calados por um breve momento, e Júlio insistiu:

— Fale de você, Odair. Gostaria de conhecê-lo melhor.

— Ele é meu chefe — Michel informou. — Trabalhamos em áreas diferentes. Odair é o vice-presidente da empresa. Não

havia reparado que ele estava interessado em mim.

— “Interessado” não! Amo-o há tempos — interrompeu Odair.

— Espero que sejam felizes juntos — desejou Júlio.

— Odair é competente, honesto, trabalhador, fala cinco idiomas, é respeitado na empresa — elogiou Michel, que estava, apesar dos últimos acontecimentos, empolgado.

Os três olharam para Odair, esperando que falasse. Ele tentou sorrir e contou:

— Quando menino, talvez com oito anos, senti ser diferente. Meus pais não aceitaram, e recebi muitas surras e castigos. Penso que, para compensar, estudava muito. Na adolescência, não conseguia esconder meu modo de ser, tinha poucos amigos, parentes palpitavam sobre o que meus pais deveriam fazer comigo, ninguém me aceitava, compreendia, era ridicularizado e ofendido. Saí de casa, fui para longe. Aos dezessete anos, escolhi uma universidade numa cidade grande para estudar, passei em várias. Meus pais me mandavam dinheiro; penso que, para eles, foi um alívio eu ficar longe e não mais envergonhá-los. Comecei a trabalhar e informei que não precisavam mais me sustentar. Fui, nesses anos todos, duas vezes visitá-los, e eles nunca vieram me ver. Fui quando vovó faleceu e num Natal; então tentei, esforcei-me, para não demonstrar o que sou para não

encabulá-los. Deu certo, porém foi algo forçado; o que não é espontâneo não é agradável. Tenho um irmão e uma irmã casados e com filhos. Conheço meus sobrinhos por fotos.

— Você não é religioso? — Júlio quis entender.

— Como contei, sempre que ia a um local orar, sentia-me discriminado. Uma vez escutei: “Peca e vem orar!”. Naquele tempo, nem tinha companheiro. Fiz terapia, até tratamento com remédios. Depois resolvi orar em casa, fazer caridades e minha vida mudou.

— Odair — interrompeu Michel — faz parte de um grupo que visita hospitais alegrando doentes. Ele vai às terças e quintas-feiras à noite, sábado pela manhã e domingo; veste-se de palhaço. Na próxima semana, irei com ele, aprenderei e logo serei um palhaço.

— Isso é maravilhoso! — Júlio se manifestou com entusiasmo. — Conte-nos mais sobre esse trabalho voluntário.

— O grupo tem cinquenta pessoas, porém somos trinta os mais constantes. Somos palhaços, fadas e animais. Nossas despesas não são muitas. Compramos balões e brinquedos. Separo todo mês uma quantia para comprar roupas e brinquedos para as crianças enfermas. Alegramos também as que estão em quartos com mais conforto, são as que têm pais com melhores condições financeiras; damos balões e alegria a essas crianças.

Gosto do que faço. A alegria delas me harmoniza.

“Estão escutando, valentões machistas? Quem de vocês aí já fez algo parecido?”

Júlio pensou e sentiu os cinco desencarnados quietos. Eles estavam ali na sala, escutando.

— Odair — falou Rafaela —, convido você, Michel e novamente Júlio para irem ao centro espírita que frequento. Lá, todos são aceitos. É bom participar de um grupo que tem como objetivo a caridade e não somente a material, mas a espiritual. Serão bem-vindos!

— Você é de família espírita? — Odair quis saber, estava interessado no assunto.

— Não, minha família segue outra religião. Porém eu, desde pequena, sinto os desencarnados. Aprendi a sentir suas energias e, por elas, saber se são boas ou não. Esse fato me incomodava, então procurei por ajuda e me acostumei, porém, ao chegar aqui, não me senti bem. Quando fiz dezenove anos, interessei-me pelo assunto, queria entender. Conhecia um senhor muito bondoso, que fazia muitas caridades, e que era espírita. Pela religião que seguia, a que eu professava, ele estava errado. Indaguei-me: “Como pode uma pessoa ser assim tão boa e, pela religião, não ir para o céu? E a minha tia, tão maledicente que às vezes agia com maldade, ir para o céu somente pela religião?”.

Fiquei dias pensando nisso. Um tio inteligente, que não tinha escolaridade, porém era estudioso e curioso, me explicou: “Rafinha, você já pensou no que é o Universo? Nas galáxias e nas quantidade de estrelas? E que em muitas dessas há planetas e quantos são habitados? Com toda certeza, não entendemos o que é Deus”. “O que é Deus para o senhor, titio?”, quis saber. Ele me respondeu: “Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”. Só mais tarde, estudando a Doutrina Espírita, vim a saber que esta resposta é a primeira de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec. Esse meu tio também me explicou que, se Deus quisesse que o nosso planeta Terra tivesse uma religião somente, não precisaria dos homens para isso, Ele mesmo faria. “Se Deus permite, nós, os habitantes da Terra, não temos por que querer modificar. Ser bom que é o importante!”. Senti-me aliviada compreendendo isso. Resolvi visitar templos, igrejas, locais de encontros religiosos, conversei com muitas pessoas de credos diferentes; feliz, concluí que a religião é boa para alguém quando ela o faz bem, o torna um ser melhor. Todas as religiões tentam fazer isso, porém, infelizmente, existem pessoas que usam delas para algo particular: enriquecer, promover-se etc. Foi no espiritismo que me encontrei e que, de forma racional, respondeu às minhas indagações. Muitas religiões, principalmente as orientais, acreditam na reencarnação. A

Doutrina Espírita explica bem esse fato. Foi, para mim, maravilhoso ter esse conhecimento. Somos espíritos que, quando vestem um corpo físico, estão encarnados e, quando este corpo, pelos muitos motivos, morre, continuam vivendo, estamos então desencarnados. Como esse entendimento me fez bem! Penso que, se eu continuasse com tantas indagações sem respostas, iria me tornar atea por não conseguir compreender as diferenças existentes entre os seres humanos. Não me conformava por que algumas pessoas são inteligentes e outras têm dificuldade até para aprender o básico, ler e escrever. Por quê? Essa indagação me incomodava, pois eu não encontrava uma resposta coerente. Ao entender que reencarnamos, compreendi Deus e passei então a acreditar Nele.

— Como entender essa diferença, do porquê uns serem inteligentes e outros não? — perguntou Odair.

— Desenvolvemos nossa inteligência pelo trabalho e estudo — respondeu Rafaela, tentando explicar. — Ela se expande através das diversas reencarnações, das nossas voltas ao Plano Físico, e também quando aproveitamos as oportunidades de aprender e trabalhar no Plano Espiritual. Os ociosos, que ficam inertes, não desenvolvem essa capacidade, não evoluem. Recebi, com esse conhecimento, uma graça: entender que a vida é sempre movimento e que podemos estudar sempre. Nada de

ociosidade!

Os três prestaram muita atenção na elucidação de Rafaela, ficaram calados por segundos e meditaram sobre o que escutaram. Foi Odair quem quebrou o silêncio:

— Só assim, pela reencarnação, poderei entender por que nasci homossexual. Quantas vezes, chorando, indagava sobre o porquê. Escutei algumas explicações sem lógica, como “Foram seus pais que pecaram”. Não concordava. Por que eu sofria por eles? Eu era a causa. E o que eles fizeram de tão grave? São pessoas simples e honestas. Pensava: “Deus me fez assim num dia de mau humor. Não deu certo, e Ele não foi capaz de reconhecer seu erro?”. Revoltei-me; depois, quando me aceitei, não questionei mais, porém fiquei sem entender. Escutando-a, começo a compreender, vou me aprofundar no assunto. Será que, em alguma de minhas vivências na carne, fui preconceituoso? Estou tendo nessa encarnação oportunidade de aprender a não ser mais?

“Escutem aí, machões preconceituosos!”, Júlio pensou. Quis que os cinco desencarnados, principalmente os três, escutassem. “Aprendam para não precisarem ter esse conhecimento pela dor.”

— *Nem morto quero ser homossexual!* — Júlio escutou do tio.

“Se não aprendemos por bem, aprendemos na pele. Cuidado

com o que fazem”, Júlio tentou aconselhar os três.

— *Está bem, não viremos mais assustá-los. Ficaremos somente escutando.*

Odair, após uma pausa, voltou a falar no que estivera pensando:

— Acreditando na reencarnação, muitas coisas fazem sentido. Se eu tenho de aprender pela dificuldade, que seja. Talvez tenha me recusado a aprender pelo amor. O que você, Rafaela, pensa sobre Michel e eu sermos homossexuais?

— Vocês dois são criaturas maravilhosas que não devem se incomodar com o preconceito. Para mim, quando se trata de sexo, o erro existe quando se força alguém. Estupros são violências graves, um erro maldoso. Também erram aqueles que abusam dos sentimentos dos outros, que tudo fazem para conquistar e depois desprezam, sem se importar com o sofrimento que causaram. Quando o afeto é recíproco, é algo bom. Isso é o que importa. Acredito que temos sempre oportunidades de aprender pelo amor, reconhecer nossas falhas e tudo fazer para acertar, porém, quando nos recusamos, a dor vem para ensinar, e aí sofremos. Sim, acredito que quem foi preconceituoso e por esse motivo fez alguém sofrer pode sentir as reações do que causou. Escutei de um palestrante estudioso, no centro espírita que frequento, que pode acontecer de um

reencarnante querer tanto voltar ao Plano Físico que, mesmo se sentindo homem, dá vida ao feto que será feminino e vice-versa. O espírito não tem sexo, porém o perispírito, o corpo que reveste o desencarnado, tem, pois este é cópia do corpo que o encarnado usou. Para mudar de sexo, precisa se conscientizar dessa mudança, preparar-se, ser orientado, e aí tudo dá certo. Pode ser que, sem preparo, o espírito, se sentindo masculino, não se adapte ao corpo físico feminino. De qualquer forma, esse período encarnado deve ser aproveitado para aprender. Todas as nossas encarnações devem ser aproveitadas, devemos nos esforçar para sermos melhores.

Calaram-se. Enquanto Rafaela explicava, os quatro se acomodaram com os travesseiros e se cobriram. Tudo estava tranquilo, porque os desencarnados também a escutaram e decidiram não os incomodar. Michel orou alto, fez uma oração espontânea pedindo proteção e agradeceu.

Silêncio.

Adormeceram os quatro ali na sala.

## Resolvendo problemas

Júlio acordou com um barulho na cozinha. Olhou pela sala e lembrou que dormiram ali. Izilda com certeza estava fazendo café. A claridade na sala indicava que amanhecia. Devagar, para não acordá-los, ele se mexeu; ia se levantar quando Rafaela abriu os olhos e sorriu para ele. Com gestos, explicou que ia se levantar.

— Júlio, você já acordou? — Michel levantou a cabeça para olhá-lo.

— Sim — respondeu o irmão.

— Eu também — informou Odair.

— Acordamos!!! — exclamou Rafaela.

— Vamos, então, nos levantar — determinou Michel —, fazer um alongamento, dormir sentado nessa poltrona não foi confortável.

Levantaram-se, foram ao banheiro e depois tomaram o café que Izilda preparara. Não comentaram os acontecimentos da

noite.

— São nove horas — falou Odair —, vamos embora, Michel, almoçaremos em algum restaurante na estrada. Desculpe-me, Júlio, tive realmente enorme prazer em conhecê-lo, assim como a você, Rafaela, mas é melhor irmos.

— Vamos arrumar nossas coisas e iremos — concordou Michel.

— Que tal antes apanhar frutas para vocês levarem? — ofereceu Júlio.

— Tudo bem — concordou Odair —, vamos levar frutas frescas do pomar. Mas e as armadilhas?

— Não entendeu que as armadilhas são as assombrações? Não é, Júlio? — Michel queria ter a certeza da conclusão que tivera.

— Sim, mas eles somente jogam pedras nas pessoas que pegam frutas sem permissão. Vamos ao pomar, não iremos demorar.

Foram os cinco, Izilda os acompanhou com o cordão à vista no pescoço. Pegaram frutas e as colocaram na sacola. Entraram, os dois pegaram seus pertences. Odair estava ansioso para partir. Júlio, Rafaela e Izilda os acompanharam até o portão. Ao se despedir, Michel aconselhou o irmão:

— Mano, pense bem, aqui não é o seu lugar. Desfaça-se disso

e volte. Ninguém merece conviver com fantasmas mal-educados.

— Rafaela, assim que voltar e for ao centro espírita, me avise; quero ir com você — Odair resolvera entender melhor a reencarnação e sentia que era um centro espírita o lugar adequado para ter essa compreensão.

Partiram. Os três entraram na casa.

— Vamos almoçar em um restaurante, por isso vocês duas não precisam fazer o almoço — determinou o dono da casa.

— Ontem fizemos a sobremesa e preparamos a carne para hoje — falou Izilda.

— Ficaré para amanhã — decidiu Júlio.

— Vamos limpar o quarto, tem cacos espalhados por causa da jarra espatifada — disse a jovem.

Limparam o quarto, colocaram para lavar as roupas de cama e de banho, lavaram as louças do café.

— Vamos almoçar — convidou o moço.

Os três saíram, almoçaram e, quando voltaram, Rafaela pediu:

— Júlio, vamos nos sentar no sofá aqui na sala. Precisamos conversar — Rafaela sorriu, porém o rapaz entendeu que ela estava decidida. — Conte-me tudo, e de preferência pelo começo.

Izilda saiu da sala dizendo ir para seu quarto. Júlio olhou para a namorada, segurou na mão dela e resolveu contar o que acontecera e estava ocorrendo naquela casa.

— Senti muita vontade de vir aqui, na fazenda, desde que o advogado me informou que tio Hermes falecera. Fiquei realmente com vontade de vir para cá, foi algo inexplicável. Você sabe o que fiz: saí do emprego e, sem pensar muito, vim. O fato é que não tenho como me sustentar se ficar morando aqui. Depois, quero, preciso resolver uma questão. Vou lhe contar tudo. Peguei o dinheiro que recebi da demissão e, com o que tinha guardado, paguei Alice e Michel e me tornei dono de um pedaço da fazenda que não tem nada, benfeitoria nenhuma, somente terra e esta casa. Agora terei para receber somente o seguro desemprego.

— Por que você quis fazer isso? — Rafaela queria entender.

— Não sei ao certo. Quis! Deu aquela vontade, como falei. Foi como se tivesse de fazer algo importante aqui.

— Já sabe o que é?

— Sim, penso que sim — Júlio suspirou. — Quero a sua opinião sobre o que devo fazer. Com essa vontade estranha que não consegui entender, comprei a Toca do Tatu e vim para cá. Aí...

Júlio contou tudo, fez poucas pausas. Rafaela, atenta, não

comentou nem o interrompeu, expressou somente admiração ao saber das ossadas, de ele ter cavado no jardim. Procurando não se esquecer de nada, o moço foi falando, somente não contou que Izilda era mãe de Alice, prometera e não falou. Deu por encerrada a narrativa. Foi então que viu, atrás da porta, uma sombra; observou e percebeu que Izilda estava sentada atrás da porta que ligava as duas salas, a de estar à de jantar, escutando a conversa. Sentiu vontade de rir, mas não o fez.

“Com certeza Izilda percebeu que a conversa ia ser longa, pegou uma cadeira e se sentou. Talvez quisesse se certificar de que eu não contaria o seu segredo.”

— É por isso que eu me sinto bem perto de Izilda, é por causa do cordão, do amuleto! — concluiu Rafaela. — Agora sei como não ser perturbada nesta casa, é só ficar perto dela. Penso, querido, que você tem mesmo de resolver seus problemas, cumprir o que prometeu. Telefone para Haroldo, peça a ele instrução de como agir para desenterrar as ossadas e levá-las para o cemitério. Haroldo e Gabriel o ajudarão nessa questão. Faremos isso, telefone hoje, domingo à tarde você encontra Haroldo em casa. Quero agora ver as fotografias.

— Vou buscá-las.

Júlio saiu da sala e retornou em seguida com os envelopes na mão.

— Vou, depois de você as ver, queimá-las. Veja! Essa é Ângela!

Rafaela pegou a foto, examinou-a por segundos. Virou-a e leu a dedicatória. Ainda segurando a fotografia, ela disse:

— Esta foto não me diz nada. Talvez eu seja parecida com essa moça. O que de fato senti, e essa foi uma impressão forte, foi ter estado aqui e não ter sido nada bom o período em que estive nesta casa. Depois, na sala de jantar, senti ter passado tanto pavor e medo que chegou a doer, ser arrastada pelos cabelos até o jardim de inverno. Júlio, como acredito em reencarnação, penso que, com certeza, eu fui Ângela e você, Marcelino. Amamo-nos tanto! Você e eu estivemos um esperando pelo outro. Recordar encarnações anteriores não é algo comum, porém fatos tão intensos nos deixam marcas que podem ser recordadas. Isso ocorreu com você ao escutar a narrativa do seu tio, senti que me esperava no fundo do quintal, que viera andando, o pavor de me ver morta, dos tiros no peito. Estou falando e sentindo certeza de que fui, que fomos, anteriormente, Ângela e Marcelino. É admirável! Você, menino, via a si mesmo, na sua vida anterior, ali parado, triste, se sentindo perdido e sem entender o que acontecera em cima do lugar onde seu corpo físico fora enterrado. Com certeza, o tempo que permaneceu ali foi difícil, sofrido; embora não tenha ficado

por muito tempo, o marcou. Vamos agora começar a resolver os problemas? Izilda! — Rafaela chamou em voz alta.

Ia se levantar, mas Júlio, ainda vendo a antiga empregada atrás da porta, segurou a namorada pelo braço para dar tempo de Izilda sair de seu esconderijo.

Levantaram-se os dois. Rafaela novamente chamou por Izilda, que respondeu como se tivesse vindo do seu quarto. O casal de namorados foi encontrá-la na sala de jantar.

— Por que essa cadeira está aqui? — Rafaela não entendeu o porquê de uma cadeira estar atrás da porta.

Júlio a colocou no lugar e comunicou a Izilda:

— Vamos à cidade! Você quer ir? Tenho de telefonar.

— Quero ir! Posso ir à missa? — Izilda se entusiasmou.

— Izilda, posso ficar perto de você aqui na casa? Do seu cordão? Dormir no seu quarto?

— Claro que sim! — Izilda ficou contente em ajudar.

— Se você concordar, ficaremos juntas. Você fica comigo no banheiro para que eu tome banho. Vamos, Júlio, desmontar uma cama e colocá-la no quarto de Izilda.

Rafaela se animou. Os três foram ao quarto, desmontaram uma cama e a levaram para o aposento que Izilda ocupava.

— Vou trazer somente algumas roupas.

O moço, embora achando aquela atitude ridícula, fez tudo o

que a namorada quis.

“É preferível isso a ela ir para o hotel!”, concluiu.

Fecharam a casa, Izilda colocou o cordão na sua bolsa e explicou:

— É melhor que na igreja não me vejam com esse amuleto; depois, não combina com minha roupa. Já pensaram que alguém pode saber o que é e pensar: “Como pode vir com algo assim à missa?”. E, na igreja, esses fantasmas não vão.

Foram à cidade, deixaram Izilda na igreja e combinaram de encontrá-la na praça. Procuraram um orelhão e Júlio ligou para Haroldo. Encontrou-o em casa. Tentando ser claro e não confundi-lo, contou, explicando que encontrara ossadas no jardim e queria levá-las para o cemitério. Haroldo escutou, fez algumas perguntas, disse que ia se comunicar com o pai. Combinaram de ele telefonar novamente no outro dia às nove horas.

Rafaela, que estava perto dele, escutou e, quando desligou, a moça comentou:

— Ótimo, resolveremos esse problema!

Esperaram por Izilda, depois foram lanchar e voltaram para a Toca.

Rafaela, na casa, ficou perto da antiga empregada, que, assim que chegaram, colocou no pescoço o estranho cordão.

Júlio se admirou: os desencarnados estavam quietos. Ao pensar isso, escutou sua avó:

— *Os três saíram, estão sentidos por não mais conseguirem se aproximar de sua namorada. Nelinha e eu não incomodamos.*

— É melhor irmos descansar — decidiu o moço —, precisamos dormir depois de uma noite agitada em que ficamos na sala mal-acomodados.

Despediram-se. O casal de namorados se beijou. As duas foram para o quarto da lavanderia. Para usarem o banheiro, Izilda colocava o amuleto em cima da bancada da pia, num local bem visível. Uma usava o banheiro, a outra esperava virada de costas para a porta. Depois, juntinhas, iam para o quarto, que estava com o espaço reduzido por causa das duas camas, e estas tiveram de ser encostadas de um dos lados, na parede. Restava um pequeno vão no centro, onde havia uma mesinha com um abajur, que permanecia, à noite, aceso. Izilda colocava o cordão com a sofisticada pedra sobre a mesinha.

Rafaela olhou para ele e pensou:

“Nunca imaginei me sentir protegida por uma pedra. Devia estar com meu amado, mas só de pensar que desencarnados nos espiam, sinto calafrios. Ainda bem que encontramos solução.”

— Obrigada, Izilda, por me permitir ficar com você. Durmo sossegada.

— Eu que tenho de agradecer ao Julinho. Estou tendo dias maravilhosos e movimentados aqui. O sossego do asilo cansa.

Riram, acomodaram-se e dormiram tranquilas.

Júlio, por saber que sua amada estava bem e protegida, adormeceu assim que terminou sua prece.

Na segunda-feira, logo após o desjejum, o casal de namorados foi à cidade. Júlio procurou um orelhão para conversar com Haroldo, e Rafaela, dizendo ter de dar uns telefonemas, foi a outro. Ela ligou para a mãe e, na sequência, para o dirigente do centro espírita que frequentava.

Reencontraram-se.

— Meus pais estão bem, como todos lá em casa. Não quis preocupá-los, não contei sobre os desencarnados na casa — informou a moça.

— Haroldo e Gabriel — contou Júlio — resolveram a situação complicada das ossadas. Gabriel irá mandar uma ordem, Haroldo disse o nome jurídico, mas esqueci, para o delegado, que deverá ordenar a retirada dos ossos e levá-los para o cemitério. Terei de ir à tarde até a delegacia, com certeza preencher um formulário. Espero que o delegado não seja antipático dessa vez.

Voltaram à Toca, almoçaram e retornaram à cidade. Rafaela disse que ia passear por ali enquanto o namorado ia à delegacia. Combinaram de se encontrar na praça onde o carro estava

estacionado.

Júlio foi à delegacia, pediu educadamente para falar com o delegado. Este o recebeu bem.

— O doutor Gabriel... deve ter passado um fax com uma autorização. O senhor a recebeu?

— Sim, recebi. O senhor quer me explicar, por favor?

— Encontrei — Júlio resolveu explicar simplificando —, no jardim de inverno da Toca do Tatu, que, como o senhor deve se lembrar, é agora minha propriedade, umas ossadas. Cobri-as de terra novamente. Pedi ao meu padrasto, o doutor Gabriel, para me orientar como deveria agir. Gostaria que, o mais rápido possível, essas ossadas fossem transferidas para o cemitério.

— Você sabe de quem são esses ossos? São realmente humanos? — o delegado questionou.

— São de Ângela e Marcelino, dois jovens que há muitos anos sumiram, foram dados como desaparecidos, e de minha avó Justina.

— O senhor, por favor, preencha esses papéis. Houve assassinatos? Sabe quem os matou?

— Todos da minha família já morreram, as pessoas que ali residiram são falecidas. Não sei o que aconteceu. Faz muitos anos. Só quero levar os ossos para o túmulo da família.

Júlio preencheu rápido o formulário e o entregou ao delegado.

— Amanhã, às nove horas, dois policiais estarão em sua residência. Providencie o resto.

— Que resto? — Júlio não entendeu.

— Caixões, pessoas para cavar e para que o túmulo seja aberto, preparado. Essas formalidades.

— Sim, senhor, tudo será providenciado. Agradeço-lhe.

Rafaela o estava esperando. Ele contou à moça o que ocorrera na delegacia e determinou:

— Vamos arrumar tudo! Perguntaremos onde fica a funerária e compraremos os caixões.

Logo estavam na funerária. Júlio comprou três caixões pequenos e brancos.

— São somente ossos. Essas urnas brancas de crianças são perfeitas! — exclamou o moço.

Combinou que, às nove horas e trinta minutos, o carro funerário com os três caixões estariam na Toca do Tatu.

Foram ao cemitério; lá conversou com o coveiro e lhe pediu para abrir o túmulo da família pois, provavelmente às dez horas, seriam levados os caixões. Pagou tudo, a funerária, o cemitério.

Voltaram à Toca e contaram para Izilda, que, curiosa, os aguardava. Lancharam.

— Estava faminto, essas atividades me deram fome.

— Júlio — informou Rafaela expressando de forma delicada

—, iremos, logo mais, à cidade vizinha.

— Como?! — Júlio se admirou.

— Telefonei para o dirigente do centro espírita que frequento para saber se ele conhecia uma casa espírita aqui perto. Não é que ele conhece?! Na cidade vizinha tem uma, ele me prometeu que ia telefonar para um conhecido que frequenta esse local de auxílio e falar de nós. O atendimento é hoje, segunda-feira, às dezenove horas. Ele me deu o endereço. Vamos, não é? Não somente temos de resolver os problemas da parte material, mas os da espiritual também.

Rafaela, quando queria algo ou desejava convencer o namorado, o fazia toda dengosa, sorria, falava baixinho e devagar, olhava-o de forma carinhosa. Júlio normalmente nem questionava, fazia sempre o que ela queria. Depois, ele a achava sempre coerente, por isso gostava de escutá-la e, ultimamente, mais ainda. Para ele, a namorada tinha realmente boas sugestões. Não contou para ela quando pedira para ser demitido, ainda bem que ela não se aborreceu com ele. Sua vontade de comprar a Toca do Tatu foi mais forte.

“Começo a entender que talvez eu tivesse mesmo de resolver esses problemas, os materiais e, como Rafaela opinou, os espirituais também.”

— Vamos! Vou tomar um banho! — concordou o moço.

— Vou convidar Izilda — disse Rafaela.

A antiga empregada não quis ir. Combinaram, falando baixo e perto do cordão, que logo mais sairiam. Izilda ficaria sozinha e não esperaria por eles, iria dormir no horário de costume e deixaria a porta encostada para Rafaela entrar.

Júlio estava estranhando, os desencarnados estavam quietos. Entrou no quarto para pegar sua carteira. Sentiu a avó.

— Vovó, vou pedir auxílio! Fiquem aqui, a senhora e sua amiga Nelinha. Orem! Se eu sentir que o lugar é bom, vou pedir socorro para vocês duas.

— *Aguardarei, meu neto. Confio em você.*

— Vovó, onde estão os três?

— *Hermes está preocupado com a retirada das ossadas. Ele disse que quando encarnado vigiou para que ninguém encontrasse esses ossos. Pensava que, depois de morto, não ia se importar; agora entendeu que é diferente, está se importando. Mesmo você não tocando no nome do assassino, todos terão a certeza de que foi ele. Seus crimes foram descobertos. Nada de fato fica oculto. Está aborrecido por todos já saberem que ele foi um assassino. Está sentindo os comentários. Os outros dois saíram, devem estar por aí. Estão os três aborrecidos por não conseguirem ficar perto de Rafaela.*

— Estou indo, vovó. Que Deus nos abençoe!

— *Amém!*

Despediram-se de Izilda e, no carro dele, Júlio e Rafaela saíram da Toca.

## Em busca de ajuda

No carro, assim que pegaram a estrada rumo à cidade vizinha, Rafaela comentou:

— Não estou sentindo conosco nenhum desencarnado. Você os sente?

— Ficaram todos na casa. Rafaela, por favor, quero pedir auxílio para minha avó e a amiga dela, porém quero fazer isso em um local bom, onde de fato se faz a caridade. Como Nelinha contou, num lugar onde sejam orientadas e que fiquem bem longe do perigo.

— O dirigente do centro espírita que frequento não iria me indicar um lugar se não tivesse certeza de que lá eles fazem o bem.

— Izilda — lembrou Júlio — me contou que onde vovó e ela, por ignorância, procuraram ajuda para se livrar do meu avô e não era bom, levaram-no preso para um local ruim.

— Chamamos esses locais de Umbrais — explicou Rafaela.

— Vamos combinar? Se você tiver certeza de que o lugar é bom, me dê um cutucão com o pé. Aí eu peço auxílio para as duas. Certo?

— Sim, farei isso. Júlio, centros espíritas se diferem nos atendimentos, são várias as maneiras de trabalho em auxílio. Normalmente há palestras, se recebem passes. Há lugares com atendimento fraterno, onde trabalhadores encarnados conversam, orientam aqueles que procuram por ajuda. Não sei como é feito o atendimento nesse centro espírita aonde vamos, porém, com certeza, seremos bem recebidos.

— Passe é aquele procedimento em que pessoas que trabalham nos centros espíritas colocam as mãos sobre a gente? Uma vez fui e me senti muito bem.

— Sim — explicou Rafaela —, pessoas que estudam, que aprenderam, podem dar passes; normalmente, nas casas espíritas, passes são dados por médiuns e benfeitores espirituais que, juntos, tiram de quem recebe as energias negativas e, depois, lhe doam as boas. É o passista dando o melhor de si, junto com os fluidos do espírito que o está ajudando. É uma transfusão de energias, uma renovação de forças psíquicas e espirituais.

— Interessante! Vou gostar de estudar! Quero aprender todos esses processos de auxílio — Júlio estava realmente interessado.

— Chegamos! Pelo endereço, é ali. Já está aberto.

Estacionaram o carro, desceram. O local era uma sala grande. Na porta, um senhor os cumprimentou sorrindo.

— O senhor Rufino, por favor — disse Rafaela.

— Estou aqui. Você é Rafaela? — falou um senhor que estava atrás do que os cumprimentara.

— Sou, esse é Júlio. Viemos rogar por ajuda — Rafaela disse, após cumprimentos.

— Venham comigo!

Os dois seguiram Rufino, que os conduziu a uma salinha, a sala de passes.

Júlio observou o local, estavam num salão que não era grande; com certeza ali tinha umas oitenta cadeiras e, à frente, um espaço livre. Do lado esquerdo de quem entrava, havia um corredor, que levava a duas salas.

— Aqui — informou Rufino — é nosso cantinho de atendimento e passes; a outra sala é para reuniões de trabalhos mediúnicos, atendimento aos desencarnados; logo depois estão banheiros e uma pequena copa. Sentem-se, por favor. O que está acontecendo?

— A casa — respondeu Júlio — que comprei é assombrada. Tem lá cinco espíritos, desencarnados. Mas primeiro, por favor, não me leve a mal, gostaria de saber se aqui se faz o bem. O que

fazem com os desencarnados que socorrem?

O moço sentiu o pé de Rafaela o cutucar.

— Júlio, meu bem...

— Deixe-o falar — Rufino sorriu. — Respondo: sim, aqui fazemos o bem. Quando socorremos um desencarnado, ele é tratado com bondade, de fato o ajudamos. Depois de ser orientado, nós o levamos para bons lugares, chamamos locais assim de colônias ou postos de socorro; lá ele é esclarecido e aprende a viver com dignidade no Plano Espiritual.

— Isso me tranquiliza para pedir ajuda, principalmente a dois espíritos que estão na casa. São minha avó e a amiga dela. Prometi às duas que, se aqui fosse bom, se fizessem o bem, pediria por elas. Não posso pedir algo para alguém se não acreditar que seja realmente bom. Senti que vocês podem mesmo auxiliar. Então, por favor, o senhor não pode socorrê-las?

— Sim, podemos — respondeu Rufino. — Vocês receberão o passe por esses três passistas e depois, se quiserem, fiquem no salão, onde logo mais terá uma palestra. Se ficarem, quando terminar, me esperem que conversarei com vocês.

— Com certeza ficaremos. Muito obrigada! — Rafaela decidiu.

Receberam o passe, depois foram ao salão e se sentaram logo

na frente. Pessoas foram chegando, muitas se dirigiram à salinha para receber o passe. Uma senhora que se sentou ao lado deles explicou:

— Um grupo de passistas dá passes antes da palestra, principalmente em crianças e nas pessoas que as acompanham. Crianças não ficam quietas e atrapalham os que querem prestar atenção nos ensinamentos. Um grupo de médiuns fica na outra sala e, pela incorporação, desencarnados necessitados recebem orientações e são socorridos.

O salão lotou; no horário marcado, uma senhora se levantou e, de frente para as pessoas, informou:

— Boa noite! Um lembrete a vocês: aqui temos duas estantes de livros que podem ser emprestados. Estamos contentes com esse trabalho porque os livros são sempre devolvidos, muitas vezes até encapados. Todos têm tido muito cuidado com essas obras, que nos instruem e consolam. São romances, livros de mensagens, estudos... Aos interessados em pegá-los emprestados, é só procurarem por Cássia, responsável pela nossa pequena biblioteca, que ela os orientará para fazê-lo. São marcados num caderno o nome da pessoa, a obra e o prazo de entrega. Hoje, quem vai dar a palestra é Bernardo.

Um moço se levantou, ficou à frente e cumprimentou todos com voz agradável. Abriu um livro. Júlio viu que era a Bíblia.

Antes de ler, ele explicou:

— “Cizânia” é uma gramínea nociva, mais conhecida como “joio”. Estou dando esse esclarecimento porque nesta Bíblia, na qual irei ler essa parábola, ela é citada. Vou ler o Evangelho de Mateus, capítulo 13, versículo 24: “O reino dos céus é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo. E, enquanto os homens dormiam, veio seu inimigo e semeou cizânia no meio do trigo, e foi-se. E, tendo crescido a erva e dado fruto, apareceu também a cizânia. E, chegando os servos do pai de família, disseram-lhe: Senhor, porventura não semeaste tu boa semente no teu campo? Onde veio, pois, a cizânia? E ele disse-lhes: Algum homem inimigo fez isso. E os servos disseram-lhe: Queres que vamos e a arranquemos? E respondeu-lhes: Não, para que não suceda que, arrancando a cizânia, arranqueis juntamente com ela o trigo. Deixai crescer uma e outra coisa até a ceifa, e no tempo da ceifa direi aos segadores: colhei primeiramente a cizânia, atai-a em molhos para a queimar; o trigo, porém, recolhei-o no meu celeiro”.

Bernardo fechou o livro, colocou-o em cima da mesa; olhando todos à sua frente, explicou:

— Devemos entender esse ensinamento pela compreensão espiritual. Na matéria física, não entendemos como um lavrador semeia a semente produtiva e deixa a erva daninha crescer junto

sem arrancá-la. O campo somos todos nós. A boa semente, na parábola, são as pessoas boas, o joio representa os que ainda teimam em não ser bons. Essas duas plantas, quando pequenas, são parecidas, diferem-se mesmo quando frutificam, as espigas douradas do trigo das escuras, que para nada servem, do joio ou, como disse, da cizânia. Tanto uma como a outra, bons e maus, o são pelo uso ou pelo abuso do seu livre-arbítrio. Deus nos criou neutros, mas nos deu o livre-arbítrio e, pelo modo que usamos esse dom, é que nos tornamos seres úteis ou inúteis. A semente é neutra, somos nós que nos fazemos ser boa ou má plantação. O que no Plano Físico é impossível, uma planta se tornar outra, no Plano Espiritual pode ocorrer, durante o ciclo evolutivo, a má planta pode se modificar e se tornar produtiva. O livre-arbítrio é uma graça a nós concedida, porém um grande perigo, por ele podemos agir corretamente ou errar. Deus respeita a liberdade que nos concedeu e não força ninguém a ser útil nem impede outros de serem inúteis. Jesus, compreendendo isso, não impediu Judas de ser traidor e depois de se suicidar. Não forçou Madalena a se converter. Por nossa escolha, podemos ser positivos, a erva produtiva, ou negativos, a erva ruim. Temos a total liberdade de escolha. Se Deus não nos impede de errar, por que muitos querem arrancar o joio do meio do trigo? Muitas vezes tenho me perguntado por que o mau tem o mesmo direito

do bom. Para todos, igualmente, terem as mesmas oportunidades. Seremos realmente diferenciados na época da colheita. Nesse ensinamento, os dois estão na mesma plantação. Muitas vezes, em diferentes épocas, os “pseudobons” têm vontade de exterminar os que eles julgam ser ruins. Isso ocorreu na Inquisição, nas Cruzadas, recentemente alguns passaram a querer acabar com os infiéis. Não vemos pessoas honestas querendo exterminar os bandidos? Existem, por acaso, bons matadores e maus matadores? Infelizmente, muitos de nós desejamos que o fim dos tempos chegue, para que os que continuam no erro sejam expulsos da Terra. São por acaso joio os que não pensam e agem como nós? Alguns pensam: “Vou matar, arrancar o joio, sou bom!”. Será que é mesmo? Cuidado para não se decepcionar e na colheita ser considerado “joio”. Temos, todos nós, o direito de sermos a erva que queremos. Mas, pela graça, podemos, pelas muitas oportunidades, e entre essas oportunidades está a benção da reencarnação, nos modificar. Temos, para isso, os ensinamentos dos grandes mestres, de Jesus e bons exemplos. Porque pessoas que dão preciosos frutos podem nos orientar e ajudar a nos transformar. Uma planta de trigo forte, vistosa, cacheada de grãos, pode irradiar amor, e esse sentimento ajudar os joios de perto e até os de longe a se transformar. Que beleza de ajuda! Todos nós temos

a oportunidade de melhorar. Prestemos atenção na finalização desse precioso ensinamento. Como toda plantação, há tempo de semear, da planta crescer, da frutificação e da colheita, e esta não é igual; será, como Jesus nos esclarece, diferente para as plantas. No fim do ciclo evolutivo, serão separadas. Todos seremos ceifados e separados, não por ato externo, mas, pelo ato interno de cada um. Os joios serão levados para um lugar onde haverá choro e ranger de dentes. E nós? O que somos? O que poderemos ser? Por meio do livre-arbítrio, a escolha é única e exclusivamente nossa! Bem-aventurados os que se tornaram, por escolha, trigo! Vamos encerrar com a oração que Jesus nos ensinou. Pai Nosso...

O palestrante sentou-se, e uma moça informou que, se alguém ainda não recebera o passe e o quisesse, deveria ir à outra sala.

O casal de namorados esperou como fora-lhes pedido. Júlio cochichou ao ouvido da namorada:

— Estou gostando demais daqui e me sentindo bem.

Ela sorriu, também estava se sentindo bem e gostara muito da palestra.

“Tenho de pensar no que sou ou no que julgo ser. Quero ser trigo! Isso depende somente de mim. Quero dar bons frutos. Quero ser a semente que caiu no bom terreno, como Jesus

ensinou em outra parábola.<sup>[1]</sup> Penso que estou entre aquelas plantas que têm dado dez por um. O bom é que posso melhorar e passar a render trinta e, se me esforçar mais, a porcentagem aumentará. É isso o que realmente quero!”, Rafaela naquele momento estava determinada.

As pessoas foram saindo, havia poucas no salão. Rufino aproximou-se deles. Puxou uma cadeira e se sentou na frente do casal.

— Informo-lhe, meu jovem, que sua avó e a amiga dela receberam orientação e foram socorridas.

— Sem problemas? Não sei como perguntar. Foram numa boa?

— Sim — Rufino sorriu e explicou: — A equipe de trabalhadores do Plano Espiritual que trabalha conosco foi à sua casa, encontrou as duas desencarnadas orando. Foram trazidas para cá; bastou a amiga ver este local para reconhecer que estivera em um parecido, chorou e rogou auxílio. A outra senhora, sua avó, chorou também, emocionou-se, mas lamentou por ter feito atos indevidos e sentia por isso. Até questionou se merecia ficar num lugar assim. Foi-lhe explicado que o passado passou e não tem como mudá-lo, e o presente é o tempo importante. Que todos nós já erramos e que ela não estava sendo julgada nem criticada. Nós a aconselhamos a pensar na ideia de

ter um novo recomeço, esquecer o passado, ter esperança para o futuro. Ela se acalmou, pediu para lhe agradecer e mandou um abraço.

— Será que vovó ficará bem? — Júlio quis saber.

De fato, ele queria muito que a avó ficasse bem.

— Penso que sim — Rufino esclareceu. — Essa senhora já sofreu muito. O sofrimento a amadureceu, queria mesmo um socorro, como também se tornar um ser melhor. Para onde será levada aprenderá muitas coisas. Uma outra desencarnada lhe mandou um abraço. É sua mãe!

— Mamãe? Minha mãe veio aqui? — Júlio se emocionou.

— Sim, ela esteve e está com você nesses dias.

— Nossa! Será que é por isso que eles me disseram que não conseguiram pegar minha energia? Eles não viram mamãe? Vovó iria gostar de ver a filha.

— A senhora sua mãe, por vibrar diferente, não era vista por esses desencarnados. Poderia, se quisesse, fazer com que eles a vissem, mas ela preferiu que nenhum deles notasse sua presença para melhor ajudá-lo. Estava e está protegendo você por esse tempo porque queria e teve permissão de auxiliar a mãe dela.

— Faz sentido! — exclamou Júlio. — Que bom que mamãe está bem a ponto de ajudar. Agora entendo o porquê de estar protegido e até de me sentir paparicado. Só podia ser mesmo

mamãe! Amo-a tanto! Eu agradeço ao senhor e transmita meu agradecimento a toda equipe de trabalhadores. Estou contente por vovó e dona Nelinha estarem bem. Temia que elas fossem presas novamente no Umbral. E os outros? Ainda há três na casa.

— Você se preocupa com eles? — perguntou Rufino.

— Queria também que eles mudassem a forma que vivem e ficassem bem no meu conceito, porque penso que, para eles, está tudo bem, gostam do modo como estão vivendo.

— Amanhã, terça-feira à tarde, temos outro trabalho parecido com esse. Convido-os para virem, podemos tentar orientar esses três.

— Vamos voltar amanhã, não é, Rafaela?

— Sim, voltaremos. O senhor estará aqui? — a jovem quis saber.

— Estarei, sim, tenho uma loja. Organizo-me para me ausentar do trabalho e estar aqui às terças-feiras à tarde.

— O senhor vem muito aqui? — Júlio estava curioso.

— Sim, venho sempre, quatro vezes por semana. Nosso centro espírita é ativo, há grupos de estudo e atendimentos todos os dias da semana.

— Só mais uma pergunta: onde é ou fica esse posto de socorro que o senhor disse que vovó está?

— Temos — Rufino respondeu —, acima desta construção

material, uma outra no Plano Espiritual, que é somente vista por aqueles encarnados que são médiuns videntes. O local é agradável e muito aconchegante. Logo mais elas serão levadas para outro local, uma colônia, onde vivem os desencarnados que querem aprender e se modificar para serem espíritos melhores, para evoluir.

— Que bom! Agradeço-os novamente! — Júlio estava aliviado.

Despediram-se e voltaram para a Toca do Tatu conversando, comentando o que viram e ouviram.

Quando chegaram, o moço acompanhou Rafaela até a lavanderia.

— Vamos descansar, dormir, amanhã o dia será de muitas atividades.

A porta do quarto estava encostada; Rafaela, procurando não fazer barulho, entrou, pegou o cordão que estava na mesinha de cabeceira, foi ao banheiro e depois o colocou novamente na mesa; acomodou-se, orou e dormiu.

Júlio, ao passar de volta na sala de jantar para ir ao seu quarto, escutou os três desencarnados conversando, estavam exaltados.

— Conversem mais baixo, por favor! — pediu o proprietário da casa.

— *Conversamos como queremos, sobrinho ingrato! Estamos resolvendo os problemas que você nos causou. Tinha de levar mesmo esses ossos para o cemitério? Só se conversa isso na cidade. Todos me julgam o assassino!*

Pela voz, o moço reconheceu ser o tio que reclamava.

— Não fiz isso para prejudicá-lo. Vovó queria seus restos mortais no túmulo da família, embora pense que ela não se importará mais com esse detalhe. No entanto, não é o cemitério o local próprio para as ossadas? O senhor não deveria se importar com falatórios. Pior se o senhor fosse caluniado. Mas é ruim também porque falam a verdade. Existem pessoas que gostam de comentar fatos da vida alheia, mas logo esquecerão esse assunto. Não quis ser ingrato.

— *Já lhe falei, Hermes — opinou Ludovico —, você fez, está feito e fez bem-feito, tanto que não pôde ser punido quando estava no corpo físico. Esse palerma do seu sobrinho tem razão num ponto: você, meu amigo, não é inocente. Estão de fato comentando, fofocam, porém muitos o admiram, como eu, e não foi condenado porque é inteligente.*

“Será que não será condenado?”, Júlio pensou.

— *Não se importe, Hermes, com os falatórios. De fato, logo esquecerão —* Xavier tentava consolar o amigo.

— Não falei das ossadas para as pessoas nem vou falar o que aconteceu. Vou tentar amenizar a situação — prometeu Júlio.

— *As pessoas na cidade vão falar, fofocar e terão muitas versões para essa história* — Ludovico riu.

— Vou dormir, não me incomodem, por favor. Vão para a outra parte da casa se quiserem continuar conversando.

— *Não sei por que não consigo lhe dar uns tabefes!* — disse Ludovico. — *Vamos para a área. Quem sabe não aparece um ladrãozinho? Aí podemos nos divertir. Nada por aqui acontece nas noites de segunda-feira.*

Júlio os sentiu sair, ele foi para o quarto, sentiu falta da avó, que toda noite lhe desejava bons sonhos.

“Tomara que vovó fique bem. Ainda bem que mamãe está comigo. Meu tio e seus amigos não notaram a ausência das duas, devem estar pensando que elas estão em algum lugar na casa. É melhor assim. Poderiam ficar mais bravos se soubessem que fomos pedir auxílio e que as duas foram levadas daqui pelos bons espíritos.”

Quis pensar ou repensar no que faria no dia seguinte, mas estava de fato cansado e adormeceu.

## Cumprindo a promessa

O dia estava bonito, todos na casa se levantaram cedo, Júlio esperou pelos empregados e, quando eles chegaram, conversou com os dois.

— Logo mais os policiais virão aqui para nos ver cavar e tirar as ossadas do jardim de inverno.

— Nós? Quem? Eu? — Gedor interrompeu apavorado. — Não coloco as mãos em ossos de defuntos! Não mesmo! Já tive oportunidade de ser coveiro, empregado registrado, não aceitei. Não gosto de defuntos nem dos restos deles.

“Gedor dará certo trabalhando na pousada assombrada. Como é dramático!”, pensou o proprietário da casa.

— Ontem, várias pessoas — Glória falou alto, fazendo o marido calar — foram lá em casa para saber dos mortos daqui. Ficaram indignados, uns acharam até que mentíamos ao afirmar que não sabíamos de nada. Indagaram como não escutamos nem uma palavra a esse respeito. Para conseguirmos tomar banho e

dormir, trancamos a casa e apagamos as luzes. Ainda ouvimos nos chamarem no portão, mas não atendemos.

— Vou contar a vocês — decidiu Júlio — o que aconteceu. Querendo mudar as plantas de lugar, cavei na frente da jabuticabeira e encontrei as ossadas. Deixei-as lá, comuniquei ao delegado, comprei os caixões e fui ao cemitério para abrir o túmulo da família. Logo mais policiais vêm acompanhar esse processo.

— Quem são os mortos? O senhor sabe? — Glória estava de fato curiosa.

— Tudo indica que são minha avó Justina e um casal que há muitos anos desapareceu: Ângela e Marcelino.

— Já ouvi comentários desse casal — comentou Glória — porém, como todos, pensei que fugiram. Eles foram mortos? Mataram o casalzinho?

— Alguém os matou? Foi o senhor Hermes? — Gedor perguntou, ainda estava apavorado.

— Não sei de mais nada. Por que acha que foi o tio Hermes? Poderia ser qualquer um que frequentava a casa, um empregado.

— Júlio não queria mentir, mas, também não falar o que sabia para não ter de explicar como teve conhecimento.

— Se o senhor não sabe, não tem mesmo como saber — Glória comentou. — Faz tantos anos! Sua avó falava em se

suicidar, talvez o tenha feito e se enterrado ali.

— Você é uma... — Gedor não completou. — Como pode alguém se enterrar?

— Ela fez um buraco — Glória tentou explicar seu raciocínio — tomou veneno ou deu um tiro no peito ou na cabeça e lá ficou morta. Alguém a encontrou e jogou terra em cima.

— Será que alguém teria feito algo assim para morrer? Era preferível se matar deitada na cama, era mais confortável. Como você explica o casal? — Gedor tremia de indignação.

— Com certeza fizeram um pacto de morte, se mataram por amor. Que romântico! — Glória suspirou.

— Românticos! Se fizeram isso, foram para o inferno! — Izilda interferiu. — Morrer por amor não tem nada de romantismo, mas, sim, de muito sofrimento.

Júlio preferiu interferir antes de começarem uma discussão.

— Todas as profissões são úteis! O trabalho dignifica o homem. Alguns trabalhos cooperam com o bem coletivo. Enterrar pessoas falecidas é um trabalho muito útil. Quando eu morrer quero ser enterrado. Você não quer, Gedor?

— Não quero é morrer! — Ele respondeu rápido.

— Vai ficar para semente? — Glória riu.

— Você, Gedor, não quer ser enterrado? — Júlio insistiu.

— Quero! Se não for, vou apodrecer, cheirar mal, os urubus

podem vir me comer. Que horror! O senhor tem razão, quero ser enterrado. Mas mexer em defunto não traz azar?

— Claro que não — respondeu Júlio. — Primeiro a gente não estará mexendo, estaremos colocando essas ossadas no campo santo, isso é caridade. Gedor, entendo seu temor e não se preocupe, não precisa me ajudar. Eu irei cavar, farei sozinho esse trabalho.

— Eu ajudo! — Glória decidiu. — Vou participar dessa tarefa.

— Quero também participar — falou Izilda. — Não aguento cavar ou ficar agachada, mas posso pegar os ossos. Quero tirar os restos mortais dessas pessoas daqui.

— Vamos organizar a tarefa — o dono da casa planejou. — Eu cavo; Glória e Izilda, com a peneira, tirarão os excessos de terra dos ossos; colocaremos cada uma das ossadas num lençol. Quando os caixões chegarem, colocaremos os lençóis com os ossos dentro deles. Quando acabarmos, nós os levaremos ao cemitério. Izilda, por favor, pegue três lençóis para mim, escolha os claros.

— Vou já pegá-los — Izilda saiu da sala.

— Gedor e eu — disse Glória — conhecemos todos os soldados. Pode ter certeza de que logo todos na cidade saberão o que ocorreu aqui. Prepare-se, Gedor, para explicar o porquê de não ter participado das escavações. Será tachado de “medroso”.

Pode ir para o quintal.

— Vou ajudar o senhor Júlio. Pensando bem, estarei fazendo uma caridade.

Organizaram-se, decidiram como fariam aquele trabalho. Júlio colocou as botas. Ele e Gedor tiraram as plantas do local e a grama. Izilda colocou os lençóis abertos na grama perto de onde seriam feitos os buracos e pegou um pano.

— Vou me sentar neste banco. Glória peneira, e eu tentarei limpar os ossos e os colocar nos lençóis.

— Eu — Rafaela, que tinha permanecido calada, decidiu — ficarei na sala, abro o portão e conduzo as pessoas para cá.

— Quer o cordão? — perguntou Izilda.

— Não, vou ler o Evangelho enquanto estiver na sala.

— *Não fico perto dela, não quero escutar ladainha!*

Júlio escutou o tio. Os três desencarnados estavam na lavanderia, atentos ao que eles faziam e conversavam. Não se aproximaram mais porque Izilda exibia o cordão no pescoço.

— Vocês vão ficar vendo? — Júlio olhou para onde os três estavam, quis que o escutassem.

— *Vamos ver o espetáculo do circo que armou* — resmungou Ludovico.

O moço não teve tempo de responder porque escutou chamarem no portão. Como combinado, Rafaela correu para

conduzir os policiais. Eram três. Cumprimentaram-se.

“Deveriam vir dois. Que curiosidade! Vou deixá-los em pé”, Júlio decidiu.

— Podemos começar, senhores? — perguntou o dono da Toca do Tatu.

— Sim — respondeu um policial.

Como Júlio e Gedor tinham arrancado as plantas, não precisaram tirar muita terra para aparecerem as primeiras ossadas. Cavaram primeiro o lugar onde o moço sabia estar as da sua avó Justina.

Gedor, com cuidado, retirava a terra com a pá; Júlio pegava os ossos e os colocava na peneira; Glória, com ritmo cadenciado, fazia com que a terra caísse, sobrando apenas os ossos; Izilda os pegava, limpava e colocava no lençol. Júlio procurou ser rápido. Não encontrando mais ossos no primeiro buraco e calculando que toda a ossada de sua avó estava no lençol, cavou ao lado, onde estavam as ossadas de Ângela. Júlio, separando os primeiros ossos que surgiram, sentiu algo estranho.

“Ossos de Ângela, o grande amor de minha vida anterior. Assassinada! Morreu de forma tão precoce!”

Encontraram algo enferrujado, parecia ser uma fivela.

“Talvez seja de um cinto”, concluiu Júlio.

Colocou-o entre as ossadas. Os policiais olhavam curiosos,

quiseram perguntar, conversar.

— É melhor fazermos o nosso serviço sem conversar, em respeito aos mortos — determinou Júlio. Virou-se para os policiais e falou: — Os senhores vieram acompanhar o processo; por favor, o façam em silêncio.

Continuaram. Gedor cavava, Júlio pegava os ossos, Glória peneirava, Izilda limpava e os colocava no lençol.

Júlio se sentiu tenso ao pegar aqueles ossos, piorou ao cavar o terceiro buraco, quando surgiu a ossada de Marcelino.

“Estes ossos já foram de um corpo que animei. Meu Deus! Não quero fraquejar. Preciso terminar a tarefa! Tenho! Estes ossos devem ir para o cemitério. Estou com vontade de chorar. Está sendo difícil para mim este momento, ver, pegar restos mortais e saber que isto foi parte do meu corpo. Ossos do pé, braços, crânio! O que é de fato meu? Ou foi meu? Nada! Sou um espírito!”

Com o braço, enxugou a testa, não estava suando, o fez para enxugar os olhos que estavam marejados.

“Se estivesse sozinho, iria chorar. Nunca senti algo assim, também nunca desenterrei ossos humanos e que já foram de um corpo físico que meu espírito revestiu!”

Esforçou-se, e muito, para continuar o ritmo de trabalho.

Estavam acabando quando Rafaela chegou acompanhando

quatro pessoas, três homens e uma mulher, trazendo os caixões.

“Muitas pessoas para trazer os caixões. Curiosos!”, pensou Júlio.

Terminaram. O dono da casa pegou os lençóis com as ossadas e os colocou nos caixões. Suspirou alto, de alívio. Tirou três folhas de papel do bolso e escreveu: na frente do caixão onde estavam as ossadas de sua avó, Justina; no outro, A de Ângela; e, no último, M, de Marcelino.

— Agora — Júlio emocionado, esforçou-se para dizer —, iremos levar essas urnas para o cemitério. Os senhores da funerária, por favor, como combinado, levarão os caixões no carro de vocês. Irei atrás.

Os policiais saíram, o pessoal da funerária pegou os caixões, Júlio reconheceu o dono e, pelo que notou, a mulher era a esposa dele; saíram também. A ex-empregada comentou baixinho, para somente o proprietário ouvir:

— Sinto que resgatei algo que, de certa forma, participei por ter ficado calada, me omiti.

Izilda, percebendo que Júlio tremia, estava branco, lhe serviu um café. O moço tomou, pensou em sua mãe e rogou:

“Mãezinha, se está comigo, me sustente!”

— Posso ir com você, Julinho? Quero ir ao cemitério.

— Sim, claro.

O casal ficou na casa, Glória adiantaria o almoço, e Gedor recolocaria a terra e replantaria as plantas.

Foram para o carro, Rafaela havia colhido muitas flores do jardim, colocaram-nas no veículo e seguiram para o cemitério.

Com o café, exercícios de respiração e a ajuda de sua mãe, Júlio melhorou. Fizeram o trajeto, de cinco minutos, calados. Foram atrás do carro da funerária, e os policiais iam atrás deles.

Admiraram-se quando chegaram: no pátio, em frente, havia muitos veículos.

— Será que está tendo algum velório? — Júlio indagou.

— Aqui, nesse cemitério, não tem salas de velórios — informou Izilda. — Velam os defuntos em casa. No asilo tem uma sala própria, não gostamos de ir lá. Como o carro funerário está nos servindo, também não há enterro. São os curiosos.

— Essas ossadas devem ser o assunto do momento. Que curiosidade! — comentou Rafaela.

Desceram. Rafaela e Izilda pegaram as flores e seguiram Júlio, que foi direto para o túmulo da família.

— Coloquem as flores em cima do túmulo, depois as arrumaremos — pediu o moço.

As três pessoas, os homens da funerária chegaram, vieram caminhando devagar cada um com um caixão nos braços, e a mulher os acompanhando.

Havia de fato muitas pessoas no cemitério, algumas rodeavam o túmulo, outras andavam pelo local, porém, ao vê-los chegando, aproximaram-se. Todos estavam atentos e em silêncio, Júlio viu somente algumas pessoas cochicharem. O túmulo já estava aberto. Júlio olhou para dentro, tinha seis lugares, dois estavam fechados, com certeza, eram o do seu avô e o outro, que, ao ver, percebeu que fora fechado recentemente, de seu tio. Emocionado, Júlio pegou o caixão com os ossos de sua avó.

— Coloque este aqui, e estes dois juntos desse lado, por favor.

O trabalhador do local o fez.

— Posso fechar, senhor?

— Sim, por favor.

O coveiro, com tijolos e cimento, foi rapidamente fechando as gavetas, as partes de dentro do túmulo. Izilda e Rafaela distribuíram as flores.

— Veja, Júlio! — Rafaela mostrou. — Aqui tem uma placa com o nome da sua avó.

O moço olhou, havia três placas: uma com o nome de seu avô, outra de Hermes e uma de sua avó; na dela estava o dia que, para todos, ela sumira, mas o tio sabia que ela falecera.

As pessoas, curiosas, continuaram olhando. Júlio sentiu que o melhor era falar, explicar para amenizar a curiosidade e, quem

sabe, diminuir os comentários.

— Senhor, senhoras, agradeço por terem vindo a esses enterros. Ao trazer esses restos mortais para cá, penso que seja mesmo um enterro. Como sabem, sou neto de Justina, sobrinho de Hermes. Herdei a Toca do Tatu e, ao replantar umas plantas, encontrei alguns ossos. Pedi autorização, organizei tudo, e trouxemos as ossadas ao lugar que lhes é devido. Tudo leva a crer que as ossadas sejam de minha avó, a senhora Justina, e de um casal, que há tempos foi dado como desaparecido: Ângela e Marcelino. O que aconteceu ninguém sabe e não temos como saber. Todos estão mortos. Houve suicídios? Assassinatos? Pacto de morte? Não se sabe. Se foram assassinatos, não saberemos quem foi o assassino. Algum empregado? Amante? Peço aos senhores para não julgarem. Lembro-os que quem julga será julgado. Como não sei de mais nada, não me perguntem.

Júlio se calou, olhou o trabalho do coveiro, logo ele terminaria. Viu Abílio, aproximou-se dele e informou.

— Vou vender a Toca. Se estiverem interessados, estejam lá, esta noite, às vinte horas.

— Estaremos com certeza. Agora, mais do que nunca, estamos interessados.

— Sabe de alguém que dê recados? — Júlio perguntou.

— Claro. Ali está Afonso. Posso chamá-lo? — Abílio foi

solícito.

— Por favor.

Logo estava, à frente de Júlio, um rapazinho.

— Pode dar alguns recados para mim? Gostaria que fosse a duas fazendas, a das pessoas que compraram as terras e a do vizinho da esquerda. Sabe onde ficam?

— Sei, sim, senhor. Um deles está aqui. Vou chamá-lo. Logo Afonso voltou com um senhor que Júlio reconheceu, viu-o no cartório.

— Senhor, estou vendendo a fazenda, o resto que sobrou. O senhor não quer conversar comigo na Toca do Tatu, às dezoito horas?

— Estarei lá.

— Obrigado — Júlio agradeceu, virou-se para o mocinho e falou: — Os recados são: para o outro que comprou um pedaço da fazenda, convido-o para me visitar na Toca, às dezoito horas e trinta minutos; e, para o outro, meu vizinho, às dezenove horas. Quanto cobra?

— Para cada recado é...

Pela cara, estava cobrando mais do que costumava; o proprietário da Toca do Tatu achou barato e lhe deu mais. Afonso sorriu contente.

Júlio pegou nos braços de Rafaela e de Izilda e as conduziu

para a saída. Fizeram o trajeto até o carro calados, porém ouviram as pessoas conversando baixinho.

— Com certeza — concluiu Izilda —, as pessoas que estão aqui ainda ficarão um bom tempo a comentar esse enterro. Todos querem saber dos detalhes.

— Talvez — Júlio estava triste — não devesse ter falado e contratado o mocinho para os recados no cemitério, mas, se deixasse para depois, teria de ir à cidade. Quero resolver tudo o mais rápido possível.

Chegaram à Toca.

— Vou ajudar Glória com o almoço, — informou a ex-empregada.

— Irei logo mais tomar um banho, o exercício que fiz para cavar me fez suar e estou sujo — Júlio continuava aborrecido.

— Por que está triste? — Rafaela se preocupou.

— Fiz, penso que foi, o que deveria ter feito. Não posso deixar de me aborrecer com o acontecimento. Assassínatos! Como pode um ser humano matar outro? Ainda gosto de tio Hermes, mas não é porque gosto dele que aceito o que fez de errado. Depois me entristeci com a curiosidade das pessoas.

— Reaja, querido! Você ainda tem coisas para fazer.

Júlio foi à cozinha, pegou uma faca, a mais fina que encontrou, pediu para a namorada acompanhá-lo. Foram para o

antigo quarto de casal, de seus avós. Lá tirou o tapete do lugar.

— Veja, querida, é aqui que vovó me mostrou, o esconderijo de suas joias. Vou, com essa faca, tentar tirar essa tábua do assoalho.

Com cuidado, ele levantou a ponta e tirou com facilidade a tábua; ali estava um vão, um pequeno buraco, viram um pacote. Júlio pegou, era um tecido enrolado, devia ter sido um veludo que estava desmanchando. Colocou o pacote no chão e abriu.

— Não são muitas joias nem parece ser valiosas! — ele exclamou.

— Penso que naquele tempo as joias eram objetos mais caros que atualmente, talvez mais difíceis de comprar. Vamos ver — pediu a jovem.

Havia um cordão de ouro; um crucifixo de rubi com uma pedra clara no centro; três brincos, um de rubi, outro de esmeralda e outro de ouro; uma pulseira de esmeraldas; pedras pequenas; um colar de ouro, também com pedrinhas de esmeraldas; e um anel de ouro delicado.

— Esse parece que conheço! Teria sido de Ângela? — Rafaela o pegou, mas rapidamente o colocou entre as outras peças.

— Se fossem muitas joias ou que julgasse ser preciosas, iria comunicar Michel e Alice, porém não são muitas. O que faço, querida?

— Se eram de sua avó, e ela lhe deu, são suas. Vamos levá-las conosco, jogue o pano fora, coloque-as numa sacola. No meu apartamento, vou lavá-las, deixá-las por uma hora na água e depois as sequei ao sol. Se você me der, quero aquele anelzinho de ouro. Joias não têm muito valor de revenda, mas podemos tentar vendê-las.

— Você não quer mais nada? Esse cordão é bonito. Há brincos, anéis...

— Vou pensar. Você pode vendê-las ao joalheiro vizinho à agência.

— Vamos decidir isso depois — determinou o moço.

Colocou a tábua e o tapete no lugar.

— Vou para perto de Izilda — decidiu Rafaela. — Aproveito para ajudar com o almoço. Logo depois, temos de ir ao centro espírita.

— Leve a faca, por favor, para a cozinha. Vou para o quarto, guardo as joias e tomo banho.

Almoçaram. Aproveitando que o casal de empregados estava no quintal, Júlio foi falar com eles.

— Estou pensando em vender a Toca e, se der certo, vocês dois, se quiserem, continuarão empregados.

— O senhor Abílio — contou Glória —, nós o encontramos na noite de domingo após a missa, nos garantiu que, se comprasse

a Toca, ele nos empregaria, e com carteira assinada. Isso é tudo que queremos para poder nos aposentar mais tarde. Se der certo, ficaremos contentes.

Júlio entrou na cozinha, Izilda e Rafaela lavavam as louças.

— Iremos sair, Izilda, mas voltaremos antes de escurecer; feche a casa para nós, minha amiga. Conversaremos com você depois, vamos lhe explicar tudo e contar nossos planos, não se preocupe, nós não deixaremos você de fora.

— Obrigada, Julinho. Confio em você. Mas não quero nada, não se preocupe comigo, já recebi muito com a minha vinda aqui. Fiz o que deveria, queria, fazer.

Júlio e Rafaela saíram da cozinha e o moço escutou de Ludovico:

— *Gostosa!*

O rapaz não respondeu. Olhou para o jardim de inverno. Gedor não fizera um bom serviço com as terras nem com as plantas.

“Não vou fazer nem pedir para ser feito. Que os novos donos resolvam.”

Saíram da Toca, iriam ao centro espírita.

## Os convidados

No carro, Júlio comentou:

— Senti muita agonia, sofri ao tirar aquelas ossadas do jardim. Até que fui bem com os ossos da minha avó, porém, quando tirei os de Ângela, tive vontade de chorar, senti reviver os momentos difíceis da minha última encarnação.

— Foi por isso que não quis ver, ficar no jardim de inverno, preferi esperar na sala, depois fui ao jardim colher flores. Não me senti enterrada ali, graças a Deus; o que senti ao entrar nessa casa, quando cheguei, foi a sensação forte e nítida de ter vivido ali e de ter sido infeliz. Na sala de jantar, senti uma sensação de horror, de ter sido arrastada pelos cabelos. Com certeza essas cenas me marcaram muito, porque bastou rever o local para recordar. Por isso não me senti segura para ver aqueles restos de corpos que fizeram parte de uma de minhas encarnações.

— Fez bem! — Júlio deu um longo suspiro. — Quando me desenterrei, ou seja, peguei os ossos que foram de um corpo

meu, me desesperei, me esforcei para continuar com o trabalho, a sensação foi ruim, realmente nada agradável. Pegar um osso e concluir que esteve no meu pé, na minha costela, que fez parte de um corpo físico que meu espírito revestiu... Foi estranho! Não consigo descrever o que senti e sinto ao contar a você.

— Isso acabou! — Rafaela tentou animá-lo. — Penso que temos de falar tudo o que queremos sobre isso agora para depois deixarmos na mente simplesmente como um acontecimento, pois não iremos esquecer esse fato. Que lição podemos tirar disso tudo?

— Que vivemos e revivemos — Júlio estava mais tranquilo. — O importante é o nosso espírito, que sobrevive. Você tem razão, contei e não estou mais com vontade de falar desse assunto. Deve ser um fato raro, um encarnado desenterrar restos mortais que já lhe pertenceram. Pertenceram? O que é nosso de fato? O que somos? Espírito! Concluí também que é o presente o período importante. O que passou, passou, e mais ainda o passado de outras vivências.

— Graças a Deus, tudo deu certo! — Rafaela sorriu contente. — Vamos falar de nós? Fazer planos?

— Vamos — concordou o moço. — Quero me casar com você, e logo.

Falaram entusiasmados do que queriam e pretendiam fazer.

Chegaram ao centro espírita, Rufino gentilmente os recebeu e os acompanhou à sala de passes, perguntou como estavam, Júlio contou que cumprira a promessa que fizera à sua avó.

— Será que vovó sabe o que fiz? Embora ela tenha depois afirmado não se importar mais com o lugar onde o que restou do seu corpo físico estava, cumpri com minha palavra.

— Com certeza a senhora Justina soube; de fato não se importava mais, porém penso que você agiu certo — Rufino opinou gentilmente.

— Senhor Rufino, encontrei aqui na Doutrina Espírita a seta que precisava para indicar o caminho a seguir. O espiritismo está me mostrando a seta. Isso me tranquiliza.

— Júlio — Rufino sorriu — alegre-me por você ter encontrado conosco, no Espiritismo, o esclarecimento que indicará a direção de sua trajetória. São muitas as setas, e cada pessoa, se procura, a encontra nas muitas religiões e no trabalho no bem. Quando conseguimos vê-la, como aconteceu com você, que, ao conhecer a Doutrina Espírita, compreendeu que, nos ensinamentos seguidos por nós, ter uma seta contempla o abandono para seguir em frente. Para onde indica a ponta? É você que tem de descobrir. O que ela mostra a você?

— Que tenho de estudar, compreender os ensinamentos de Jesus e vivenciá-los — Júlio estava realmente sendo sincero.

— A mim também foi me indicado isso — concordou o orientador da casa. — Porém, é cada um que tem de fazer o que lhe compete. A Doutrina Espírita tem sido a seta para muitos. É maravilhoso! Entretanto, a responsabilidade de cada um é seguir o caminho apontado. Aconselho a ultrapassar esse deslumbre que está sentindo agora e seguir caminhando seguro nos dias calmos e nas tempestades. Com certeza, quando caminhamos, encontraremos outras indicações e, como a primeira, deve ser deixada para que continuemos avançando.

— Nunca tive medo de desencarnados, via alguns de vez em quando, porém, nessa casa, ouvi-os e conversei com eles. Sou médium? — o moço queria ouvir a opinião de Rufino porque confiava nele.

— Com certeza, embora pense que sua mãe tenha o ajudado para que isso ocorresse, ou seja, você ouvi-los, para que resolvesse esse problema.

— Vamos, Rafaela e eu, aprender nos cursos de estudos do centro espírita que ela frequenta, para trabalhar com a mediunidade e ajudar outras pessoas como estamos sendo ajudados. Um fato me intriga: por que os desencarnados que estão na casa não interferem na vida dos empregados?

— Penso — respondeu Rufino — que não tiveram interesse neles porque com certeza os queriam bem para fazer o trabalho

da casa. Essas pessoas que citou não devem ser sensíveis.

— Sabe o que pensei? — Rafaela indagou, não esperou pela resposta e completou: — O senhor Hermes foi apaixonado por Ângela. Encontrou-me reencarnada, poderia se apaixonar novamente e me obsediar, não é?

— Foi apaixonado e matou — Rufino concluiu. — Sim, ele poderia tentar. Porém, ele os assassinou. Poderia talvez conseguir se vocês dois não o perdoassem, quisessem se vingar e o tivessem obsediado. Isso não ocorreu. Desencarnaram, foram socorridos, entenderam, perdoaram e resolveram continuar a jornada ficando por um período, de poucos anos, no Plano Espiritual e reencarnaram. Recebemos de volta o que fazemos. Seria difícil ele obsediá-la porque você não foi uma obsessora e, conhecendo o Espiritismo e frequentando uma casa espírita, seria fácil afastá-lo.

— Que explicação! Compreendi! — Júlio sorriu aliviado.

— Quem já foi obsessor — orientou Rufino — poderá, em alguma época de sua vida, ser, até em outras encarnações, obsediado para um aprendizado. Porque se não aprendemos principalmente a perdoar, pode-se entrar numa fase “toma e recebe”, ou seja, uma hora se torna obsessor, outra hora é obsediado. Já vi casos assim, às vezes, infelizmente, duram séculos; um se vinga por não perdoar, depois é o outro que

desconta.

— De fato não permitiria Hermes me obsediar — concluiu Rafaela.

— Isso porque você não é devedora. O perdão nos desliga do desafeto. Agora, por favor, vão para o salão e após a palestra conversarei com vocês. Há pessoas para receber o passe.

O casal se dirigiu para o salão, acomodaram-se e calados ficaram, pensando no que ouviram.

“Perdoar, de fato, nos faz bem. Ainda bem que perdoei e estou tentando auxiliar quem me fez mal”. Júlio estava naquele momento tranquilo.

No horário para iniciar a palestra, um senhor foi à frente e lembrou os dias e horários dos atendimentos da casa e apresentou a palestrante.

— Quem irá nos passar a mensagem do Evangelho é Rose, uma trabalhadora da casa.

Uma senhora foi à frente e leu um texto do Evangelho.

— Esse ensinamento — começou Rose — é de Lucas, capítulo 14, versículos 16 a 24. “Um homem fez uma grande ceia e convidou muitos. E, à hora da ceia, mandou um servo dizer aos convidados que viessem...”

Rose leu o texto todo, depois fechou o livro, fez uma ligeira pausa e explicou o que foi lido.

— Com certeza, muitos aqui já escutaram essa passagem evangélica: “Os convidados ao banquete”. Estamos sempre sendo convidados, e as desculpas infelizmente não mudaram muito. São pretextos fúteis, objetos materiais, prazeres, atenção à vida mundana. Desculpas para não seguir os ensinamentos de Jesus, para não caminhar rumo ao progresso, para não ser bom, não se tornar um servo útil. E se nós fôssemos convidados agora, nesta fase de nossa vida, o que aconteceria? Aceitaríamos? Se aceitássemos, que maravilha! Mas, se recusássemos, qual desculpa daríamos para tentar nos justificar? Poderíamos dar muitas desculpas, mas seriam justificadas? Como o primeiro convidado disse, comprara uma quinta, algo material, e precisava vê-la. Comprara sem ver? Nem desculpa dera direito. O segundo, parecendo-se com o primeiro, comprara algo e precisava ver. Negócios, bem perecíveis. Que troca! O terceiro nem pede desculpas, casou-se e pronto, não quer ir ao banquete, não quer, naquele momento, pensar nas coisas espirituais, mas, pelo menos, não mentiu. O tempo vai passando, reencarnação a reencarnação. Quando chegará o nosso tempo de seguir os ensinamentos de Jesus, aceitar o convite para melhorarmos? E, quando o aceitarmos, como pareceremos para os que ainda estão somente preocupados com a vida material? Pareceremo-nos com aqueles que vivem os ensinamentos do

Mestre Nazareno e que, tantas vezes, são tachados de “simplórios” porque não correm atrás de bens materiais, se acham e agem como administradores, entendem que tudo pertence a Deus. Que são vistos como tolos porque têm respeito pelo sexo, alimentam-se para manter o corpo e não para adoecê-lo. Porém, são eles os felizes, os que aceitam o convite. Estamos recebendo sempre o convite divino para progredir. Vamos parar de dar desculpas e aceitar. Devemos ser bons em todas as circunstâncias e lugares, estejamos no Plano Físico ou no Plano Espiritual. Porque, se não nos convertermos, entendermos que não podemos mais errar e fazer o bem que tem de ser feito, podemos continuar cometendo atos equivocados, estejamos revestidos do corpo físico ou não. Porém, alerta: ser bom, fazer o bem, não é ser bonzinho, mas fazer o que tem de ser feito. Muitas vezes, para sermos bons, temos de exigir dos outros disciplina, que ajam corretamente, principalmente dentro de um grupo. Às vezes, ao agirmos com severidade e firmeza, podemos parecer autoritários, antipáticos. Porém, quem permite abusos sobre a cunha de ser bom está sendo mal, deixando que outros errem. Quando fazemos prevalecer a verdade sendo justos, as coisas certas com ordem e disciplina, estamos sendo bons. Quando Jesus expulsou os vendedores do templo,<sup>[1]</sup> demonstrou estar agindo certo, sua atitude foi a de quem

corrige, de quem é bom. Às vezes, ao agirmos com firmeza, podemos deixar pessoas ofendidas: são os que não entendem, para essas pessoas, são atitudes más; contudo, para os que as entendem, são advertências para melhorarem. Jesus teve coragem, foi até considerado uma pessoa má por aqueles que não são bons ainda. É nessa coragem que devemos nos espelhar e aceitarmos o convite; e, se o tivermos aceitado, ter mais coragem ainda, porque podemos ser criticados. Que Jesus nos abençoe!

Finalizou com uma linda oração, rogando a Deus, a Jesus, coragem para conseguir viver no bem.

Muitos necessitados foram receber o passe. Terminou, e as pessoas foram saindo. Rufino aproximou-se deles.

Júlio reparou num homem, porque este passou por eles e nem se despediu.

“Esse senhor”, pensou ele, “chegou conosco, estava aflito, com os olhos avermelhados, demonstrando ter chorado. Foi atendido, recebeu o passe, agora me pareceu estar se sentindo melhor. Saiu e nem agradeceu.”

— Meus jovens — Rufino comentou depois de ter observado o senhor e Júlio e sentir o que o moço pensara —, nós aqui, os trabalhadores da casa, preferimos servir do que ser servidos.

Não fazemos nada por troca, para receber algo e não exigimos nem agradecimentos. Porém, todo trabalho do bem tem retorno. Fazendo se aprende, e conhecimento adquirido é um tesouro que a traça não rói, não nos é tirado. A satisfação do bem realizado nos dá alegria que nos leva a nos sentir bem. A melhor coisa que damos é o exemplo, e as pessoas gratas devem seguir as atitudes de seu benfeitor. Quem não aproveita os benefícios recebidos não é grato, às vezes nem sequer percebe o exemplo dado, normalmente continua doente e necessitado. Mas tenho a certeza de que uma pessoa aproveitou bem: quem fez a boa ação. O beneficiado recebeu o bem que alguém lhe fez, o benfeitor se tornou bom pelo bem que fez. Então, meus amigos, o principal beneficiado é realmente o benfeitor. Não se deve esperar coisa alguma por se fazer o bem, por ser bom: nem agora, encarnado, e nem depois, no Plano Espiritual; não se deve esperar algo em troca, recompensa. Não devemos ser bons para sermos recompensados.

— Mas os atos têm retorno, não é? Tantos os bons como os que não são — Rafaela quis entender.

— Isso é inevitável. O que disse foi para não esperar, cobrar, por algo feito. A paz que sinto em ajudar é, para mim, a maior dádiva — Rufino, sempre gentil, tentava orientá-los.

— Começo a entender que é bom fazer o bem! — Júlio

exclamou. — Penso, porém, que quem ainda não aprendeu a agradecer pode ser que não venha a receber de novo. Talvez feche uma porta para um auxílio futuro.

Rufino sorriu e esclareceu:

— Isso pode ocorrer, mas não conosco, tentamos auxiliar sempre e, nas ajudas que damos, tentando orientar. Já disse muitas vezes “de nada”, para aquele que não agradeceu. Tentamos ensinar a agradecer. Infelizmente alguns, julgando-se sofredores, necessitados, acreditam que têm de receber e que nós aqui somos todos voluntários, temos obrigação de dar o que eles querem. Ensinar é a maior caridade. Quem é grato está aprendendo a amar.

Rufino fez uma ligeira pausa e mudou de assunto.

— Dos três desencarnados que estavam na casa, somente um aceitou ficar conosco, foi o médico. Esse espírito estava inquieto; quando ele desencarnou, entendeu que estivera errado, acreditava erroneamente na não existência do espírito; para ele, morria e acabava. Decepcionou-se, disfarçava, mas se sentia infeliz, estava incomodado com o modo como estava vivendo. Aceitou ficar conosco e quer aprender. Espero que isso ocorra, de ele ficar conosco e adquirir conhecimentos. Os outros dois não aceitaram, o livre-arbítrio deles é respeitado; tiveram de nos escutar, mas, infelizmente preferiram continuar vagando, não se

interessaram no que temos a oferecer. Eles foram levados de volta à casa.

— Não quiseram mudar! — lamentou Júlio. — Penso que, como na palestra, não aceitaram o convite. Que pena! Realmente, apenas mudamos quando queremos.

— É verdade! — concordou Rufino. — Cada um tem seu tempo.

— Como devo agir com eles? — Júlio quis saber.

— Vocês vão vender a fazenda, a casa e irão embora, eles ficarão por escolha. Não deve se preocupar com eles. Os dois agora sabem que existem outras maneiras de viver, outra forma de continuar vivendo. Façam o que tem de ser feito e vão embora. Uma nova fase da vida lhes será apresentada. Sigam tranquilos!

— Muito obrigado, senhor Rufino, agradeça à equipe por nós. Foi um prazer conhecê-lo, assim como também a casa espírita — Júlio estava de fato agradecido.

Rufino os acompanhou até a saída. Despediram-se. O casal agradeceu novamente e o dirigente da casa desejou a eles paz e harmonia.

Voltaram contentes conversando sobre o que ouviram e aprenderam.

— Rafaela, tenho a certeza de que por muitas vezes fui

convidado e me desculpei, como na parábola. Pensando agora na minha vida, foram muitas as recusas. Na minha infância, neguei participar de um grupo que arrecadava alimentos e os distribuía; na adolescência, não quis fazer parte de um grupo de jovens estudantes que distribuía sopa. Gabriel e Haroldo fazem parte de uma sociedade que faz muitas caridades, recusei-me a participar. Você me convidou, muitas vezes, a ir ao centro espírita. Precisei passar por esse período para compreender que estou recebendo mais um convite. Chega de desculpas! Aceito desta vez e estou disposto e agradecido.

— Aleluia! — Rafaela sorriu contente. — Estou disposta a lhe ajudar e agora faço o propósito de fazer mais atos de caridade. Eu também não aceitei os convites como deveria. Fiz menos na juventude com a desculpa dos estudos e confesso que, por você, para estarmos juntos, estava indo menos vezes à casa espírita, não participando como antes. É desculpa do terceiro convidado da parábola? Agora estou reconhecendo que sim. Estamos, pelo que passamos, mais entusiasmados com o convite. Não quero que esse entusiasmo passe e as preocupações do dia a dia façam-nos mudar de ideia. Estou lhe informando, decidi não deixar isso ocorrer, voltarei às minhas atividades e espero não deixá-las mais. É isso! Decidi e está decidido! Espero, querido, que você não deixe passar essa oportunidade e realmente fique

firme no que propôs. Não dê mais desculpas!

— Prometo primeiro a mim, depois a você, quero muito, agora que vi o caminho, percorrê-lo, ainda mais se é para caminhar juntos.

— Então, meu namorado, futuro marido, está prometido! Com certeza essa decisão nos unirá mais. Penso, meu querido, que o convite ao banquete nesse ensinamento de Jesus é muito mais profundo. Agora, não podemos entender, porém, conforme fomos estudando, fazendo o bem para sermos bons, compreenderemos melhor a grandeza desse convite.

— Sinto — concluiu Júlio — que eu não estou dentro ou fora, faço parte do todo.

O retorno foi tranquilo.

## A venda da Toca do Tatu

Chegaram na Toca. Izilda os esperava com um lanche. Enquanto lanchavam, Júlio contou os planos para a antiga empregada.

— Izilda, Rafaela e eu decidimos nos casar. Entendemos que realmente nos amamos, este amor é bem antigo, nos damos bem e, melhor, nos aceitamos, isto é, somos tolerantes com os defeitos um do outro. Queremos estar juntos! Vou vender a Toca do Tatu e o restante da fazenda. Espero fazer negócios por aqui mesmo. Se não conseguir, irei colocá-los à venda em imobiliárias da região e da capital. Para ficar como dono, comprá-los, usei todas as minhas economias, como já lhe contei, e não tenho como viver aqui sem trabalhar. Depois, penso que não me adaptarei a um local isolado, numa cidade pequena, não sei ser agricultor, percebi que não é tarefa fácil plantar. Como ouviu, logo mais estarei recebendo visitas, quero acreditar que são interessados e que eu possa vendê-los. Rafaela e eu iremos embora. Ela trabalha numa agência de turismo e o

proprietário a está vendendo o negócio; pensamos em comprá-lo e trabalharemos nós dois nela. Terei de me adaptar a uma maneira nova de trabalhar e aprenderei com certeza porque quero. Rafaela gosta muito do que faz e saberá muito bem tocar a agência de turismo. Moro num apartamento, e Rafaela em outro; irei morar com ela e alugarei o meu. Aquele em que ela reside é dela e fica perto da agência. Você, minha amiga, como Abílio afirmou, poderá ficar aqui como empregada.

— Não quero! Pelo que entendi, eles me querem aqui como uma pessoa que se vestirá de modo exótico para assustar e contar histórias da casa, dos fantasmas. Não, isso não é para mim! — Izilda riu.

Os três gargalharam.

— Com certeza Gedor dará conta dessa tarefa, ele já assusta e poderá se tornar ainda mais assustador — concluiu Júlio.

— Nós a estamos convidando a vir conosco — Rafaela sorriu carinhosamente.

— Sim — completou Júlio —, você poderá ficar conosco, morar com a gente.

— Na cidade grande? — Izilda os olhou. — Agradeço. Sou grata a vocês; a você, Julinho, mas não aceito. Vi uma cidade grande uma vez somente, não gostei. Com certeza, não iria me adaptar. Depois vocês dois trabalham, iria ficar sozinha muito

tempo. Acostumei-me com muitas pessoas, com idosos. Devo voltar ao asilo.

— Tem certeza de que é isso o que quer? — Júlio queria a afirmação dela.

— Absoluta! — Izilda estava convicta.

— Fui ao asilo — contou Rafaela —, conversei com a coordenadora e soube que lá tem uma parte do estabelecimento que é paga.

— Tem, sim — confirmou a senhora. — São pequenos apartamentos, quartos com banheiros privativos. Quem fica lá não tem as roupas misturadas e são melhores atendidos! Dinheiro! Na maioria das vezes, ele resolve muitas dificuldades. Não pensem que eu acho errado. Eles estão certos. Cada idoso representa uma despesa grande. Muitos, como eu, não pagam nada, estamos abrigados pela caridade alheia.

— Pois é num desses apartamentos que ficará instalada, já que quer voltar ao asilo — Júlio foi decisivo.

— O quê?! — Izilda se levantou, bateu as mãos, sorriu contente. — O que você está dizendo, Julinho? Que ficarei na parte paga?

— Sim, decidimos — confirmou o moço. — Irei pagar para você, amanhã iremos lá e resolveremos tudo; depois, você e Rafaela farão as compras necessárias. Quero deixá-la bem-

instalada, com roupas de cama, banho e de vestir novas e também cosméticos, tudo o que quiser será comprado para você.

— Se o responsável autorizar, podemos sair para passear, ir à missa... — Izilda falou em tom baixo.

— Pois eu serei o responsável e farei isso!

Izilda chorou, o casal de namorados se emocionou. Calados, esperaram a empregada se recompor.

— Não sei como agradecer! — exclamou Izilda.

— Pois eu sei. Um beijo! Não! Dois beijos!

Izilda o abraçou e lhe deu dois beijos estalados.

— Estamos combinados! — Júlio estava emocionado. — Amanhã, logo após o desjejum, iremos à cidade, acertarei o seu apartamento no asilo e vocês duas irão às compras.

Izilda ia comentar algo, mas escutaram bater no portão.

— É a primeira visita! — anunciou o dono da casa.

— Sirvo café? — Izilda quis saber.

— Sim, porém somente um pouquinho para mim. São quatro visitas, uma seguida da outra. Por favor, abra o portão, deixe-o aberto e conduza o visitante à sala de estar.

Júlio esperou na sala; logo, um senhor que já conhecia entrou, cumprimentaram-se e o proprietário foi direto ao assunto.

— Senhor, estou vendendo as terras do fundo da casa.

Interessa-se?

— Infelizmente usei de todo o meu capital para comprar as terras do senhor Hermes que arrendava. Não disponho no momento de dinheiro. Quanto quer por elas? Lá não tem nenhuma benfeitoria.

— Quanto o senhor acha que valem?

O homem falou uma quantia. Júlio insistiu:

— Diga, por favor, não como comprador, mas quanto alguém da região acharia que realmente valem. Por essa quantia que falou, eu não as venderia.

O homem disse outra quantia, que Júlio achou razoável. Izilda serviu café com bolachas. A visita quis indagar sobre as ossadas, Júlio mudou de assunto, e assim que ele terminou de tomar o café, o dono da Toca se levantou, estendeu a mão para o cumprimento e agradeceu.

— Muito obrigado, senhor. Boa noite!

O homem teve de ir embora.

Logo chegou o outro, o que comprara a outra parte da fazenda, e a visita foi parecida. Ele não podia comprar porque era difícil ir lá, não tinha dinheiro, mas, indagado, disse o tanto que achava que valiam e também a casa. Este foi mais direto. Perguntou:

— Como se sente depois que levou as ossadas para o

cemitério?

— Muito bem, obrigado.

— Foram assassinados? O que sabe?

— Infelizmente, não sei de mais nada. Agora, por favor, irei receber outra pessoa. Agradeço-lhe por ter vindo, me ajudou informando quanto valem. Boa noite!

O senhor não se levantou; Júlio então saiu da sala, o deixando sozinho. O homem ficou por uns três minutos na sala; depois, vendo que o proprietário não voltaria, saiu e foi embora.

No horário marcado, chegou o vizinho. Apresentaram-se. Júlio falou de sua intenção de vender as terras que faziam divisa com as dele. Este senhor estava interessado, mas achou caro, queria comprar por bem menos.

— Senhor — Júlio se expressou com segurança —, não preciso vender as terras nem a casa, estou fazendo isso porque decidi não morar aqui. Quis ofertar primeiro aos dois que compraram as outras partes e depois ao senhor, que é vizinho. Não dando negócio, aviso-o que as colocarei em imobiliárias nas cidades vizinhas e na que moro.

— Terei então vizinhos?

— Com certeza — respondeu Júlio.

— Mas como a pessoa que comprar aquela parte entrará nessas terras? — o senhor quis saber.

— Fácil! A Toca é minha. Irei vendê-la, mas poderei deixar do lado direito um pedaço de terra grande o suficiente para abrir uma estrada, um caminho. Assim, a pessoa que comprar poderá ir facilmente lá.

— Posso ter um vizinho desconhecido?

Júlio sentiu o homem preocupado e completou a informação:

— Sim, assim como também essas terras podem se tornar chácaras e aí terá muitos vizinhos.

O homem coçou a cabeça e perguntou:

— Você não deixa um pouco por menos?

Negociaram. As terras foram vendidas.

— O senhor fez um bom negócio — elogiou o dono da Toca.

— Com tudo acertado entre nós dois, na quinta-feira pela manhã, assinaremos o contrato de venda.

— Já na quinta-feira? Esta semana? — admirou-se Júlio.

— Sim. O cartório, pelo pouco serviço que tem, é rápido. Tenho a certeza de que estará pronto, principalmente por você ter vendido há poucos dias as outras partes, e eles terem todos os dados seus de que precisam. Vamos combinar que às oito horas e trinta minutos nos encontraremos na frente do banco; nesse horário está fechado, mas o gerente está sempre lá pela manhã. Transferirei o dinheiro para sua conta e, depois, vamos ao cartório. Vou agora à casa do dono do cartório para ele,

amanhã, providenciar o documento. Se por acaso tiver de mudar de plano, avisarei você. Pelo que sei você receberá logo mais os interessados na compra da casa. Vou embora. Obrigado! Boa noite!

Júlio agradeceu e o acompanhou até o carro. Entrou novamente. Olhou para as duas mulheres que estavam sentadas em cadeiras atrás da porta.

“Espero que Rafaela não aprenda com Izilda a escutar atrás de portas.”

— E aí? O que acharam?

— Você fez um bom negócio, querido. Pensou mesmo em lotear essas terras e transformá-las em chácaras? — perguntou Rafaela.

— Não havia pensado, saiu espontâneo. Se tivesse dinheiro, talvez fosse um bom negócio. Porém, antes teria de pesquisar. Haveria compradores?

Escutaram carros chegando.

— Espero que comprem também a Toca! — desejou Júlio.

As duas acomodaram-se novamente, e Rafaela se justificou:

— Preciso estar perto de Izilda. O cordão!

O moço foi receber as visitas. Vieram os três. Após os cumprimentos, Ludovico Filho, que era chamado pelos outros de Luc, falou:

— Continuamos interessados na compra da Toca do Tatu. Quanto quer pela casa?

Júlio, pelo que conversou com os outros três fazendeiros, tinha ideia de quanto valia. Naquela cidade, os imóveis não eram caros. Disse um pouco mais. Negociaram. Chegaram num acordo.

— Vendi as terras que ficam nos fundos da casa. Irei passar a escritura depois de amanhã — informou Júlio.

— Ótimo, passaremos também a desta casa — afirmou Ludovico Filho.

— Não é muito rápido? — Júlio duvidou.

— Aqui não é; pagando, tudo se ajeita — Ludovico Filho sorriu.

Izilda e Rafaela serviram café com bolinho.

— A senhora não quer mesmo trabalhar conosco? — perguntou Abílio.

— Não, agradeço o convite, mas estou voltando para o asilo.

— Podemos ver a casa? — Abílio estava curioso para conhecer a propriedade.

— Sim, fiquem à vontade. Não irei tirar nada, vocês estão comprando com tudo.

Os três, entusiasmados, falando de seus planos, foram andando pela casa. Foi Ludovico Filho, que conhecia bem o local,

mostrando os cômodos.

— Júlio — disse Ludovico —, iremos fazer, neste canto da sala de estar, a portaria; colocaremos a escrivaninha da recepção aqui, onde um empregado receberá os hóspedes. A sala é grande, colocaremos mais dois sofás e mais poltronas. Compraremos mais cadeiras, redes para a área, o local é bonito e lá se pode apreciar o jardim. O escritório será outro quarto.

Na sala de jantar, decidiram:

— Colocaremos essa mesa grande nesse lado e três ou quatro mesas menores de dois a quatro lugares neste espaço.

As duas também os acompanharam curiosas, atentas, porém caladas.

— A lavanderia — planejou Ludovico Filho — será uma sala de jogos; esse quarto será uma suíte; o cômodo da despensa fará parte da cozinha; aqui — mostrou uma parte do quintal — faremos um cômodo para guardar objetos, mantimentos; desse lado, cercaremos com muro e será construída a lavanderia.

— Quantas placas existem? As que avisam das armadilhas?  
— Abílio quis saber.

— Três — informou Júlio.

— Vou completá-las — decidiu Abílio —, farei outra parte do mesmo tamanho para ser colocada ao lado e ficarão juntas, com um desenho de um fantasma com pedras na mão. Genial, não

acham?

— Júlio, afinal esta casa é ou não assombrada? — Marcelo, que acompanhara calado, resolveu indagar.

— Sim, realmente é! — Júlio sorriu.

— Maravilhoso! Muito bom! — Ludovico Filho riu contente, estava entusiasmado.

— Ainda bem que não devo ficar muito aqui nem pernoitar, tenho medo desses fenômenos — comentou Marcelo.

— Já vimos tudo e vamos embora. Quando vocês vão deixar a casa? Desculpe-me, mas estamos ansiosos para fazer da Toca do Tatu a nossa pousada — Ludovico sorriu.

— Iremos embora, se tudo der certo com a escritura, na quinta-feira pela manhã — informou Júlio.

Realmente, Júlio e Rafaela queriam ir embora o mais rápido possível. Pensou decidido:

“Vendeu, está vendido. Os donos serão eles.”

— Pois tudo vai dar certo, providenciaremos para que dê — afirmou Ludovico. — Vocês não querem nos contar mais sobre as assombrações e as ossadas?

— O que sei — respondeu Júlio —, sabemos, das ossadas, foi o que contei. Infelizmente, não sei de mais nada. Quanto aos espíritos que estão na casa, é melhor ser surpresa, vocês que devem descobrir quem são, foram e o que fazem.

— Por que você não quer nos contar, Júlio? — Ludovico Filho queria mesmo saber. — O meu padrinho foi o assassino? Não quer expor os podres da família?

— Não sei mesmo de mais nada. Se você, Ludovico Filho, afilhado e frequentador dessa casa, próximo de tio Hermes, não sabe, por que eu teria como saber?

— Eu também não sei. Que pena! — lamentou o afilhado de Hermes. — Mas poderemos inventar baseados nas fofocas.

Dirigiram-se para a porta de saída.

— Espero que o projeto de vocês dê certo. Desejo mesmo! — Júlio estava sendo sincero.

Combinaram de se encontrar na frente do banco, depois irem ao cartório e, com tudo acertado, os rapazes viriam para a Toca como novos donos.

Júlio foi fechar o portão. As duas lavaram as xícaras, colocaram objetos no lugar.

— Estou cansado! Vamos dormir!

Os três verificaram se a casa estava fechada.

— Penso — opinou Rafaela — que aqui poderíamos deixar portas e janelas abertas. Não corremos perigo de sermos roubados.

— Pois não entraram no quintal? Arrebentaram a cerca — lembrou Júlio.

— Entraram no quintal para pegar frutas ou para desafiar os fantasmas. Na cidade não deve ter ladrões — Rafaela expôs sua opinião.

— O que acha, Izilda? — Júlio quis saber o que ela pensava.

— Esta casa, sempre à noite, esteve com portas e janelas trancadas. Tanto que quando o senhor Hermes morreu, ou desencarnou, como vocês falam, a casa estava fechada. Sinto-me mais segura para dormir com ela assim.

Depois de verificar se tudo estava bem fechado, foram para seus quartos.

Júlio orou, sentiu que de fato fizera e estava fazendo tudo o que deveria ser feito.

Choveu na madrugada e dormiram até mais tarde. Foi Izilda quem se levantou primeiro para abrir a porta para o casal de empregados. Quando os namorados se levantaram e tomaram café, Júlio informou.

— Vamos à cidade. Você, Izilda, vem conosco. Almoçaremos por lá. Vocês duas se organizem e peçam para Glória fazer o almoço para ela e o marido.

Organizaram-se e saíram. Foram ao asilo. A atendente os recebeu e Júlio foi direto ao assunto:

— Por favor, senhora, gostaria de obter algumas informações.

Fez muitas perguntas, foram ver um dos apartamentos que estava vago, conversaram sobre preços, acertaram.

— Então — a atendente revisou: — Izilda ficará no apartamento, vocês irão mobiliá-lo, trarão roupas de cama, banho e roupas para ela. O pagamento será feito todo quinto dia útil do mês, assim como também será enviado um extra para ser entregue a ela para suas despesas particulares, e ela está tendo autorização para sair, passear, fazer visitas e ir à missa. É isso?

— Sim, é isso — concordou Júlio. — Quero deixar três meses pagos.

O moço acertou tudo com a atendente, assinou os documentos. Rafaela ficou com ele, mas Izilda foi contar a novidade para os amigos da casa.

— Esperamos você amanhã, Izilda — despediu-se a moça.

Saíram do asilo, foram a uma loja de móveis, compraram cama, colchão, cômoda, um roupeiro pequeno e uma mesa de cabeceira, era tudo que cabia no quarto. Foram almoçar e as duas fizeram uma lista do que seria comprado. As pessoas os olhavam curiosas, só não se aproximaram porque não deram abertura.

— Julinho, não sei como agradecê-lo. Estou tão feliz! Deus lhe pague! Não fale que tenho de agradecer com beijos. Rafaela pode não gostar.

— Respondo ao seu agradecimento com “de nada”! E que

Deus nos proteja. Rafaela, pegue esse dinheiro, não aguento mais ir a lojas. Você me leva até a Toca, fica com o carro e façam todas as compras. Espero-as na casa.

— Tudo bem — concordou Rafaela. — Iremos comprar diversas roupas, cosméticos, e Izilda quem escolherá. Quero-a bem-arrumada. Também deixarei um bom estoque dos remédios que toma.

Izilda estava tão contente que contagiou o casal.

“Quem faz o bem, para si o faz!”, Júlio sorriu.

— Julinho, por que você está fazendo isso por mim?

— Porque gosto de você — respondeu o moço.

— Sei disso. Mas não é essa a resposta que quero. Por quê? — insistiu a ex-empregada.

— Porque isso é o mínimo que deveria ser feito a uma pessoa que serviu tantos anos à casa, à família. Eu faço parte dessa família.

— Não tem nada com isso e...

— O que me importa, Izilda, é que esteja bem — Júlio a interrompeu.

— Pois estou, e muito.

O moço ficou na Toca, e as duas voltaram à cidade. Ele aproveitou, pagou os empregados e lhes deu um bom extra.

Resolveu esperá-las na sala de estar. Acomodou-se no sofá.

## O retorno

“Não senti mais os desencarnados. Onde será que estão? Tio Hermes! O senhor está aqui?”, Júlio quis saber.

Nada. Silêncio. O moço insistiu. Então, sentiu os dois, seu tio e Ludovico.

— *Bastardo! Imbecil! Moleque! É isto que é!* — Ludovico não estava nada satisfeito.

— Por que está tão nervoso? — Júlio perguntou em voz baixa.

— *Ainda pergunta? Hermes está envergonhado pelo sobrinho que tem. Você foi desonesto conosco. Ter levado aquelas duas, nem ligamos; Hermes até achou bom por não ver mais a mãe, pois ela o fazia se lembrar da desavença do passado. Mas Xavier! Isso é imperdoável! Ainda bem que vai embora e não veremos mais sua cara.*

— Quero conversar com meu tio — pediu Júlio.

— *Eu estou falando!* — Ludovico estava irritado. — *Você não devia ter se intrometido em nossas vidas. Só não lhe castigo porque não consigo. Agora sei o porquê, é por causa desse espírito que o*

*protege, eu não posso com ela nem com a pedra.*

— *Ludovico tem razão* — Júlio escutou seu tio. — *Você nos prejudicou. Devia ter deixado os ossos onde estavam e estiveram por todos esses anos. Ter levado Xavier daqui foi uma atitude maldosa, uma infeliz ideia sua. Não gostamos. Sentimos, sentiremos a falta do nosso amigo. Por que fez isso conosco?*

— Titio — Júlio tentou explicar —, fiz o que devia ter feito. Devemos ter respeito por restos mortais. Se escutaram, viram os acontecimentos, sabem e devem entender que fiz de tudo para amenizar a curiosidade das pessoas e não contei que o senhor foi o assassino. Infelizmente, o senhor sabe o que é e o que fez. Matar, tirar um espírito da vida física é um erro grave. Vovó o perdoou, Ângela e Marcelino também, porém o ato do perdão não anula o erro. Com certeza, o senhor irá um dia se arrepender de seus atos equivocados. O remorso o fará querer o perdão. No seu caso, titio, aqueles a quem prejudicou o perdoaram, mas, com certeza, sentirá a necessidade de reparar, fazer o bem. Espero de coração que esse dia chegue. Quanto aos comentários, histórias irão ser contadas, pode se acostumar, principalmente porque aqui agora será uma pousada. Pedi ajuda, sim, para mim e para Rafaela, contudo, quis auxiliá-los também. Vovó e Nelinha já tinham sofrido muito no Umbral, desejavam viver de forma diferente. Foram socorridas e estão bem. Pedi por vocês,

os três que estavam aqui, querendo que ficassem bem, largassem de ser fantasmas. Porque penso que, quando o corpo físico morre, o melhor é compreender, viver com dignidade e tentar fazer o bem. Vocês três foram ao centro espírita, escutaram, viram outros desencarnados, outra forma de estar, de viver, e se somente o Xavier ficou lá, foi porque ele quis; se não quisesse, ele poderia ter voltado como vocês dois fizeram. Quis mesmo, com sinceridade, que o trio tivesse oportunidade de conhecer espíritos bons. Não me culpe! Tenho a certeza de que não fiz nenhuma maldade. Ofereceram-lhes auxílio; vocês, como todos nós, têm o livre-arbítrio de recusar ou aceitar. O doutor Xavier aceitou. Pelo que entendi, ele passou a vida encarnada acreditando em coisas que, ao desencarnar, compreendeu serem falsas. Não estava contente, por isso aceitou a ajuda. Se vocês dois não aceitaram, foi também por escolha. Agora sabem que existe outra forma de viver.

— *Você daria um bom advogado!* — ironizou Ludovico. — *Quase me convenceu com sua lenga-lenga. Você tem razão numa coisa, não forçaram Xavier; porém, se você não tivesse ido àquele lugar e pedido, nosso amigo continuaria aqui conosco. O bom é que temos planos de nos divertir com a pousada. E, como você irá embora, não preciso mais vê-lo. Vou lá fora, converse um pouco com seu tio.*

— Titio, por favor, pense no que ouviu no centro espírita, ore

e, se precisar de algo, se quiser ser socorrido, chame a minha mãe.

— *Minha irmã? Nunca!*

— Por que não, titio?

— *Eu as prejudiquei, mas não me arrependo. Se dividíssemos a fazenda, teria me tornado pobre. Depois, era eu quem trabalhava, não era justo elas herdarem algo em que nunca trabalharam.*

— Leis são para serem seguidas. Não vou falar o que penso. Titia e minha mãe o desculparam. Mamãe poderá ajudá-lo se o senhor quiser, porém, se não pedir, elas não virão aqui.

— *Você ajudou Izilda. Acredito que não agi errado com ela. Mas me alegrei por vê-la contente. Penso que se ela estivesse aqui quando eu me senti mal, a velha empregada teria me acudido.*

— Percebe, titio, como as coisas acontecem? De fato, se Izilda estivesse aqui, o teria socorrido, talvez nem tivesse morrido ou, se tivesse, não estaria sozinho. Recebemos de volta realmente o que fazemos.

— *Bem... agora já foi, ficou no passado. Gostei de você tê-la ajudado e resolvido ir embora. Rafaela me fascina. Digo a você, agora que estamos sozinhos, porque se Ludovico escutar, irá rir de mim, que poderia me apaixonar por Rafaela, a antiga Ângela, aquela ingrata.*

— Titio, se raciocinar e se colocar no lugar do outro, entenderá a atitude de Ângela. Veio para cá como amante, por

meio de chantagem, namorara antes Marcelino, os dois se amavam; na época que veio, estavam brigados. Ela não conseguiu amá-lo, queria estar perto do namorado. Poderia ter resolvido o problema sem usar de violência, liberando-a para que os dois ficassem juntos. Matou-os sem piedade! — Júlio ia se exaltar, suspirou, tentou acalmar.

“Perdoei! Não posso, ao pensar no acontecido, sentir mágoa!”

— Titio — o moço voltou a falar após uma ligeira pausa —, o que passou ficou no passado. O senhor não conseguiria ficar perto de Rafaela agora, pois ela veste um outro corpo, pela benção da reencarnação, para evoluir por meio de outro recomeço. Marcelino e Ângela se amavam, um amor real, tanto que nos reencontramos e nos amamos.

— *Entendi! Eu a matei, ela me perdoou, seguiu seu caminho, não me quer mal, mas também não me quer perto. Se ela fosse a assassina e eu o assassinado, não a perdoaria e talvez conseguisse ficar perto dela. Sendo sincero, se conseguisse me aproximar de Rafaela, iria fazer de tudo para separá-los novamente e não deixar ninguém se aproximar dela com intenção amorosa.*

— Iria novamente fazê-la infeliz e continuar triste. Pensa em ir atrás dela? De nós? — Júlio quis saber.

— *Não!* — Hermes afirmou com convicção. — *Primeiro porque ela me repelia; depois, não saio daqui. Sei bem o perigo que corro*

*vagando por aí, posso ser aprisionado. Resolvi ser um fantasma!*

— Vamos nos reconciliar, titio? Desejo ao senhor paz e quero ir embora em paz. Amigos?

— *Embora você tenha me causado problemas, tudo bem, é melhor continuarmos sendo tio e sobrinho. Vá em paz; quanto a mim, não sei se poderei ficar em paz, basta estar em silêncio para meus erros virem à minha mente. Não vou mais me aproximar de vocês. Adeus!*

— Titio, eu... — Júlio não completou a frase porque não sentiu mais Hermes perto dele.

Júlio decidiu não levar nada da casa, somente as joias que sua avó lhe dera. Resolveu fazer sua mala. Separou a roupa que iria usar no outro dia, deixou um lugar na mala para a roupa suja.

“Se as lavar hoje, não dará tempo de secar.”

Pegou a bermuda, a que achou no armário, que era dele e que esquecera quando passou uma temporada na casa, quando criança.

“Vou dar para a Glória, que ela faça o que quiser com ela.”

Deixou tudo arrumado; o casal de empregados, com o término da jornada de trabalho, foi se despedir. O moço fechou a casa; as duas, Rafaela e Izilda, retornaram eufóricas.

— Julinho, Rafaela me comprou tantas coisas!

Ele percebeu que ela estava com roupa nova e a elogiou.

— Que roupa bonita! Você está muito bem!

— Há anos que não visto uma roupa nova, e minha. Não resisti, ao experimentar, fiquei com ela. As compras ficaram no carro, amanhã irão comigo para o asilo.

Izilda ficou de frente, para ele ver sua roupa. O moço elogiou novamente. As duas estavam contentes.

— Júlio — disse Rafaela —, não trouxemos nada para lanchar.

— Vamos ao restaurante. Nossa última noite aqui merece uma despedida.

— Será que troco de roupa? Coloco o vestido azul? — indecisa, Izilda sorria contente.

— Dou quinze minutos para se arrumarem — determinou Júlio.

Elas se arrumaram. Izilda colocou o vestido azul. Foram jantar. No restaurante, além de se sentirem observados, algumas pessoas até tentaram novamente se aproximar, os três não deram atenção. Jantaram e voltaram para a Toca.

— Irei, com certeza, ser alvo das atenções, por meses — concluiu Izilda. — Irei gostar, vão me pedir para contar o que se passou aqui.

— Izilda — aconselhou Júlio —, não diga mais nada além do que eu falei, por favor. Se contar o que sabe, poderá complicar sua vida. Você viu um crime e se calou, fofocas irão aumentar, e

você não se esqueça de que viu e não fez nada, poderá ser acusada de cúmplice e de mais coisas. Depois, pode ofender desencarnados, e isso não é bom.

— Tem razão, Julinho, obrigada por me alertar. Seguirei seu conselho. Prometo não contar nada do que sei.

Júlio desejou que a antiga empregada cumprisse a promessa e que logo passassem a comentar outro assunto.

Ficaram na sala vendo televisão e conversando.

— Arrumei minha mala — informou o moço. — Amanhã de manhã vou ao banco e, em seguida, ao cartório. Assim que terminar, volto para cá e partiremos.

— Levantaremos cedo — Rafaela completou a programação. — Você sai, Izilda e eu arrumaremos nossas malas. Em seguida, levarei nossa amiga para o asilo, volto e fico esperando você para irmos embora.

— Izilda — Júlio a olhou com carinho —, não esqueça, todos os sábados à tarde iremos telefonar para você. Perto das dezessete horas, fique perto da recepção onde está o telefone. Se precisar de alguma coisa, ligue para nós a qualquer hora, tem o telefone da agência onde vamos trabalhar e do apartamento de Rafaela, onde iremos morar. E, se nós precisarmos falar com você, ligaremos, pediremos para chamá-la e depois de quinze minutos ligaremos novamente. Não quero que lhe falte nada, por

isso reclame para nós do que não estiver do seu gosto.

A senhora sorriu, ia agradecer, mas o moço não deixou e disse:

— Vamos dormir?

A noite foi tranquila; os dois desencarnados, como prometeram, não se aproximaram deles.

Após o café, Júlio se despediu de Izilda, os dois se abraçaram desejando coisas boas um ao outro.

O moço, como combinado, foi à frente do banco e lá se encontrou com o fazendeiro e os três sócios da futura pousada. O gerente os atendeu, a operação financeira foi rápida e logo o dinheiro já estava na conta de Júlio. Saíram do banco e depois de uns minutinhos de caminhada estavam no cartório. Como os compradores tinham dito, estavam sendo esperados. Um trabalhador do local leu a escritura, todos concordaram, assinaram e pronto: Júlio não era mais o dono das terras nem da Toca do Tatu.

O fazendeiro se despediu, mas os outros três iriam para a Toca para tomar posse do lugar e receber as chaves. Os três partiram, Júlio ficou para trás, e um empregado do cartório o acompanhou; ao ver o carro de Júlio, exclamou:

— Bonito veículo!

Fez algumas perguntas, que Júlio respondeu.

— Quer vendê-lo?

Júlio observou o moço e notou que ele estava interessado.

— Vendo!

Negociaram e o carro foi vendido.

— Vou lhe dar um cheque! — o moço estava eufórico pela compra.

— Aqui estão os documentos do carro e o meu endereço. Se precisar de mais alguma coisa, telefone e eu envio pelo correio. Você me leva na Toca? — pediu Júlio.

O novo proprietário do veículo foi dirigindo e o levou à Toca, que estava com o portão aberto. Rafaela estava na área esperando-o. Júlio desceu e se despediu do moço, desejando que fizesse bom proveito com a compra do carro. Rafaela o indagou com o olhar.

— Vendi o carro! O empregado do cartório quis comprá-lo e fizemos negócio. Teríamos de viajar com dois carros, eu no meu e você no seu. Pensei: por que viajarmos separados? Ficaríamos preocupados um com o outro. Depois, trabalhando perto do seu apartamento, onde iremos morar, não precisaremos de dois carros. Com a venda, terei mais dinheiro para aplicar na agência. O melhor de tudo é que viajaremos juntinhos e, conversando, a viagem será mais prazerosa.

Rafaela sorriu, concordando, e informou:

— Os novos proprietários já chegaram, estão na sala. Já deixei Izilda no asilo, que foi bem-recebida e mandou beijos a você.

O casal entrou na sala, os três o esperavam.

— Aqui estão as chaves da casa — Júlio as deu para Abílio. — Não levarei nada desta casa, nada mesmo. Aqui estão — o ex-proprietário tirou de uma das gavetas da estante — os dois revólveres do meu tio Hermes. Um deles estava na mesa de cabeceira do quarto dele; o outro, no escritório. Nessas duas caixas estão as munições.

— Esta arma — Ludovico Filho pegou-a —, meu padrinho me deu, vou levá-la para casa. A outra pertence à Toca, deverá ficar na escrivaninha que traremos para a sala, numa gaveta trancada.

— Penso — opinou Júlio — que não é legal ter armas em casa, principalmente numa pousada onde fantasmas podem assustar a alguns hóspedes, e eles se apavorarem, atirarem e atingirem alguém.

— Bem lembrado! Agradeço! — exclamou Ludovico Filho. — Terei cuidado com a minha, e a que ficará aqui estará trancada e somente o empregado da portaria poderá usá-la, com recomendação para fazê-lo somente se muito necessário, como num assalto.

Júlio desejou que aquelas duas armas não causassem ferimentos em ninguém.

Despediram-se desejando sucesso mútuo. E, como prometeram, os dois desencarnados, não foram se despedir, Júlio os sentiu.

“Despeço-me do senhor, titio. Deixo votos de tranquilidade para o senhor e também a Ludovico.”

Glória e Gedor foram ajudá-los com a bagagem. Júlio e Rafaela saíram da casa, colocaram as malas no carro e se despediram do casal de empregados, que retornou à casa dizendo ter muito o que fazer.

Júlio abriu a porta para Rafaela e a ajudou a se acomodar, ia entrar no veículo quando lembrou de algo.

— Querida, esqueci de uma coisa, volto logo.

Não esperou que perguntasse o que era, entrou na casa, passou pela sala e escutou os três novos proprietários conversando no escritório entusiasmados, faziam planos.

“Que dê tudo certo!”, desejou o moço.

Foi à sala de jantar, ao jardim de inverno e, pisando com cuidado para não sujar os sapatos de terra, parou em frente à jabuticabeira. Abraçou-a.

— Desculpe-me, minha árvore! — sussurrou. — Estou lhe dando o segundo abraço, um quando cheguei e agora que parto,

não vim como outrora conversar com você. Perdoe-me! Continue bonita, frondosa e dê muitos bons frutos. Aqui, com certeza, será movimentado e você não ficará mais tão sozinha.

Beijou seu tronco. Novamente, com cuidado, olhando onde pisava, atravessou o jardim, as salas, e rapidamente acomodou-se no carro e partiram. Não olhou para trás nem esperou a namorada perguntar o que esquecera.

— Fui me despedir do meu pé de jabuticaba.

Minutos depois estavam na estrada.

— Rafaela, sem entender o porquê, vim para cá, comprei a casa e as terras. Somente agora entendi que fiz o que minha mãe queria, me pediu. Foram somente poucos dias, mas movimentados, com muitos acontecimentos. Amadureci, compreendi tantas coisas, foi como se tivesse vivido, nestes dias, muitos anos. Como foram proveitosos! Aprendi muito nessa minha estadia na Toca do Tatu. Volto diferente e contente, fiz o que deveria, e bem-feito, com proveito para mim e para os envolvidos nessa trama. E agora tenho certeza absoluta: amo você, garota! Amo-a por vidas!

— Eu também amo você, Marcelino, Júlio e os muitos nomes que ainda terá.

Riram. Estavam contentes, conversaram sobre o que ocorrera, o que viram e escutaram no centro espírita. Refizeram planos.

Como é prazeroso planejar e acreditar em aventuras.

O retorno foi agradável.

1. Nota do autor espiritual (N.A.E.): O que de fato afasta desencarnados mal-intencionados de encarnados é a atitude correta, boa, orações sinceras e bons pensamentos. A maneira correta de não conviver com espíritos maus, imprudentes, é auxiliá-los, ou seja, pedir ajuda a lugares e pessoas que possam encaminhá-los para serem socorridos, deixando de vagar. Centros Espíritas são ideais para isso, onde, por meio de trabalhos de desobsessão e orientação, médiuns estudiosos servem de intermediários e doutrinadores, conversando com eles, oferecendo ajuda e os encaminhando para locais onde serão assistidos. Porém, infelizmente, tenho visto outras maneiras de afastar desencarnados perturbados e que perturbam. Algumas não caridosas, em que são presos e às vezes levados como escravos para determinados locais ou para o Umbral. Sei que algumas pessoas, como a que Izilda citou, fazem amuletos e colocam em determinados objetos algo que repele certos desencarnados. Assim, alguns espíritos não se sentem bem ao lado daquele objeto e por isso não se aproximam. Energias parecidas se atraem. Desencarnados bons, que moram em colônias, acostumados com boas vibrações, sentem quando, por algum motivo, seja de trabalho ou estudo, têm de ficar em locais onde a vibração é muito negativa. Normalmente, permanecem somente o tempo de que realmente precisam. O mesmo se dá com desencarnados que não vibram bem, que não gostam de energias boas, eles não se sentem bem, vibrações positivas os incomodam, e eles normalmente não ficam perto e nem nesses locais. A pedra que Izilda trazia possuía uma energia que repelia desencarnados, mas somente os que não têm conhecimento. Eles, na primeira vez, ao chegarem perto, não se sentiram bem, então não se aproximaram mais. Um desencarnado autodenominado “mau”, mas com conhecimento, neutralizaria essa energia facilmente. Outros espíritos simplesmente a ignorariam. Os desencarnados que estavam ali na casa não gostavam daquela pedra e preferiam não se aproximar. Mas o que os repelia, de fato, era a mente de Izilda que, acreditando que nada de mau a atingiria, se autoprotigia. Isso acontece com amuletos, figas, colares e com vários objetos: o dono deles reforça a energia ali colocada ao se sentir protegido. Alerto: o fato de serem repelidos acontece com desencarnados sem ou com pouco conhecimento, outros até debocham desses artefatos. Repito: somente a energia positiva repele ou anula a negativa.

1. N.A.E: Certamente, quando o patriarca da família, o avô de Júlio, desencarnou, ficou vagando pelo seu antigo lar, incomodou. Por ignorância, pediram ajuda para se livrarem do problema, do incômodo, contudo sem pensar em ajudar o membro da família, um ente, às vezes, querido. Deve-se sempre pedir ajuda, nesses casos, em locais que fazem caridade, que não cobram. Quando isso ocorre, o desencarnado é orientado, encaminhado, às vezes mais de uma vez. Com certeza, o que ocorreu nessa história, verdadeira, foi que quem fez essa “pseudoajuda” prendeu o desencarnado que perturbava, incomodava e o levou para o Umbral, onde, com certeza, passou por um período difícil, em que sofreu. Novamente, aos imprudentes que não aceitam a mudança de plano, saibam que, ao ficar vagando, coisas muito piores podem lhes acontecer.
2. N.A.E.: Em abortos espontâneos, os espíritos reencarnantes compreendem que estão passando por um aprendizado, quase sempre para dar valor ao período do estágio físico ou porque estão tendo o retorno de atos equivocados. Nesses casos, os pais, principalmente a mãe, sofrem. Muitas vezes, esses espíritos tentam novamente o reencarne, se for possível, com os mesmos pais, ou escolhem outros genitores. Quando o aborto é provocado, muitas coisas podem ocorrer. Os abortados podem agir como os que o foram espontaneamente. Outros reencarnantes, sentindo-se ofendidos, prejudicados, acreditando ter recebido uma maldade, não perdoam. Muitas obsessões surgem dessa atitude. Com Justina aconteceu isso, ou seja, esse desencarnado tentou três vezes, odiou aqueles que teriam sido seus pais e quis se vingar. Ficou na casa aguardando uma oportunidade. Sabendo dos instintos daquele que seria seu irmão, tentou que fizesse o que ele queria. Foi um obsessor feroz. Hermes se afinou com ele e acabou assassinando a mãe. Entretanto, se Hermes não tivesse instinto assassino, ele não a mataria. Ambos erraram, o encarnado e o desencarnado têm responsabilidade, porém é maior a responsabilidade de quem fez a ação. Escutamos a quem queremos. Nessa história, o obsessor encontrou ambiente propício, isso facilitou a sua vingança. Só é obsediado aquele que permite ser. Se errou, deve pedir perdão a Deus, àquele a quem ofendeu, orar, procurar ser bom; então, o obsessor não tem espaço para prejudicar e, como muitas vezes acontece, a atitude boa e o exemplo acabam, quase sempre, modificando aquele que se sente ofendido.
3. N.A.E.: Tenho visto isso ocorrer, um desencarnado que vibra com maldades sintonizar com afins, e boas energias o incomodarem. Por isso, é prudente que um casal que quer ter filhos o gere na intimidade do lar e se preparar para essa gravidez, que ore pedindo que um bom espírito venha reencarnar. Na reencarnação, a afinidade também ocorre. Porém, não é regra. Pode ocorrer de o reencarnante não

ser um espírito bom e nem a fim de bons pais, mas, às vezes, estão ligados a elos do passado: um dos genitores, ou os dois, ama esse espírito ou se sente responsável por ele.

4. N.A.E.: A obsessão é a ação persistente que um espírito mau exerce sobre outra pessoa. Ela pode ocorrer de um encarnado a outro e entre desencarnados, como vemos nesta história, em que a perseguição continuou após a desencarnação de Justina. Vemos no Umbral muitos conflitos, brigas, onde os que ali se encontram afirmam ser guerras, disputas etc., que são grandes, entre grupos; as pequenas, entre dois ou mais desencarnados são, como dizem, particulares. O ódio só termina quando se aprende a amar, com ou sem o corpo físico.
5. N.A.E.: Isso ocorre com a maioria dos desencarnados que vagam e até com os que se encontram como escravos, presos nos Umbrais. Muitos deles temem os espíritos bons. Os moradores da Zona Umbralina passam medo e eles erroneamente acreditam que, com os bons, as vidas deles piorariam bastante. Mesmo sofrendo, não se lembram de chamar por socorro, porém, muitos querem se ver livres do sofrimento para continuar vivendo como gostam, não querem se modificar. É muito difícil desencarnados que vagam irem sozinhos a postos de socorro ou colônias.
6. N.A.E.: “Aura” é a emanção fluídica que nos envolve. Justina tem razão. Quem quer ter conhecimento estuda, aprende, seja ele considerado bom ou não. E, quando se sabe, basta ver; sentir é a melhor maneira para constatar se alguém tem boas intenções ou não. Ao ver a aura de uma pessoa, estando ela no Plano Físico ou Espiritual, sabemos até de seus erros, principalmente os mais graves, isso pelos pontos em determinados locais e pelas cores que dela emanam. Assim, sabemos se são assassinos, ladrões, caluniadores etc. Lembro que espíritos bem-intencionados respeitam a todos, são discretos e não comentam assuntos alheios, a não ser para ajudar. Justina, por ter vivido um tempo no Umbral, aprendeu a ver a energia dos desencarnados. Quando retornou à casa em que viveu no período encarnada, viu também nos encarnados. Muitos obsessores usam desse conhecimento para ver os pontos fracos (onde a claridade é mínima) do seu desafeto; agindo assim, têm mais chances de que a vingança dê certo. O importante é nos conscientizarmos de que devemos agir no bem e fazer o bem. Só assim faremos a energia que nos envolve, a aura, radiosa e bonita.

1. N.A.E.: Ludovico era sugestionado quanto ao amuleto, como já expliquei; por se sentir protegida, Izilda era quem mais criava essa proteção. Quando achamos que algo não nos é agradável, normalmente sentimos não ser. Quanto a Júlio, ele vibrava no bem, e depois veremos, no decorrer dos acontecimentos, o motivo pelo qual nenhum desses cinco desencarnados que ali estavam conseguir prejudicá-lo. Ludovico afirmou que não conseguia sugar energias dele. Muitos desencarnados que vagam não sabem se nutrir pela natureza, precisando da energia dos encarnados. Esse fato prejudica o sugado, ainda mais se for constante. Em muitos lugares, chamam isso de “vampirizar”, só que não é o sangue que se suga, mas as energias que os nutrem.

1. N.A.E.: *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo 10, “Bem-aventurados os que são misericordiosos”, questão 20.

1. N.A.E.: Cada reencarnação se difere das outras que tivemos. Recebemos o corpo pela herança genética. Nessa história, Rafaela se parecia com Ângela. Pela sua vontade, influenciou o corpo carnal que estava recebendo para se manifestar no mundo físico. Ela quis que isso ocorresse, foi lhe permitido e também aconteceu por ser um aspecto comum. Nem sempre isso é possível, porém, se torna mais fácil quando a reencarnação é na mesma família.
2. N.A.E.: Marcelino desencarnou de forma bruta. Hermes avisou Ângela que iria matá-la; no caso de Marcelino, o assassino temeu covardemente ter de lutar e atirou de surpresa. Marcelino era um jovem bom, amava e era amado. Com certeza, ao sentir que desmaiara, seu corpo físico já estava morto e algum espírito o tirou do buraco onde fora enterrado. Porém, sem entender, sentiu-se ligado ao corpo físico, por isso não conseguiu sair do lugar. Deve ter ficado somente alguns dias, entretanto, aquela imagem foi tão forte que, na reencarnação seguinte, ao ver o local, ele se recordou. Júlio fora, na sua reencarnação passada, Marcelino. Foi socorrido e não se recordou de mais nada. Normalmente, muitas pessoas sentem ou se recordam de lances ou de alguns fatos que foram muito marcantes.
3. N.A.E.: O esquecimento de nossas outras vivências quando estamos no Plano Físico é bênção, bondade do Criador que se estende a todos nós. Marcelino perdoou, reencarnou e, ao saber o que sofrera, teve de se esforçar para não se sentir a vítima, o ofendido. Se não se esforçasse, se não lutasse contra esses sentimentos ruins, com certeza iria querer que o ofensor sofresse e sofreria junto. O que passou não tem como ser modificado, e Celeida, a mãe de Júlio, tem razão: a ofensa, assim como a maldade, pode nos fazer sofrer; se perdoarmos, entendermos que o ato maldoso que recebemos não nos fez ser maus, que continuamos a ser bons, estamos aprendendo a amar. Porém, quando somos nós os ofensores, o retorno vem para nos ensinar. Assim como o que recebemos pode ser o retorno de nossos atos equivocados. Então, como não perdoar? Entender? É preferível mil vezes sermos os ofendidos do que os ofensores. Quem faz maldades é mau, e isso é muito ruim.

1. N.A.E: Mateus 13:4-9.

1. N.A.E: Mateus 21:12-13.

Vera Lúcia  
Marinzeck  
de Carvalho

*Pelo espírito Antonio Carlos*

**O ESCRAVO**  
DA ÁFRICA PARA A SENZALA



Da mesma  
coleção  
**Violetas**  
na janela

|| Academia

Vera Lúcia  
Marinzeck  
de Carvalho

*Pelo espírito Antonio Carlos*

The book cover features a misty, ethereal landscape. In the foreground, a dark, silhouetted cliff edge extends from the left. A lone, thin tree stands on the right side of the cliff. In the distance, a small figure is visible on the cliff's edge. The background is a soft, hazy mix of green and blue tones, suggesting a misty or rainy day. The overall mood is somber and contemplative.

**O MORRO  
DOS VENTOS**

*Médium do best-seller *Violetas na Janela**

)) Academia

ANTONIO CARLOS, em 2019, completou 87 anos no plano espiritual. Na sua última encarnação, foi médico, porém, ao desencarnar, entendeu que tinha de reparar erros passados por meio da literatura, pois ele e sua companheira de trabalho, Vera, haviam, no passado, feito uso das letras para agir imprudentemente. Prepararam-se. Ela reencarnou, ele ficou desencarnado, e, no tempo previsto, começaram a trabalhar.

Antonio Carlos é gentil, bondoso e, com seu talento, consegue transformar em histórias os relatos que escuta.

### **A médium**


Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho nasceu em São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais. É casada, mãe de três filhos, avó e atualmente reside em São Carlos, São Paulo.

Estudou e estuda com empenho a Doutrina Espírita, por meio da qual fez diversos cursos e treinou por nove anos para fazer sua primeira obra literária.

Já escreveu 70 livros, a maioria em parceria com o espírito Antonio Carlos. É com perseverança que faz e refaz seus escritos, dedicando muitas horas por dia à psicografia, atividade que realiza com amor. Transcreve com carinho o pensamento do autor. Perguntada sobre por que se dedica a este trabalho, responde: “Faço porque amo, porque tem de ser feito”.

 PlanetaLivrosBR

 planetadelivrosbrasil

 seloacademia

 planetadelivros.com.br

**#acreditamosnoslivros**

**JÚLIO** RECEBE DE HERANÇA a propriedade Toca do Tatu, mas o local tem fama de assombrado. O moço se instala na casa e muitas coisas acontecem. De fato, ele divide a moradia com cinco desencarnados, que têm, cada um, sua história de vida. Ossadas são encontradas bem em frente à sua árvore... Júlio e a namorada decidem procurar ajuda e encontram orientações num centro espírita.

O livro, embora com momentos engraçados, trata de algo sério, que ocorre com muitos desencarnados, que não aceitam a mudança de planos e continuam vivendo iludidos, sem conseguir abandonar o local onde viveram encarnados.

Quantas lições podemos tirar desta singela e agradável leitura! A dupla Antonio Carlos e Vera Lúcia nos brinda com mais uma joia literária.

)) Academia





Vera Lúcia  
Marinzeck  
de Carvalho

*Pelo espírito Antonio Carlos*

# O MORRO DOS VENTOS

*Médium do best-seller *Violetas na Janela**

)) Academia

# O morro dos ventos

de Carvalho, Vera Lúcia Marinzeck

9788542212594

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Conheça o mais novo romance da médium de Violetas na Janela. Numa pequena cidade litorânea, todos estavam entusiasmados com a expectativa de progresso: um grande hotel seria construído em cima do morro, local privilegiado. Porém, com uma desencarnada que há anos ali estava e assombrava a região, quem se arriscava a ir lá? Não querendo a construção, ela foi assustar crianças, jovens e professores na escola local. Para se livrarem dessa situação complicada, alguns moradores pediram ajuda a um grupo de estudiosos espíritas, que foi auxiliá-los. Com a leitura, nos depararemos não só com a incrível história de Carmélia, a Moça de

Branco, que aterrorizava a todos em Morro dos Ventos, como também seremos levados à reflexão do porquê, após terem o corpo físico morto, certas pessoas continuam em lugares que viveram encarnadas, assombrando o local. Antônio Carlos, mais uma vez talentosamente, nos traz uma emocionante história de amor entre dois jovens e dramas sofridos por pessoas que procuraram por orientação. No desenrolar dos acontecimentos, esclarece e ensina não somente os envolvidos na história, mas todos os que lerem esta obra.

[Compre agora e leia](#)

**WILLIAM H. McRAVEN**

NÚMERO 1 DO *THE NEW YORK TIMES* POR QUATRO MESES

# **ARRUME — A SUA — CAMA**

PEQUENAS ATITUDES QUE  
PODEM MUDAR A SUA VIDA  
...E TALVEZ O MUNDO

 Academia

# Arrume a sua cama

H. Mcraven, William

9788542211702

81 páginas


[Compre agora e leia](#)

"Deveria ser lido por todos os líderes... Um livro para inspirar seus filhos e seus netos a serem o que eles querem ser." THE WALL STREET JOURNAL "Excepcional, interessante e direto ao ponto." REVISTA FORBES "Repleto de histórias pessoais cativantes e inspiradoras. McRaven ensina nos dez capítulos deste livro como superar fracassos, aguentar as críticas e ajudar os outros." THE WASHINGTON POST Quando foi convidado para proferir o discurso da aula inaugural dos alunos de graduação da Universidade do Texas, o almirante William McRaven pensou em compartilhar suas lições sobre liderança. Afinal, em 37 anos de

carreira na Marinha norte-americana, ele exerceu o comando em vários níveis – inclusive tendo sido o responsável pela missão que capturou Osama Bin Laden. O que ele não imaginava é que o discurso fosse parar nas redes sociais, viralizar e ter mais de 10 milhões de visualizações! Impressionado com o impacto e com o apelo universal, McRaven transformou a palestra em livro onde resume as 10 lições que aprendeu no treinamento das forças especiais. Assim como o vídeo, o livro virou um best-seller – está em primeiro lugar na lista do jornal The New York Times desde que foi lançado.

[Compre agora e leia](#)

MONJA  
COEN  
E NILO CRUZ



ZEN PARA  
DISTRÁIDOS

---

Princípios para viver melhor no mundo moderno

)) Academia

# Zen para distraídos

Coen, Monja

9788542212600

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Viver nos grandes centros urbanos é um convite diário à distração. Manter o foco em tarefas simples, por mais fácil que pareça, se torna impossível com o excesso de informações e afazeres diários. Zen para distraídos aplica conceitos do budismo para melhorar o nosso bem-estar. A partir de práticas de meditação, de conceitos básicos do zen e outras técnicas milenares será possível manter o foco, desenvolver tarefas simples com muito mais concentração, ser mais assertivo, atingir objetivos e muito mais.

[Compre agora e leia](#)

MARCOS  
MION

Para ler ao lado  
de sua filha e  
construir uma  
relação para a  
vida toda

# PAI DE MENINA

Academia

# Pai de menina

Mion, Marcos

9788542213812

216 páginas

[Compre agora e leia](#)

Conheça o pai por trás de Marcos Mion, o maior comunicador de uma geração. Você foi a melhor coisa que já aconteceu na minha vida. Essa é a frase que todo pai deveria dizer para a sua filha. Você é pai de menina? Em alguns momentos, não é capaz de ser dócil o suficiente com ela? Não sabe conversar com sua princesa? Tem dificuldade em se aproximar e conversar de qualquer assunto? Já aprendeu os nomes dos personagens favoritos dela? Prepare-se: esse livro é para você. Neste livro, Marcos Mion conta sua trajetória como pai da Donatela, a Doninha. Mas mais do que isso, ele constrói um verdadeiro guia para a irmandade dos

pais de menina. Além de dar soluções e respostas para as perguntas acima, ele apresentará formas de se aproximar de sua filha, práticas corriqueiras para ter mais contato com ela e principalmente pequenos gestos, atitudes e falas que podem passar despercebidos para alguns, mas que serão a chave para você ser um bom pai todos os dias. Marcos Mion ficou conhecido por sua irreverência e capacidade de comunicação com uma geração inteira. O que nem todo mundo sabia é que, por trás deste grande profissional, existe também um grande pai. Hoje, os seus mais de 8 milhões de seguidores acompanham diariamente a sua dedicação aos filhos e à esposa, como ele coloca, de fato, a família em primeiro lugar. Seja também um #paidemenina e entre para essa irmandade de uma vez por todas.

[Compre agora e leia](#)

MONJA COEN

A sabedoria da  
transformação

*Reflexões e experiências*



Academia

# A sabedoria da transformação

Coen, Monja

9788542209594

185 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste livro, Monja Coen, missionária oficial da tradição Sôtô Zenshû para o Brasil, convida o leitor a lançar um olhar sobre si mesmo e a rever valores e conceitos. Num texto leve e bem-humorado, conta fatos históricos e situações cotidianas, fala de personagens ilustres e de pessoas comuns. A sabedoria da transformação procura nos conscientizar da importância de refletir sobre as nossas atitudes no dia a dia, para que, fazendo o nosso melhor, possamos ser a transformação que desejamos ver no mundo. Buscar a paz interior e, conseqüentemente a felicidade, é uma meta a ser conquistada. Através do desafio da vida humana,

podemos encontrar um caminho de prática que nos leve ao nosso eu verdadeiro para desfrutarmos de uma vida simples e feliz. Monja Coen, neste livro, nos presenteia com um texto claro e objetivo, recheado de amor ao próximo. Através de reflexões sobre acontecimentos ocorridos e experiências vividas, a autora ajuda ao leitor a refletir sobre suas atitudes e a buscar a transformação.

[Compre agora e leia](#)